



Linguagem e Discurso

Linguagem e Discurso
reflexões para o ensino de língua materna

v. 3, n. 1, 2021 / ISSN: 2674-6131



Pedra do Cruzeiro, Currais Novos, RN
Sobre a foto: Thiago Silva
Foto: Wagner Góis



Linguagem e Discurso

v. 3, n. 1, 2021 / ISSN: 2674-6131

Periódico Eletrônico do Curso de Letras da FELCS
Grupo de Pesquisa Práticas Linguísticas Diferenciadas
Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

REVISTA SARIDH

LINGUAGEM E DISCURSO

GESTÃO

José Daniel Diniz Melo
Reitor

Henio Ferreira de Miranda
Vice-Reitor

Alexandro Teixeira Gomes
Diretor da FELCS

Marcelo da Silva Taveira
Vice-Diretor

Grupo de Pesquisa Práticas Linguísticas Diferenciadas
Curso de Letras da FELCS

Editor-Gerente da Revista Saridh
Antonio Genário Pinheiro dos Santos

ENDEREÇO

Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Rua Manoel Lopes Filho, 138, CEP 59380-000, Currais Novos – RN
Telefone +55 (84) 3342 2293 ramal 701
revistasaridh@gmail.com
@revistasaridh

CAPA

A Pedra do Cruzeiro – Currais Novos/RN
Sobre a foto: Thiago Silva
Foto: Wagner Góis
Diagramação: Márcia Michele Justiniano Luiz

MISSÃO

Promover a disseminação de conhecimento, voltando-se para a divulgação de saberes na área de linguagem e discurso, congregando estudos, experiências e pesquisas desenvolvidas sob a égide de diferentes vertentes de investigação linguística e da atuação acadêmica.

EQUIPE

EQUIPE EDITORIAL

Alexandro Teixeira Gomes – UFRN/PROFLETRAS
Antonio Genário Pinheiro dos Santos – UFRN
Márcio Sales Santiago – UFRN/PROFLETRAS
Gianka Salustiano Bezerril de Bastos Gomes – UFRN/PROFLETRAS

CONSELHO CONSULTIVO

Alexandro Teixeira Gomes – UFRN/PROFLETRAS
Ana Maria de Oliveira Paz – UFRN/PROFLETRAS/PPgEL
Anderson Lins Rodrigues – UESC/UFPE
André Tessaro Pelinser – UFRN
Antonio Genário Pinheiro dos Santos – UFRN
Carolina Leal de Lacerda Pires – UNIBRA/IBGM/IBS
Célia Maria de Medeiros – UFRN/CCHLA/DLET
Cid Ivan da Costa Carvalho – UFERSA/PPCL-UERN
Edjane Gomes de Assis – UFPB
Evandra Grigoletto – UFPE
Fabiele Stockmans De Nardi – UFPE
Francisco Vieira da Silva – UFERSA/ PPGL-UERN/IFRN
Gianka Salustino Bezerril de Bastos Gomes – UFRN/PROFLETRAS
Hudson Marques da Silva – IPFE
Joseane Laurentino de Brito Lira- IFPE
José Josemir Domingos da Silva – UEPB
Josimere Maria da Silva – IFAL
Letícia dos Santos Carvalho – UFRN
Lucélio Dantas de Aquino – UFRN/IMD
Márcio Sales Santiago – UFRN/PROFLETRAS
Maria Alcione Gonçalves da Costa – IF SERTÃO/PE
Maria Eliza Freitas do Nascimento – UERN/PPGL
Nedja Lima de Lucena – UFRN
Nilton César Ferreira – UNIOESTE
Nivea Barros de Moura – UERN/SEEC – CE
Paulo Cesar Ferreira Soares – UERN
Pedro Farias Francelino – UFPB/PROLING
Rafahel Jean Parintins Lima – UFRN
Rafael de Souza Bento Fernandes – UNIOESTE
Rogério Mendes Coelho – UFRN
Urbano Cavalcante da Silva Filho – IFBA/UESC
Verônica Palmira Salme de Aragão – UERN

APOIO TÉCNICO

Alyssandra Viana Fonseca – UFRN
Camila Kayssa Targino Dutra – UERN
Carlos Eduardo de Oliveira Pinheiro – UERN
Célio Oliveira da Silva – UFRN
Edson Santos de Lima – UERN/PPGL
Eleonora Maria Bezerra de Araújo – UFRN
Josué Ferreira da Silva – UFRN
Marcelino Gomes dos Santos – UFRN
Márcia Michele Justiniano Luiz – UFRN
Rafaela Cláudia dos Santos – UERN/PPCL

NORMATIZAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Alyssandra Viana Fonseca – UFRN
Márcia Michele Justiniano Luiz – UFRN
Rafaela Cláudia dos Santos – UERN/PPCL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Língua e discurso: o levante de uma reflexão necessária **08**

Os editores

EDITORIAL

Ciência e língua: um *não* ao lugar de margem **10**

Antonio Genário Pinheiro dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/FELCS

ENTREVISTA

As margens do discurso **12**

Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal do Rural do Semi-Árido – UFERSA

ARTIGOS

Do clássico aos quadrinhos: a causa secreta sob uma perspectiva multimodal **19**

Mércia Maria de Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES

Reflexões sobre a expressão da modalidade deôntica para o ensino de Língua Espanhola **39**

André Silva Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/FELCS

A literatura afro-brasileira e o narrar interno **60**

Weberson de Aquino Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

**A argumentação discursiva como ferramenta de convencimento e persuasão
na rede mundial de computadores** **82**

Marcelo Fábio Peixoto de Araújo Andrade da Silva
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/DELER

Arqueologia e vida: um debate com Foucault e Jacob **98**

Anderson de Carvalho Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB



APRESENTAÇÃO

LÍNGUA E DISCURSO: O LEVANTE DE UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

No âmbito da vida social e cotidiana, é a língua ferramenta vetorial que sustenta as relações sociais e fomenta a leitura do real que nos cerca. Somos seres de linguagem, constituídos nos mais diversos espaços de trocas simbólicas, de representações, comportamentos, condutas e valores que instigam as muitas possibilidades de nos fazermos sujeitos e, ao mesmo tempo, de nos tornarmos agenciados por saberes e poderes que circulam na sociedade. Refletir sobre a língua, na fortuna de sua produtividade, pode representar um caminho de construção do *bem-fazer* no ensino e de crítica à volatilidade da mesmice e à resistente presença do que deve ser evitado.

A investigação linguística e a militância que se fazem no universo das Letras, em prol do ensino e da seguridade de um trabalho didático-pedagógico eficiente e engajado, são benesses que dão relevo à relação *linguagem e discurso* e convocam os sujeitos para assumirem o protagonismo de sua subjetividade, isto é, de sua posição no mundo. Tratar da língua na sua vinculação ao discurso representa, portanto, o levante de uma reflexão necessária, em especial, no que diz respeito à Língua Portuguesa, na sua condição de Língua Materna no Brasil. É essa direção que norteia e justifica a abordagem da temática para este número da Revista Saridh.

A Revista Saridh (Linguagem e Discurso) é uma publicação editada pelo Grupo de Pesquisa Práticas Linguísticas Diferenciadas da UFRN, recentemente vinculada ao Curso de Letras da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS/UFRN), face ao desmembramento institucional do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN), dos campi Currais Novos e Caicó. Para o presente volume, a revista recebeu produções inéditas sobre *Língua e discurso: reflexões para o ensino de Língua Materna*, as quais estão dispostas nos três eixos centrais de publicação do periódico: artigos, relatos de experiência docente e entrevistas.

O objetivo da Revista Saridh está sediado na tarefa de fomentar a produtividade e disseminação de textos que abordem os discursos em suas múltiplas nuances e vieses teórico-metodológicos e que, nessas condições, priorizem a discussão sobre o sujeito e sobre o sentido, a partir da sua tão reclamada e inquestionável relação com a exterioridade, com a historicidade de práticas, sejam elas sociais, empíricas, literárias, midiáticas, culturais, políticas.

Neste volume 3, número 1 (2021), lançamos o convite a todos para, com decisivo empenho e renovada postura de engajamento, vislumbrar as discussões viabilizadas nos textos aqui publicados. Com esta edição, enxergamos a possibilidade de contribuir não só com a disseminação de um saber que se torna cada vez mais imperativamente necessário, mas também com a oferta de um espaço de direções no ensino, no sentido de evidenciar o imbricamento entre língua, sujeitos e discurso.

Os editores



CIÊNCIA E LÍNGUA: UM NÃO AO LUGAR DE MARGEM

Antonio Genário Pinheiro dos Santosⁱ
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/FELCS

Fazer ciência e persistir na tarefa hercúlea de produzir e disseminar conhecimento, a partir das condições sociais vivenciadas nos últimos tempos, tem se tornado cada vez mais desafiador e ímprobo. A universidade, na amplitude que reclama seu conceito distintivo de *universal* e de inclusivo, resiste às manobras e peripécias que buscam amenizar sua importância e que tentam provocar-lhe uma nódoa de obscuridade e invalidez.

São os saberes científicos e os esforços sempre renovados de seus agentes que garantem a atividade do homem, da vida, e que reforçam que estamos, todos nós, na carência sem fim de mais investigações e de mais estudos que venham suprir nossas dúvidas, apresentar as soluções que almejamos, afastar o aspecto labiríntico de nossa existência. As ciências da linguagem estão nessa ordem de intervenção, mostrando-se cada vez mais necessárias e críveis. Refletir sobre a língua, considerando suas múltiplas nuances e seus múltiplos vieses, possibilita entendermos a essencialidade da ciência no que diz respeito, em especial, às muitas questões que estão atreladas e que caracterizam as nossas relações com o *outro*, com o mundo que está à nossa volta.

Todas as nossas relações, o nosso câmbio diário de informações, de trocas, de resistência e de diálogo que realizamos na nossa vida cotidiana são intrinsecamente marcadas e determinadas pela língua, pela linguagem, pelos sentidos que lemos e que intencionamos produzir. No escopo do ensino de língua, é importante considerar a multiplicidade de abordagens, de objetos, de atitudes, de crenças e valores que estão, então, imbricados no processo. Somos todos seres de linguagem, cercados e agenciados pelo

alcance da língua, envoltos num processo complexo de leitura de nós mesmos e dos outros.

Nesse sentido, torna-se imperativo que a universidade não só mobilize ou seja apenas o nascedouro de contínuas propostas de estudo e discussão, mas também que ela garanta a chegada do conhecimento, o qual oportuniza, à população, à sociedade. Com esse investimento, a universidade resiste, permitindo que, nesse fluxo, nós nos tornemos sujeitos críticos, militantes, socialmente engajados e empaticamente envolvidos. Na égide de tal trabalho, podemos duelar e afastar, por exemplo, as proposições mais ridículas e estrambólicas que temos enfrentado no início desse novo milênio: a força de um negacionismo hipócrita, a cegueira do terraplanismo, a idiotia erudita do movimento antivacina, as atrocidades continuadas da necropolítica, a propagação das *fake news*, a subversão do obscurantismo político, a pirotecnia ideológica de sujeitos e grupos tanto avessos quanto hostis.

Não esqueçamos que são os saberes instrumentos de robusta eficiência no agenciamento, na decisão e na imputação de nossa forma de ser. Eles dirigem e determinam o que e como somos nós. Não esqueçamos também que o poder, ou, na pluralidade de suas formas, ‘os poderes’, tem miras determinadas, ele é capilar, movediço e atroz.

É nessa dimensão que a produtividade científica tem reforçado seu lugar de imprescindibilidade. É preciso persistir. As ferramentas de luta são muitas, o fomento à produção e disseminação de conhecimento científico é uma delas. O pensar a relação língua, sujeito e discurso é uma estratégia. A Revista Saridh está nesse caminho.

¹ Professor Adjunto III da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS).
Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
E-mail: profgufrn@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9756306898141968>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2261-9221>



ENTREVISTA

AS MARGENS DO DISCURSO

Francisco Vieira da Silvaⁱ
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

Com total apreço acadêmico e explícito agradecimento, a *Revista Saridh* (Linguagem e Discurso) apresenta, nesta edição, Volume 3, Número 1 (2021), uma entrevista com o Pesquisador e Professor Doutor Francisco Vieira da Silva. O estimado professor Francisco Vieira é Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância pela Universidade Federal da Paraíba e Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

Francisco Vieira é professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

Nosso entrevistado também é coordenador local do POSENSINO na UFERSA e atua na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, sobretudo no exame de discursos e práticas das/nas mídias digitais, a partir das intersecções com o ensino e a saúde. É líder do Grupo de Pesquisa Discurso com Foucault (Dis.com.fou), vinculado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido e pesquisador do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), assim como do Grupo de

Estudos do Discurso (GRED), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e também do Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN).

A participação do Professor Francisco Vieira da Silva vem esmerar, com total distinção, o trabalho de produção e disseminação de conhecimento acadêmico-científico pela Revista Saridh, na conjuntura da relação entre linguagem, discurso e questões vinculadas ao ensino de língua materna, no contexto brasileiro. Intrinsecamente consoantes com a temática deste volume do periódico, qual seja, *Língua e discurso: reflexões para o ensino de Língua Materna*, as respostas e posições apresentadas nas falas do Professor Francisco Vieira denotam a primorosa qualificação de quem não só tem militado em prol da qualidade da educação nacional, mas, sobretudo, de quem reconhece o longo caminho já percorrido no tocante à oferta de condições que incidem sobre a abordagem do discurso e suas implicações para a formação de capital intelectual e humano nas universidades do país.

É no seio desses dizeres que reiteramos, com sincera alegria, o convite ao leitor para se debruçar e acompanhar esse importante espaço de fala.

1. (Revista Saridh) Como você analisa a relação língua e discurso e como é possível discutir as implicações dessa relação no contexto da escola pública no Brasil?

Francisco Vieira: Como já se discutiu imensamente no campo dos estudos discursivos, em diferentes perspectivas investigativas, a relação entre discurso e língua é constitutiva. Ora, o discurso, ainda que não esteja restrito ao tecido linguístico em si, necessita dos recursos expressivos da língua, para se produzir, funcionar e circular. Quando enlaçamos essa discussão com o contexto da escola pública brasileira, somos levados a problematizar especificamente como as práticas de análise linguística necessitam levar em consideração a dimensão discursiva, quer dizer, ir além de outros níveis, como a morfologia, a sintaxe, a fonética e a fonologia. Indo para outros campos do conhecimento, igualmente faz-se importante observar diversos fenômenos sociais, conforme problematizados por disciplinas como História, Geografia, Biologia, Arte, Educação Física, por exemplo, sob o prisma

discursivo. Certamente em tais áreas, pode-se ir além do conteúdo e notar como o que é dito se articula com a história e com as relações de poder.

2. (Revista Saridh) Qual a importância e o papel dos estudos discursivos para a condução do processo de ensino-aprendizagem na escola regular o tocante ao trabalho com Língua Portuguesa?

Francisco Vieira: Acabei, de algum modo, tocando nessa questão na pergunta precedente. A meu ver, o principal papel dos estudos discursivos no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa consiste numa tomada de posição por parte do docente de que é preciso desenvolver, a partir da leitura e análise de materialidades diversas, certas habilidades que permitam aos discentes enxergar para além do que é dito, não no sentido de buscar uma origem ou uma relação causal, mas compreender que os discursos são práticas sociais e históricas responsáveis por nos constituir como sujeitos situados num tempo e num lugar específicos. Acredito que através da exploração de textos variados que circulam socialmente, é possível analisar os discursos que neles circulam, buscando identificar os posicionamentos assumidos e as condições sócio-políticas por meio das quais os textos e os discursos são produzidos. Vale lembrar que reflexões sobre o discurso já aparecem em coletâneas didáticas de Língua Portuguesa, em razão dos efervescentes estudos realizados na academia.

3. (Revista Saridh) Que configuração adquirem os estudos discursivos no contexto da sala de aula de língua materna e qual o papel do professor na condução de um ensino coerente e consonante com as condições – sociais, políticas, culturais, econômicas, literárias e institucionais – do ensino no Brasil? Como lidar com essas demandas no contexto da oferta de ensino remoto?

Francisco Vieira: Certamente o contexto do ensino remoto agudizou a crise educacional brasileira. Não há dúvidas quanto a isso. No entanto, é possível criar estratégias de ensino que possam tomar como objeto de análise os diversos discursos que circulam a partir da eclosão da crise sanitária da Covid-19 e, a partir daí, implementar uma série de debates em sala de aula, os quais podem produzir instigantes discussões a respeito dos dizeres

institucionais, médicos e/ou midiáticos em torno da pandemia, das medidas de contenção (ou a ausência delas), das vacinas e dos mais variados impactos dessa crise planetária na vida social brasileira. É igualmente importante planejar atividades de intervenção que atendam às contingências do ensino remoto, especialmente as fragilidades que o caracterizam, como a dificuldade de acesso às tecnologias por parte de muitos estudantes, de modo a fragilizar o aprendizado.

4. (Revista Saridh) *Se são os discursos que nos impelem a desenvolver práticas que nos asseguram posições (formas de ser, modos de agir) de poder e de saber, como discutir o espaço das aulas de Língua Portuguesa como espaço propositivo de uma consciência crítica via abordagem discursiva dos muitos e diversos gêneros textuais/discursivos?*

Francisco Vieira: Primeiramente, mostrando para os alunos que é necessário desconfiar do óbvio e de certas “verdades” que se naturalizaram ao longo do tempo como algo que não se deve questionar. Em seguida, torna-se cabível pensar junto com os estudantes que os discursos atrelam-se ao poder e que ingressar nesse jogo é uma forma de participar ativamente de um projeto de sociedade. Num momento em que se proclama uma suposta neutralidade no ensino, vale reiterar a inexistência de isenção e problematizar os efeitos que esse tipo de discurso gera para o ensino e a aprendizagem em sala de aula.

5. (Revista Saridh) *Considerando o papel (posição-sujeito) do professor, fora e dentro da sala de aula, como discutir a sua posição de agente, sua militância – no e pelo saber – face às demandas da educação no contexto brasileiro?*

Francisco Vieira: Como dito antes, entendo que não convém pactuar com as forças atualmente em voga acerca de uma suposta neutralidade do ensino, pois se trata de uma quimera e, principalmente, porque a nossa posição de professor, nos tempos tensos de hoje, é em si um ato de resistência. Por outro lado, é necessário estarmos atentos à diversidade de posicionamentos que os alunos eventualmente irão assumir, muitos dos quais podem ser configurados como modos mais extremistas de enxergar os fatos. Disso deriva a premência em sabermos mediar conflitos e mostrarmos para os alunos que liberdade de expressão não se confunde com intolerância ou com discurso de ódio. Não devemos jamais nos valer de

nossa posição de poder para silenciar nosso aluno que pensa de modo diferente; todavia não podemos permitir quaisquer manifestações que possam ferir a dignidade de outrem.

6. (Revista Saridh) A partir da relação cada vez mais íntima e imbricada entre leitura de mundo e leitura de textos/gêneros/discursos, como abordar a questão do letramento e a promoção de condições para termos leitores linguisticamente eficientes, socialmente engajados e politicamente ativos face, sobretudo, à dimensão do ensino no contexto do ensino remoto?

Francisco Vieira: Não há como responder a essa inquietação, sem nos reportarmos ao quadro de desigualdade educacional brasileira, reiteradamente mostrado por diversas pesquisas sobre a escola pública, desenvolvidas, em especial, no campo da educação e da sociologia. Enquanto respondo a essas inquietações, vejo, no meu perfil, nas redes sociais, uma série de compartilhamentos de histórias de êxito escolar, expressas nos resultados SISU, de alunos de escolas públicas, filhos de pais com pouca ou quase nenhuma instrução. Em algumas dessas materialidades, os jovens que conseguem ingressar em universidades públicas relatam as dificuldades enfrentadas. Dentre elas, evidenciam-se os efeitos devastadores da pandemia, tendo em vista o distanciamento físico e o ensino remoto emergencial implantado sob bases extremamente frágeis.

Tais histórias, é preciso registrar, são romantizadas pela mídia corporativa como derivadas de esforços do mérito individual, de maneira a reforçar a racionalidade neoliberal. Porém, essas narrativas exibem como o sucesso escolar de alunos de classes populares é uma exceção, um fato que foge da realidade ordinária, digna de virar um fato noticioso. Diante disso, é fundamental pensar que a leitura de mundo, materializada na crítica à realidade social, necessita pressupor as abordagens dos gêneros textuais/discursivos no espaço escolar. Para isso, convém empreender atividades didáticas que possam desenvolver nos alunos a aptidão para enxergar como esses gêneros estão vinculados a relações de poder e como é possível, a partir dessa leitura, encetar estratégias de resistência.

7. *É possível falarmos em potencialidade e/ou positividade nesse período pandêmico no que se refere à produção de gêneros e à incitação de novas práticas de leitura e letramento de diferentes gêneros/textos/discursos?*

Francisco Vieira: Creio que sim. Obviamente as diversas práticas de leitura e letramento, notadamente as que emergem no contexto digital, já estão no nosso entorno tem certo tempo, mas, com o isolamento social e o ensino integralmente incorporado às telas, outras demandas surgem. A partir de uma relação que passa a ser mediada pelas aulas *on-line*, tanto docente quanto discente necessitam se apropriar de outros usos sociais da escrita.

Um exemplo: muitos alunos só possuem *e-mail* com o objetivo de usar para certos cadastros de redes sociais e/ou *sites* de compras, mas não sabem manejá-los, desconhecem os recursos do domínio ao qual o *e-mail* se vincula, bem como a estrutura composicional e o estilo do gênero. Hoje mais do que nunca, os discentes são impelidos a mobilizarem competências de produção de gêneros que são essencialmente digitais. Além disso, num mesmo aplicativo, como o *WhatsApp*, por exemplo, o discente, a depender do papel social do sujeito com quem interage, precisa mobilizar diferentes graus de monitoramento linguístico. Trabalhar a partir dessas demandas mais prementes pode ser uma alternativa viável.

8. (Revista Saridh) *Considerando a configuração dos cursos de graduação e de pós-graduação no Brasil, como você analisa o espaço dado ao trabalho com língua e discurso (via componentes curriculares, projetos de ensino, pesquisa e extensão) na formação de professor no Brasil?*

Francisco Vieira: Tendo em vista que todo currículo é instrumento de poder, o espaço dedicado ao campo dos estudos discursivos está relacionado aos diversos interesses, projetos e cosmovisões dos que fazem o currículo. Todavia, o currículo não se resume ao que está oficialmente posto, porquanto também se exprime nas microrrelações do espaço escolar/acadêmico. Penso que as variadas perspectivas discursivas estão em franco crescimento no país.

Não se trata de uma impressão sem base real. É nítida a quantidade expressiva de livros autorais, coletâneas, dossiês em periódicos qualificados e eventos sobre o discurso na cena acadêmica brasileira. A própria *Saridh* entra nesse foco de interesses, uma vez que seu escopo é o discurso. Tudo isso não surge do nada, mas é fruto de anos de intenso trabalho e esforço de autores/as de todas as regiões do país que apostam no discurso como um objeto de estudo pertinente e de impacto social.

9. (Revista Saridh) Ao agradecermos muito sincera e cordialmente por sua atenção e disponibilidade em nos prestigiar com essa entrevista, deixamos aqui aberto este espaço para suas considerações finais.

Francisco Vieira: Agradeço o convite e espero que as respostas tenham sido coerentes com os propósitos da revista.

ⁱ Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Pesquisador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UFERSA/UERN/IFRN).

E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8730615940772209>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

DO CLÁSSICO AOS QUADRINHOS: A CAUSA SECRETA SOB UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL

FROM CLASSIC TO COMICS: THE SECRET CAUSE BY A MULTIMODAL PERSPECTIVE

Mércia Maria de Medeiros¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES

Resumo: Em vista do crescente número de gêneros que fazem uso da multimodalidade discursiva na atualidade, principalmente das histórias em quadrinhos (HQs), que ganham espaço e reconhecimento na sociedade, tornando-se um fenômeno da cultura em massa, busca-se nesse artigo, a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, compreender à forma como os elementos verbovisuais (imagem, texto, fontes, cores, etc) se fundem para a construção de sentidos do texto, a partir da adaptação do conto “A causa secreta” de Machado de Assis, recriada por Francisco Vilachã e Fernando A. A. Rodrigues e publicada pela editora Escala Educacional no ano de 2006. Para tanto, serão considerados os estudos ligados a multimodalidade desenvolvidos por Dionísio (2006), bem como as considerações sobre as HQs defendidos por Mendonça (2002) e Nascimento (2014), bem como os trabalhos sobre adaptações literárias, feitas por Guerini e Barbosa (2013). Dessa forma, as quadrinizações literárias tornam-se objeto de nossa atenção tanto pela nova linguagem engendrada no encontro do verbal (clássico) e do icônico, quanto pelos significados que carregam.

Palavras-chave: Gênero HQ. Multimodalidade. Adaptação literária. Machado de Assis.

Abstract: In view of the growing number of genres that make use of discursive multimodality today, especially comic books (HQs), which through their original texts or adaptations of literary classics, gain space and recognition in society, becoming a phenomenon of mass culture, this article seeks, from a qualitative research approach, to understand how verbovisual elements (image, text, fonts, colors, etc.) merge for the construction of meanings of the text, based on the adaptation of the short story “The secret cause” By Machado de Assis, recreated by Francisco Vilachã and Fernando AA Rodrigues, and published by the publisher Escala Educacional in 2006. For this purpose, the studies related to multimodality developed by Dionísio (2006) will be considered, as well as the considerations on the defended comics. by Mendonça (2002) and Nascimento (2014), and the works on literary adaptations, made by Guerini and Barbosa (2013). In this way, literary quadrinizations become the object of our attention both for the new language engendered in the meeting of the verbal (classic) and the iconic, as well as for the meanings they carry.

Keywords: Genre HQ. Multimodality. Literary adaptation. Machado de Assis.

Introdução

Os gêneros discursivos que apresentam aspectos verbais e visuais são cada vez mais comuns, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, uma vez que, como assinala Dionísio (2006, p. 160), nos dias atuais, a sociedade se mostra cada vez mais visual. Dessa forma, textos multimodais como as adaptações literárias em Histórias em Quadrinhos, doravante HQs, ganham espaço e trazem ao público a possibilidade de conhecer uma história, a partir de um formato mais atual e lúdico, em que texto verbal e elementos visuais se fundem e tornam-se indispensáveis à construção de sentidos.

Pensando nisso, e questionando como a utilização de recursos verbovisuais auxiliam na construção de sentidos das adaptações literárias em HQs, o presente artigo busca analisar, a partir da adaptação em quadrinhos do conto *A causa secreta* de Machado de Assis, publicado pela editora Escala Educacional, em 2006, as relações estabelecidas entre texto escrito, imagem, e demais elementos gráficos, e como estas são responsáveis pela construção de sentidos do gênero.

Dada a crescente demanda de estudos no campo da multimodalidade discursiva - principalmente no que tange ao estudo de textos verbovisuais - percebemos a relevância de nosso trabalho, uma vez que ao adotarmos essa perspectiva teórica, entendemos que o texto, nos dias atuais, vem adquirindo novas configurações que transcendem a linguagem verbal. O trabalho com textos mostra-se cada vez mais importante e se soma às pesquisas já existentes acerca das adaptações literárias, haja vista que, nesta discussão, é discutida a releitura do texto clássico, sob a ótica de um gênero sincrético e que tem foco no aspecto visual que são as HQs.

Para fins da análise, serão considerados os pressupostos da multimodalidade discursiva, defendidos por Dionísio (2006), as considerações sobre o gênero: Histórias em Quadrinhos, levantadas por Mendonça (2002) e Nascimento (2014), bem como, os trabalhos sobre adaptações literárias, feitas por Guerini e Barbosa (2013).

Assim sendo, este artigo terá em sua composição, além destas considerações introdutórias: a apresentação de fundamentos teóricos, que embasarão a análise da HQs, a fim de torná-la sólida; os aspectos metodológicos que nortearão o processo de análise para chegarmos aos resultados; e, por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências que compõem o todo desse trabalho.

1 Fundamentação teórica

Desde os primórdios da humanidade, o homem, no intuito de se comunicar, vem criando mecanismos capazes de retratar com exatidão suas emoções, desejos, necessidades, etc. Dentre os mais primitivos, encontram-se os elementos gestuais e sonoros, que servem de base ao surgimento de formas mais complexas, como os elementos gráficos (desenhos e palavras). Tais estruturas se fundem e são utilizadas na formulação de textos, que por sua vez, concretizam-se através de gêneros, os quais proporcionam a interação social nas mais variadas situações de uso da língua, bem como para se dirigir a diversificados interlocutores.

Diante disso, entendemos que os gêneros textuais são:

fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social [...], que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia [...] e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Por seu caráter social, vemos que os gêneros desaparecem, se modificam ou surgem a partir da necessidade comunicativa do homem, o que faz deles inúmeros e capazes de circular por diferentes esferas sociais. Dentre esses gêneros - considerando a complexidade de sua constituição - podemos citar as HQs, gênero textual de caráter predominantemente multimodal, por associar em sua constituição, imagens, e outros elementos, a fim de cumprir diferentes intuítos comunicativos, a saber: narrar histórias, argumentar sobre diferentes problemáticas, fazer críticas e/ou uma releitura de um outro texto.

Segundo Coma (1979) as histórias em quadrinhos, bem como outros gêneros que com ele compartilham características, tais como: cartuns e charges, surgem no Brasil, durante o século XX, com a difusão da imprensa no país, o que torna o conteúdo gráfico o principal produto da cultura jornalística, contribuindo para a sua popularização. Nos dias de hoje, ainda popular, as HQs ultrapassam as esferas jornalísticas, e adentram em outros segmentos sociais, como os educacionais e os de entretenimento.

Devido a isso, é comum encontrarmos adaptações literárias em HQs, que crescem dia a dia e chegam ao mercado com a proposta de trazer a um novo público, em sua

maioria jovem, ainda que atinja outros interlocutores, uma nova possibilidade de leitura. No entanto, a adaptação literária em HQs, nada mais é do que uma transposição da linguagem literária para um novo gênero, que reformula e recria um outro texto de um outro gênero. Assim sendo, “os quadrinhos de literatura devem ser uma representação, um poema análogo ao original em outra linguagem e com signos diferentes” (GUERINI; BARBOSA, 2013, p. 116).

Em aspectos composicionais, Mendonça (2005, p. 199) define a história em quadrinhos como “um gênero icônico ou icônico verbal narrativo, cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro, apresentando como elementos típicos: desenhos, quadros e balões e/ou legendas, nos quais é inserido o texto verbal”. Nesse sentido, os personagens interagem não só por meio das palavras, mas também através de gestos e expressões faciais, além do gênero fazer uso de recursos linguísticos (onomatopeias, sinais de pontuação, etc.), paralinguísticos (intensidade de sons, velocidade de pronúncia e expressão de emoções) e visuais (figuração pictórica das emoções dos personagens, nos balões e nas letras) para a elaboração dos textos.

Tais aspectos, tornam a multimodalidade discursiva defendida por Dionísio (2006, p. 135) como “toda ação e/ou gênero textual que se utiliza de variadas formas de representação, no ato da fala ou escrita”, característica principal e fundamental das HQs. Posto que, palavras e demais elementos se entrelaçam, não havendo uma oposição entre eles, pois essa estrutura é a responsável pela elaboração da narratividade, e consequentemente dos sentidos do texto. O autor ainda explica, que a compreensão dos significados é uma questão de letramento, sendo que cabe a uma pessoa letrada, a capacidade de atribuir sentidos a mensagens que fazem uso de múltiplas fontes de linguagem. Nessa perspectiva, tal processo não se resume no saber em relação ao texto verbal, envolve o saber em relação aos significados que resultam do encontro do verbal com o visual.

Nota-se, portanto, que na conjuntura atual, graças aos avanços tecnológicos e as diversificadas interações entre interlocutores, dificilmente encontramos situações comunicativas que façam uso de um único modo de linguagem na elaboração de seus enunciados, haja vista que toda forma de comunicação humana é essencialmente multimodal (DIONÍSIO, 2006). Assim, os estudos multimodais norteiam o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que, para fins de análise, partimos do

pressuposto que defende que as diferentes semioses utilizadas nas construções textuais são responsáveis pelas criações dos significados, e principalmente, dos sentidos dos textos, bem como, que nenhum dos modos utilizados funcionam separadamente para tanto.

2 Metodologia

Sabendo do caráter multimodal dos gêneros textuais, o presente artigo surge diante da necessidade de se investigar como são construídas as relações existentes entre os aspectos verbovisuais presentes no texto das HQs, uma vez que, estes são responsáveis pelos efeitos de sentidos da narrativa.

Diante disso, para efeitos de análise, é mobilizada a abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que a mesma se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, sendo utilizada, portanto, como nos lembra Gressler (2003, p. 43):

[...] quando se busca descrever a complexidade de determinado problema, não envolvendo manipulações de variáveis e estudos experimentais. Contrapondo-se à abordagem quantitativa, uma vez que busca levar em consideração todos os componentes de uma situação e suas interações e influências recíprocas, numa visão holística dos fenômenos.

Logo, vemos que tal abordagem não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão das relações sociais, ou seja, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das crenças e valores advindos dessas relações. Diante desse entendimento, essa abordagem se torna indispensável a este trabalho, pois ao analisar a interação estabelecida entre texto e imagem, buscamos compreender as significações que os elementos verbovisuais constroem no gênero HQs.

Nesse sentido, nosso estudo se pauta em uma pesquisa do tipo documental com fontes primárias, haja vista que são extraídas informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como: os textos literários, organizando-as e interpretando-as segundo o objetivo da investigação proposta. Dessa forma, a análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando

informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Diante disso, o corpus a ser analisado, será composto por recortes da adaptação literária do conto *A causa secreta*, de Machado de Assis, revisitada por Vilachã e Rodrigues e publicada pela editora Escala Educacional, em 2006. Com essa análise, buscamos obter dados que comprovem a importância da multimodalidade para atribuir sentidos ao texto - a partir das relações estabelecidas entre linguagem verbal, cores, fontes, imagem, dentre outros elementos - e como o uso de gêneros multimodais, como as HQs contribuem significativamente ao ensino da literatura.

Para tanto, a obra será vista a partir de três recortes; primeiramente, serão analisados os elementos verbo-visuais que compõem a capa da história em quadrinhos, pois ela é a “porta de entrada” do texto; em seguida, será feito um panorama, dos personagens centrais da história, a saber: Fortunato, Garcia e Maria Luísa, destacando suas fisionomias e expressões ao longo da narrativa, para que ao final seja possível configurar um perfil de cada um; e, por fim, aspectos imagéticos e textuais de cenas-chave da obra serão analisados e, neste ponto, será comparada a construção do texto adaptado com a versão original, haja vista a necessidade de percebermos se a adaptação preservou a interpretação do texto fonte.

3 Discussão e análise dos resultados

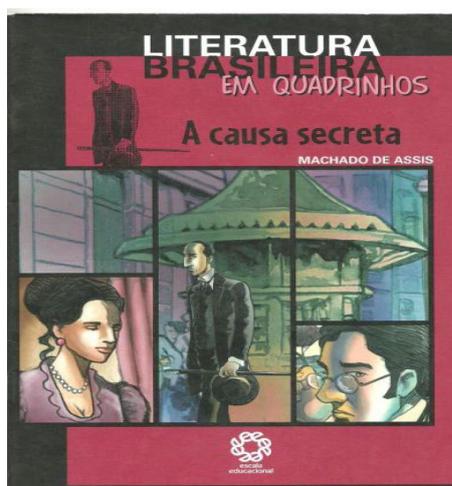
A adaptação literária do conto *A causa secreta* foi construída a partir do roteiro e ilustrações de Francisco Vilachã e das cores de Fernando A. A. Rodrigues; publicada pela editora Escala Educacional, em 2006, a obra faz parte da coleção *Literatura Brasileira em Quadrinhos*, que se propõe a revisitar, em um novo formato, textos clássicos.

Nessa perspectiva, a HQ a partir de suas quarenta e oito páginas, subdivididas em contracapa e apresentação de dados sobre a editora e contribuintes; texto literário quadrinizado; biografia do autor e questionário sobre a obra; cria uma atmosfera em que elementos verbosuais se completam para a construção de sentidos do texto; objetivando retratar, da melhor forma possível, o enredo Machadiano.

Em linhas gerais, a trama, que tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro, relata a amizade construída entre o recém-formado médico Garcia e o espirituoso Fortunato,

dono de uma misteriosa compaixão pelos doentes e feridos. Ao longo da narrativa, Maria Luísa, esposa de Fortunato, também adquire apreço pelo médico, que retribui. A tríade composta por esses personagens constrói uma trama de mistério, amor e morte, e suas representações, desde a capa, deixam claro a importância que cada um deles traz ao enredo, e na construção da causa secreta que os envolve.

Figura 01 – Capa da obra



Fonte: Escala Educacional (2006)

Na capa da obra, encontramos em letras maiúsculas, brancas e pretas, o título da coleção *Literatura Brasileira*, de modo centralizado, assinalando sua relevância. Tal elemento surge como referência ao objeto cultural que serve de base ao novo texto; posteriormente, à esquerda, em um tom de menor destaque, mas ainda em letras maiúsculas, têm-se o termo “em quadrinhos”, indicador do novo gênero. Assim, não se trata somente de uma obra literária, mas de um texto que foi transmutado para um novo formato.

No entanto, notamos que tal modo de disposição está relacionado ao grau de importância que estes elementos adquirem socialmente, haja vista que a literatura clássica, tradicional, possui maior prestígio social, enquanto a história em quadrinhos é vista de forma marginalizada, por possuir estruturas linguísticas menos complexas e erroneamente é um gênero associado ao público infantil.

Em seguida, o título da obra *A causa secreta* é apresentado em letras menores e em sua maioria minúsculas, na cor preta; abaixo dele encontra-se o nome do autor Machado de Assis, destacado em letras maiúsculas, embora em uma fonte menor que a

utilizada no título, em tom de branco. Vale ressaltar ainda, a substituição do nome dos autores da adaptação, pelo nome do autor do texto original, que acaba por destacar a relevância desse e de sua obra para com a Literatura Brasileira.

Tais construções abrem espaço para o conjunto de requadros que ilustram a capa do livro, e que reúne as três personagens-chaves deste enredo. Diante disso, percebemos que a imagem ganha destaque em relação às palavras, mas, isso não impede a associação e inferências criadas pela linguagem verbovisual, pelo contrário, a composição verbovisual se consuma como um convite ao leitor, uma vez que a capa é o primeiro contato que ele mantém com o texto.

Em vista disso, vê-se que as imagens de Maria Luísa (à direita, com aspecto sereno e conformado, embora triste, que pode ser explicado pela condição colocada às mulheres durante o século 19, vistas como frágeis e submissas); a postura firme de Fortunato (ao centro, em trajes extremamente elegantes, que indicam sua boa condição social, mas que não escondem o seu jeito enigmático) e do jovem médico Garcia (com o olhar curioso, à esquerda, deixando transparecer suas desconfianças e/ou dúvidas), associadas ao título do conto, criam uma expectativa e curiosidade no leitor para saber a causa secreta envolve as três personagens.

Vale salientar que, por tratar-se de uma adaptação, as composições imagéticas feitas pelo quadrinista nessa obra, baseiam-se nas descrições do autor do texto original, ou seja, a partir das considerações feitas por Machado de Assis, além dos cenários, sentimentos, gestos e fisionomias das personagens retratadas.

No que concerne a ilustração da tríade central deste enredo, percebemos que a transfiguração desses, ao longo da narrativa, contribui significativamente para os efeitos de sentido do texto, posto que, as imagens são repletas de significados e traduzem a essência de cada personagem, e sob a ótica de Ramos (2012, p. 116) desde “a roupa, o cabelo, os detalhes e o formato do rosto, o tamanho do corpo, tudo é informação visual” que ajuda na construção narrativa das histórias em quadrinhos.

Nas retratações que constroem o corpo do texto, notamos que Garcia é o típico observador, cheio de curiosidades e dúvidas; seus olhos atentos buscam desvendar os mistérios que cercam seu mais novo sócio e, por muitas vezes, o personagem mostra-se atordoado por suas conclusões, como percebido nas figuras 02 e 03. No entanto, sua postura e olhar mudam de configuração, em alguns casos, quando veem Maria Luísa, já

que o médico esquece suas indagações e passa a contemplá-la, como visto nas figuras 04 e 05. Ainda no percurso de análise, pode-se constatar que o olhar de Garcia transita entre sentidos opostos: razão e emoção. O primeiro se revela na dúvida sobre as intenções de Fortunato, o segundo no amor que nutre pela esposa de seu amigo.

Figura 02 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Figura 03 – A causa secreta



Figura 04 – A causa secreta



Figura 05 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

As ilustrações que acompanham Fortunato, por sua vez, diferem-se do personagem anterior, uma vez que os desenhos adotam um aspecto mais sombrio. O personagem, embora se mostre, em um primeiro momento, cuidadoso e caridoso para com aqueles que precisam de ajuda, ao longo da narrativa, apresenta-se como um homem sádico, capaz de realizar ações inimagináveis para seu bel-prazer. Suas feições emblemáticas, somadas ao seu jeito frio e calculista, constroem o perfil de um sujeito que traz em seu olhar maquiavélico um brilho único ao fitar as desgraças alheias, conforme se pode notar nas figuras abaixo.

Figura 06 – A causa secreta



Figura 07 – A causa secreta



Figura 08 – A causa secreta



Figura 09 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Como visto nas ilustrações acima, o olhar de Fortunato de longe lembra o de Garcia, em seus olhos não há dúvidas, indagações, tampouco amor, pelo contrário, neles só há a frieza de alguém que não hesita ou age por impulso, e que coloca a si, acima de tudo e de todos.

Dentre os personagens dessa narrativa, Maria Luísa é a menos complexa, a esposa de Fortunato é o retrato típico da mulher do século XIX, um exemplo de submissão, fragilidade e de dedicação ao lar. As imagens abaixo, que a caracterizam em parte do enredo, contribuem para a validação desse estereótipo.

Figura 10 – A causa secreta

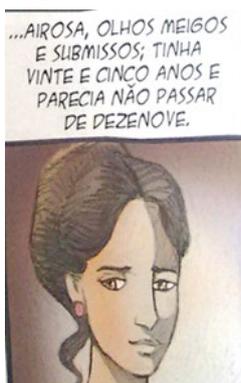


Figura 11 – A causa secreta



Figura 12 – A causa secreta



Figura 13 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

A princípio, ao ser apresentada (figura 10) suas expressões mostram-se bem mais vividas - olhar fixo, cabeça erguida e meio sorriso - que as retratações seguintes (figuras 11, 12 e 13) - cabeça baixa e olhar fixo no chão, imóvel, tísica. Tais alterações, ao apresentarem diferentes angulações da postura corporal, bem como, das expressões faciais

da personagem, contribuem para um melhor detalhamento das ações que a envolvem, e fazem com que percebamos o lugar assumido por ela dentro do enredo: o de submissão. Além disso, vemos que a mudança da personagem (a roupa, o cabelo, os detalhes e o formato do rosto, sua jovialidade que dá lugar velhice vinda com a doença, etc.) nesses requadros, ajuda na construção da linguagem das HQs, formando uma “gramática da arte sequencial” (EISNER, 2012, p. 2).

Pontua-se no entanto, que apesar de cada imagem, de modo gradual, montar a degradação física e mental da personagem, os trechos verbais que acompanham as ilustrações a tornam ainda mais perceptível, pois, como assinala Dionísio (2006, p. 131) “imagem e palavra se mantêm cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” fazendo com que o entendimento sobre o texto extrapole o seu próprio conteúdo (imagético e verbal), uma vez que, em muitos casos, tais elementos são associados a situações reais, como a violência vivenciada por Maria Luísa, e sua naturalização social.

É válido ressaltar ainda, que a junção dessas divergentes linguagens, reforça a noção de multimodalidade que “é entendida, em termos gerais, como a co-presença de vários modos de linguagem, sendo que os modos interagem na construção dos significados da comunicação social” (HEMIAS, 2010, p. 1). Assim sendo, ambos os modos funcionam em conjunto, sendo responsáveis pela criação dos sentidos do texto.

Figura 14 – A causa secreta

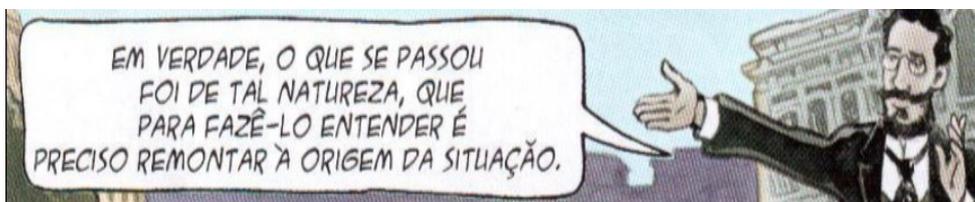


Fonte: Escala Educacional (2006)

Ainda em questões de análise, na figura 14, encontramos nossos três personagens juntos. A ilustração deste momento compartilhado por eles, ainda nas páginas iniciais da HQ, mostra a reação de cada um, a um fato chave do enredo, que acabara de ocorrer.

Assim, temos Fortunato, ao centro, imóvel, olhando, com ar de satisfação, para o teto, aspecto que o leva para longe do momento que vivencia; Garcia, a direita, aparentemente preocupado, atordoado e incrédulo, fato perceptível, por seu estalar de unhas; e Maria Luísa, a esquerda, de cabeça baixa, dedicando-se aos trabalhos manuais para talvez distanciar-se do que acontecera. Tais reações, somadas ao texto verbal, acabam por criar uma expectativa sobre as causas que culminaram nesse momento, o que leva o leitor a gerar hipóteses aos acontecimentos posteriores da narrativa.

Figura 15 – A causa secreta



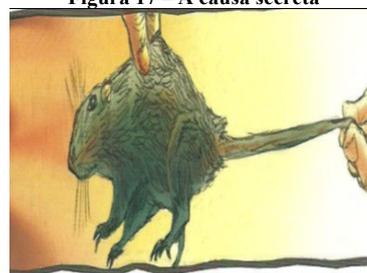
Fonte: Escala Educacional (2006)

Os requadros da página 4, em consonância com os fatos retratados na página 3, anunciam os momentos que antecedem o presente da narrativa, ou seja, o narrador-personagem, caricato tal qual Machado de Assis, a partir do texto verbal, deixa a entender que momentos anteriores a esse, foram responsáveis pelo encadeamento da situação atual. Diante disso, um *flashback* da história nos leva ao clímax desse enredo, que tem seu início nas ilustrações das figuras 16 e 17.

Figura 16 – A causa secreta



Figura 17 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Em um primeiro momento, encontramos Maria Luísa, aflita, deixando o escritório do marido; ao sair, depara-se com Garcia, e ao ser questionada, por ele, sobre as causas de tamanha aflição, refere-se ao rato, objeto de tortura de Fortunato. Posterior a isso, dois

requadros, antecipam os acontecimentos. A priori, tem-se a ilustração da chegada de Garcia a porta do escritório, focada em seu olhar, posteriormente dá-se início ao ritual de tortura do rato por Fortunato, ambos os requadros são acompanhados de apenas uma legenda, o que convida o leitor, a junto com Garcia, observar as ações de seu amigo nas quatro páginas subsequentes.

Salienta-se que, neste momento, muitas das descrições presentes no texto base se transformam em imagens, como se percebe em: “[...] Entre o polegar e o indicador da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura [...]” (ASSIS, 1994, p. 6), retratado na figura 18. Segundo Guerini e Barbosa (2013, p. 16), tal fato se dá, mediante o trabalho de tradução do texto original para sua adaptação, pois:

se ao tradutor cabe compor um poema análogo ao original em outra linguagem e com signos diferentes, isso é factível com a transposição da linguagem literária para a HQ. Todavia, essa tradução é fruto de um exercício sofisticado, que propõe recuperar os grandes clássicos e deles gerar imagens [...].

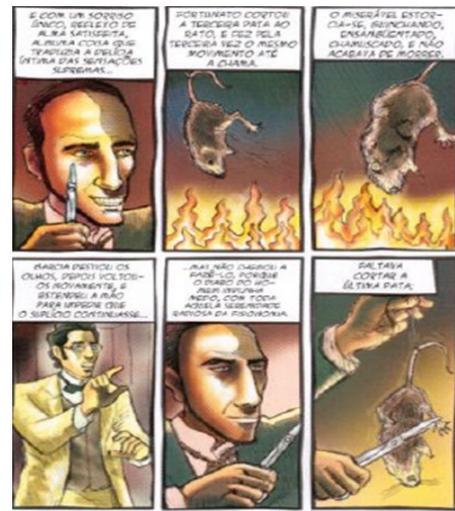
Assim, por não se limitar a reproduzir enredos de forma linear e descritiva, a tradução do quadrinista faz o leitor perceber as semelhanças e divergências entre o texto original e sua adaptação, o que oportuniza a produtividade do sentido e da interpretação, no conjunto das cenas que são descritas e apresentadas. Há, portanto, uma relação intrínseca de sentido que pode ser observada a partir do imbricamento entre as versões do texto. Esse tipo de operação viabiliza o relevo à caracterização do gênero como multimodal e permite ao leitor percorrer as muitas nuances do sentido, no escopo do que as condições de produção do texto aqui sinalizam.

Figura 18 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Figura 19 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Figura 20 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Figura 21 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Nas imagens, vemos que Garcia mostra-se incrédulo, ao presenciar todo o ritual, mas embora incomodado, permanece a observar tudo, e nota que o amigo não pretende dar cabo da vida do rato de forma rápida, uma vez que o mesmo corta lentamente cada membro do animal e, mas mesmo estando estarecido pelo horror, continua como espectador.

Desse momento em diante, mais atrocidades são cometidas, porém, dessa vez, a alternância entre os quadros, realizada pelo quadrinista nas páginas 31 e 32, que ora evidenciam as feições diabólicas e prazerosas de Fortunato, ora centram-se no animal mutilado, ou mostram as expressões confusas e desesperadas de Garcia, somadas aos balões de inserção de fala trazem ao quadrinho um maior efeito de terror, que os expressos anteriormente.

Segundo Nascimento (2014, p. 2):

As informações visuais como balões de fala, cor do texto, assim como o tamanho e tipo da fonte e demais alterações como itálico, negrito e sublinhado fazem parte da imagética, mas também da composição textual dos quadrinhos. A partir do momento que se tem uma informação visual inserida no contexto verbal, novos sistemas de leitura são ativados, conectando conhecimentos prévios do leitor para a compreensão o texto.

As representações, embora chocantes, traduzem com maestria o trecho da narrativa original trazendo ao leitor uma melhor compreensão do fato, pois esse, a partir das informações visuais atreladas à linguagem verbal, consegue enxergar e interpretar o asco da cena, e que os “aspectos verbais e pictoriais se complementam de tal forma que a ausência de um deles, mesmo sendo de menor incidência, afeta a unidade global do texto.” (DIONISIO, 2014, p. 134).

Por fim, temos a conclusão da tortura, que se encerra a partir da quebra do júbilo de nosso malvado protagonista, assim que esse se vê observado por Garcia, é obrigado a mudar de comportamento na tentativa de disfarçar o ocorrido.

Nas páginas seguintes, Garcia conclui que as ações de seu sócio, dão-se pela simples necessidade que este tem em achar uma sensação de prazer, encontrada, somente na dor alheia. Descobria-se assim, a causa secreta, que Fortunato tentara esconder por trás de suas “boas ações” e que nos leva de volta ao momento inicial dessa narrativa, em que se encontram Garcia (de pé a estalar as unhas), Maria Luísa (com seus dedos ainda trêmulos) e Fortunato (a fitar o teto).

Figura 22 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Figura 23 – A causa secreta



Figura 24 – A causa secreta



Fonte: Escala Educacional (2006)

Como nos lembra Hemais (2010, p. 1) “apesar de não ser um fenômeno recente, a combinação de várias linguagens na comunicação vem se acentuando, e, chamada pelo termo de multimodalidade”, que corresponde a junção de formas distintas de linguagem no ato comunicativo. Essa perspectiva se apoia no argumento de que a comunicação humana é essencialmente multimodal, e que gêneros que se constroem a partir dela são cada vez mais comuns, e estão presentes em diferentes esferas comunicativas, inclusive a escolar.

É inegável que a inserção de textos multimodais em ambiente escolar é uma realidade, seja nos próprios livros didáticos, slides, e/ ou nas tecnológicas plataformas de ensino que se tornaram ainda mais usuais no último ano. Se distanciar disso é regredir a uma educação tradicional não desejada, principalmente no ensino da literatura, pois, como afirma Dionísio (2006, p. 141):

Todo professor tem convicção de que imagens ajudam a aprendizagem quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis ao diagrama científico, os textos visuais, na era de

avanços tecnológicos como a que vivemos, nos cercam em todos os contextos sociais.

Assim sendo, a leitura dos clássicos, apesar de importante, tem se tornado menos atrativa às novas gerações, que se tornam cada vez mais “visuais”, fazendo com que seja possível, a partir de adaptações que retomam clássicos literários, como por exemplo, *A causa secreta* de Machado de Assis, aproximar a obra do público e relacioná-la ao período e características literárias às quais pertence o texto original. Além disso, pode-se, no escopo do sentido e da relação entre linguagem e discurso, entender o estilo do autor, como também contribuir para a discussão sobre as diversas nuances da obra. Posto que, muitas informações extralinguísticas podem ser inferidas por meio das imagens que acompanham o texto verbal, o que contribui para as práticas de letramento do educando, que “deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentido a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem” (DIONÍSIO, 2006, p. 131).

Por fim, a partir das discussões levantadas, percebemos que a adaptação publicada pela Escala Educacional, ao optar por manter o texto verbal original, não se distancia da obra clássica, mas faz com que a nova roupagem transforme a HQ - a partir do paralelo presente entre as dicotomias verbal e visual - em um novo produto cultural, híbrido, que não perde a essência de nenhuma de suas formas, ao construir significados.

Dessa forma, sendo o texto multimodal indispensável as práticas de ensino, a utilização, não apenas dessa obra, mas de outras adaptações, pode contribuir de maneira significativa aos estudos literários, sem que as características do período e autor ou essência do texto sejam perdidas.

Conclusão

Como se sabe, os gêneros textuais estão vinculados à vida cultural e social do homem, ou seja, encontram-se diretamente ligados a atividades comunicativas que esses vivenciam em seu dia a dia. por conseguinte, é notável a diversidade de gêneros que se fazem presente em seu cotidiano.

Entre tantos, aqueles que se utilizam de aspectos verbais e visuais na formulação de seus textos tornam-se cada vez mais comuns, haja vista que o homem, a fim de extrapolar o texto escrito, criou formas diversificadas de linguagem para se comunicar.

Dentre elas, encontramos as adaptações do gênero conto para os quadrinhos. O objeto de análise desse artigo é um exemplo de como os gêneros surgem a fim de suprir as necessidades linguísticas de diferentes interlocutores.

Se no gênero conto encontramos a predominância de recursos verbais e poucos recursos visuais (negrito, itálico, letras de tamanhos e formatos diferenciados – todos associados à escrita), sua transmutação para o gênero histórias em quadrinhos surge como um misto verbovisual em que texto, ilustrações e cores ampliam os significados da obra, embora se tenha uma preocupação em preservar a intenção comunicativa do autor, a partir da manutenção do texto verbal original. No entanto, o texto verbal e às ilustrações propostas por Francisco Vilachã e Fernando A. A. Rodrigues facilitam a compreensão da narrativa, através de elementos que promovem uma leitura inferencial e avaliativa da obra, a saber: a caracterização dos personagens, sua localização dentro da trama, a passagem de tempo, os diálogos, etc.

Por fim, a adaptação do conto machadiano para o gênero HQ, além de contribuir significativamente para as construções de sentido do texto, amplia o público alvo para qual a obra se destina, haja vista que a versão original se restringe a um público específico, o adulto. Ademais, faz com que o leitor desenvolva não só uma leitura verbal do texto, mas também visual, formando assim, uma consciência acerca dos aspectos que representam e compõem o gênero em questão, típicas de um leitor crítico que “busca uma compreensão do texto, dialogando com ele, recriando sentidos implícitos nele, fazendo inferências, estabelecendo relações e mobilizando seus conhecimentos para dar às possibilidades significativas do texto” (BRANDÃO, 1994, p. 85).

Referências

ASSIS, M. de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. 2. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000262.pdf>. Acesso em: 30 de mai. 2021.

_____. *A causa secreta*. São Paulo: Escala Educacional, 2006 – (série literatura em quadrinhos).

BRANDÃO, H. N. *O leitor: co-enunciador do texto*. n.1, Cuiabá: Editora da UFMT, 1994. p. 85-90.

COMA, J. *A História das histórias em quadrinhos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

DIONÍSIO, Â. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-151.

_____. et. Al. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

GRESSLER, L. A. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. São Paulo: Loyola, 2003.

GUERINI, A.; BARBOSA, T. (Orgs.). *Pescando imagens com rede textual – HQ como tradução*. 1 ed. São Paulo. Editora Peiropolis. 2013.

HEMIAS, B. *Multimodalidade: enfoque para o professor do ensino médio*. Janela de ideias. 2010. Disponível em: http://www.letas.puc-rio.br/unidades&nucleos/JaneladeIdeias/b_linguagem.html. Acesso em: 15 jun 2021.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, L. C. Em defesa dos quadrinhos. ZILBERMAN, R. (Org.). *A produção cultural para a criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. P. 81-92.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MELO, R. M. B. *A construção da história em quadrinhos: seu uso cultural na mídia impressa*. Disponível em: <http://dmd2.webfaccional.com/media/anais/HISTORIA-E-QUADRINHO-E-MIDIA.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 194-207.

NASCIMENTO, G. C. T. N. *Clássicos da literatura em quadrinhos: uma análise do ponto de vista da tradução intersemiótica*. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/21705/12206>. Acesso em: 15 jun. 2021.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

ⁱ Especialista em Linguística e Ensino de Texto pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
– Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES-UFRN).
E-mail: merhsmedeiros@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1808358882188387>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8907-3710>



REFLEXÕES SOBRE A EXPRESSÃO DA MODALIDADE DEÔNICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

REFLECTIONS ON THE EXPRESSION OF DEONIC MODALITY FOR SPANISH LANGUAGE TEACHING

André Silva Oliveira¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/FELCS

Resumo: Sabendo-se que, para Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade deônica diz respeito às regras e às normas de conduta de âmbito legal, moral e social, pautamos nosso trabalho na descrição e análise desta categoria a partir do gênero jornalístico editorial, e sua contribuição para o ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). Baseamo-nos, portanto, na descrição e análise dos modalizadores que o falante emprega para a modalização deônica no gênero editorial e dos possíveis efeitos de sentido pretendidos para refletirmos sobre as contribuições da perspectiva funcionalista no ensino de língua espanhola. Enquanto o aparato teórico do funcionalismo holandês nos dá o suporte necessário para realizarmos a descrição e análise linguística da modalidade deônica, a perspectiva funcionalista para o ensino de língua nos auxilia nas possíveis estratégias de caráter comunicativo pautadas no uso real. Por fim, ponderamos que seja profícua a relação entre a descrição e análise de uma dada língua e o ensino, uma vez que aquela fornece os subsídios necessários, no âmbito teórico, sobre a categoria linguística estudada e a construção discursiva no editorial, de forma a auxiliar professores e alunos no entendimento das expressões utilizadas pelo falante ao manifestar obrigações, permissões e proibições.

Palavras-chave: Funcionalismo Linguístico. Modalidade Deônica. Língua Espanhola. Editorial.

Abstract: For Hengeveld and Mackenzie (2008), the deontic modality concerns the rules of conduct of a legal, moral, and social scope, we base our work on the analysis of this category from the editorial journalistic genre and the contribution to the teaching of Spanish as a Foreign Language (SFL). We are based, therefore, on the description of the modal markers that the speaker uses for deontic modalization in the editorial genre and the possible meaning effects intended to reflect on the contributions of the functionalist perspective in the teaching of the Spanish language. While the theoretical apparatus of Dutch functionalism gives us the necessary support to carry out the linguistic description and analysis of the deontic modality, the functionalist perspective for language teaching help us to get investigate possible communicative strategies based on real use. Finally, we consider that the relationship between the description and analysis of a given language and teaching is fruitful since it provides the necessary subsidies in the theoretical scope about the linguistic category studied and the discursive construction in the editorial, in order to assist teachers and students in understanding the expressions used by the speaker when manifesting obligations, permissions and prohibitions.

Keywords: Linguistic Functionalism. Deontic Modality. Spanish Language. Editorial.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a expressão da modalidade deôntica em língua espanhola e os valores modais a ela relacionados a partir do gênero editorial, de modo a auxiliar professores de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). Nesse sentido, buscamos investigar sobre o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos modais deônticos expressos por meio de diferentes recursos linguísticos, tais como auxiliares modais, verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, construções modalizadoras, etc. Isso poderá possibilitar que, nas aulas de espanhol, os professores consigam veicular os significados e os possíveis efeitos de sentido (regulação de regras de conduta, prescrição de deveres, avaliação subjetiva de leis e contratos, etc.) pretendidos pelo falante, de modo a ultrapassar um ensino pautado somente na estrutura e na decodificação de textos, e pautar-se nas funções que as expressões linguísticas desempenham em um dado contexto comunicativo.

Pensamos que o ensino de uma língua estrangeira, em especial, o ensino de ELE, não pode estar baseado apenas sob um viés estrutural, mas que deveria estar atrelado ao uso efetivo da língua estrangeira em contextos reais de produção e uso. Particularmente, em determinados contextos comunicativos que sejam de natureza escrita, como o editorial, em que são apresentados os pontos de vista e as opiniões de uma empresa ou de um grupo jornalístico sobre um determinado assunto. Sendo assim, ponderamos que há a possibilidade de instauração de modalizações deônticas por parte do editorialista que poderia prescrever, regular ou avaliar deveres e obrigações sobre sujeitos em particular, instituições específicas, órgãos públicos, etc.

No que tange à modalidade, Araújo e Timóteo (2011) especificam-na como um domínio relevante para o ensino de línguas, visto que expressa o julgamento e as atitudes do falante em relação ao enunciado que ele mesmo produz. Assim, a modalidade tem sido alvo de diversos trabalhos sob a ótica da perspectiva funcionalista, mas não recebendo o tratamento adequado no que diz respeito à sua abordagem em sala de aula.

Conforme os autores, por meio da modalidade, os sujeitos conseguem marcar a sua distância ou o seu engajamento em relação ao seu enunciado que é produzido e direcionado ao(s) seu(s) ouvinte(s). Por isso, abordar essa categoria em sala de aula é uma forma de fazer com que o aluno reflita sobre a língua materna e/ou estrangeira estudada e

as várias opções linguísticas que há a sua disposição. Nesse sentido, para os autores, a modalidade é um exemplo de como as formas linguísticas adquirem valores específicos dentro de uma dada interação comunicativa.

No que diz respeito à modalidade deôntica, abordaremos um subtipo modal que, para Hengeveld e Mackenzie (2008), está associado ao *eixo da conduta*. Para isso, faremos uma explanação acerca da modalidade deôntica e dos valores modais a ela relacionados, pretendendo mostrar aos professores de ELE como a deonticidade se expressa em língua espanhola de forma a assinalar as obrigações, as permissões e as proibições; e como esses valores são caracterizados no gênero editorial. Ressaltamos que consideraremos também os parâmetros semânticos e morfossintáticos da categoria modalidade como é previsto na Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008)¹.

Para fins de organização, este artigo foi dividido em três seções, para além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, abordaremos acerca da perspectiva funcionalista e o ensino de língua materna/estrangeira. Na segunda seção, discorreremos sobre a expressão da modalidade deôntica a partir da ótica da GDF. E, na terceira seção, apresentaremos algumas reflexões para a abordagem da modalidade deôntica e de seus parâmetros semânticos e morfossintáticos nas aulas de ELE a partir do gênero editorial.

1 O funcionalismo linguístico e o ensino de língua materna/estrangeira

De acordo com Furtado da Cunha (2012), o Funcionalismo Linguístico concebe a língua(gem) como instrumento de interação social que possibilita a comunicação entre os participantes da interação. Nesse sentido, a perspectiva funcionalista centra os estudos linguísticos a partir da relação entre língua(gem) e sociedade. Portanto, a descrição e análise de cunho funcionalista perpassa a estrutura linguística, passando a considerar também fatores de ordem pragmática e contextual, presentes na situação comunicativa, como condicionadores da semântica e da sintaxe. Assim, segundo a autora, o funcionalismo procura explicitar as regularidades que podem ser observadas no interativo

¹ Reiteramos que a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), não prevê aplicações didáticas. Estamos apenas interessados em unir a teoria da GDF e o ensino de língua e, a partir desse viés, mostrar possíveis contribuições para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

da língua(gem), analisando, desse modo, as condições discursivas que podem ser verificadas a partir do uso efetivo da língua em contextos reais de produção.

Conforme Furtado da Cunha (2012), as pesquisas no âmbito do Funcionalismo Linguístico buscam lidar com dados de fala e/ou escrita que derivem de situações reais de interação comunicativa. Por isso, os adeptos da perspectiva funcionalista evitam trabalhar com “frases feitas” e que não tenham sido produzidas por falantes reais em contextos autênticos de produção e uso. A autora ainda acrescenta que, ainda que as mais diversas perspectivas de funcionalismo comunguem com a ideia de se trabalhar apenas com dados reais de fala e escrita, o Funcionalismo Linguístico não poderia ser entendido como uma teoria homogênea, visto que apresenta diferentes propostas teóricas no que diz respeito à natureza da linguagem, aos objetivos de análise e aos métodos descritivos.

No entanto, nas palavras de Furtado da Cunha (2012), o Funcionalismo Linguístico e as diferentes vertentes desta perspectiva teórica podem ser resumidos em dois principais pressupostos de análise linguística: (i) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; e (ii) as funções externas influenciam e condicionam na organização interna do sistema linguístico.

Com base nesses princípios básicos, a língua não pode ser analisada sob uma perspectiva imanente, autônoma e independente de fatores sociais que são característicos das comunidades linguísticas que, por sua vez, efetivam o uso da língua(gem) a partir de aspectos pragmáticos-discursivos que estão imbricados nesse processo. Desse modo, a estrutura das línguas é tida como maleável e sensível aos fatores extralinguísticos e pragmáticos, o que reforça o seu caráter adaptativo aos mais diversificados eventos de interação social.

No entanto, é perceptível que, em algumas aulas de língua espanhola, haja um distanciamento do entendimento de que as funções externas ao sistema linguístico possam condicionar e modelar as formas linguísticas. Por isso, em algumas aulas de ELE, os professores têm-se focado e dado mais ênfase a um ensino formal e normativo da gramática e das categorias linguísticas.

Entre essas categorias, podemos citar a modalidade, que é expressa, em língua espanhola, por meio de verbos modais (*deber, tener que, haber que, poder, querer, necesitar, pretender*, etc.). Isso pode ser evidenciado também na própria abordagem que é feita nos manuais de espanhol, que dão, em sua maioria, prioridade apenas a codificação

das estruturas linguísticas e aos seus aspectos estruturais, dando pouca ou quase nenhuma relevância aos aspectos pragmáticos e contextuais relativos ao uso dessas estruturas.

Dessa forma, o ensino de gramática e das categorias linguísticas é feito de forma a não se refletir e ponderar as funções que as unidades estruturais da língua possuem em dados contextos de uso e produção. Sendo assim, os alunos não são incentivados e motivados a analisar o comportamento das expressões linguísticas no discurso, compreendendo, portanto, como as diferentes unidades linguísticas podem ser interpretadas e ressignificadas a partir de questões que são externas ao sistema. Nesse sentido, a perspectiva funcionalista de ensino de língua busca relacionar a forma à função que as unidades linguísticas apresentam em situações reais de comunicação, levando em consideração os objetivos da interação discursiva e o contexto de produção.

Apoiando-se na perspectiva funcionalista, o professor de ELE tem a possibilidade de refletir sobre a língua espanhola, o que o leva a ultrapassar o posicionamento da gramática normativa, que, por seu lado, considera somente a variedade padrão da língua. Em outras palavras, os pressupostos básicos do Funcionalismo Linguístico podem servir de apoio ao professor de ELE ao apresentar um aparato teórico que poderá lhe servir de suporte para compreender o funcionamento do espanhol e das suas variações linguísticas. Por isso, a perspectiva funcionalista visa auxiliar aos professores a aliar a teoria ao estudo de gramática e das categorias linguísticas a ela subjacentes, como os verbos modais, por exemplo.

Nesse sentido, buscamos promover discussões sobre os aspectos pragmático-discursivos e contextuais da língua espanhola na abordagem da modalidade deôntica nas aulas de ELE. Por fim, a nossa proposta é demonstrar que é possível a aplicabilidade dos pressupostos básicos funcionalistas ao ensino de ELE, em especial, no que tange aos verbos modais deônticos (*deber, tener que, haber que, poder, etc.*), que, por sua vez, instauram a modalidade deôntica no discurso, como será detalhado, na seção seguinte, com base no funcionalismo de linha holandesa.

2 A expressão da modalidade deôntica na Gramática Discursivo-Funcional (GDF)

No funcionalismo de linha holandesa, a categoria modalidade é caracterizada e delimitada com base na tipologia das modalidades de Hengeveld (2004), depois revista e

ampliada na Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008). Em Hengeveld (2004), a modalidade é descrita e analisada com base em dois parâmetros principais: (i) o *domínio semântico*, que diz respeito ao tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado; e (ii) a *orientação modal*, que é relativa à perspectiva sobre a qual recai o enunciado modalizado.

Em relação ao domínio semântico, Hengeveld (2004) especifica que a categoria modalidade pode ser dividida em cinco subtipos, a saber: (i) *modalidade facultativa*, que é relativa às capacidades e às habilidades intrínsecas ou adquiridas, como no exemplo: *Eu não sou capaz de trabalhar*²; (ii) *modalidade epistêmica*, que diz respeito aos conhecimentos e às crenças referentes ao mundo real, como no exemplo: *Provavelmente morreremos por falta de água*³; (iii) *modalidade evidencial*, que está relacionada à fonte da informação, como no exemplo: *Chegou um navio turístico, eu testemunhei isso*⁴; (iv) *modalidade volitiva*, que se refere ao que é (in)desejável, como no exemplo: *Nós queremos sair*⁵; e (v) *modalidade deôntica*, que diz respeito às regras e às normas de conduta de âmbito moral, legal e social, como no exemplo: *Eu devo comer*⁶.

No que diz respeito à orientação modal, Hengeveld (2004) determina que os cinco subtipos de modalidade podem apresentar diferentes tipos de orientação. Desse modo, a modalidade pode estar orientada para: (i) o *Participante*, que faz referência à parte relacional do enunciado modalizado, isto é, diz respeito à relação que há entre um participante e um evento, e a realização potencial desse evento; (ii) o *Evento*, que é referente à parte descritiva e objetiva de um evento descrito em um enunciado modalizado, ou seja, o estatuto objetivo de um estado-de-coisas e a sua possibilidade de ocorrência em algum mundo; e (iii) a *Proposição*, que está relacionada à afetação do conteúdo proposicional de um enunciado modalizado, isto é, faz referência à parte do enunciado que representa as crenças e as visões do falante, especificando, portanto, o grau de (não) comprometimento dele em relação à proposição que ele apresenta.

A partir do cruzamento entre esses dois parâmetros, Hengeveld (2004) estipula a existência das seguintes possibilidades:

² Tradução nossa. O original diz: "I am not able to work" (HENGEVELD, 2004, p. 1191).

³ Tradução nossa. O original diz: "We'll probably die for lack of water" (HENGEVELD, 2004, p. 1195).

⁴ Tradução nossa. O original diz: "A tourist-ship arrived I witnessed it" (HENGEVELD, 2004, p. 1196).

⁵ Tradução nossa. O original diz: "We want to leave" (HENGEVELD, 2004, p. 1192).

⁶ Tradução nossa. O original diz: "I must eat" (HENGEVELD, 2004, p. 1192).

Quadro 01 – Cruzamento entre o domínio semântico e a orientação modal

Domínio semântico	Orientação modal		
	Participante	Evento	Proposição
Facultativa	+	+	-
Deôntica	+	+	-
Volitiva	+	+	+
Epistêmica	-	+	+
Evidencial	-	-	+

Fonte: Elaborado pelo autor

Para a modalidade deôntica, Hengeveld (2004) delimita que este subtipo modal diz respeito ao que é legalmente, moralmente e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta. Dessa forma, a modalidade deôntica pode ter foco de qualificação sobre um participante que está obrigado, permitido ou proibido de realizar um evento; ou sobre a necessidade ou a possibilidade de realização de um evento, que é entendido como obrigatório, permitido ou proibido a partir de um conjunto de convenções morais, legais e sociais.

Nesse sentido, a modalidade deôntica pode estar orientada para: (i) o Participante, que diz respeito à descrição de um participante que se encontra sob a obrigação, permissão ou proibição de realizar o evento que é designado pelo predicado, como no exemplo citado anteriormente: *Eu devo comer*⁷; e (ii) o Evento, que diz respeito à descrição da existência de obrigações, permissões ou proibições de realização de eventos, mas sem que o falante faça uma apreciação pessoal desses eventos, como no exemplo: *É preciso tirar os sapatos daqui*.⁸

Na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), os diferentes tipos de modalidade (epistêmica, facultativa, volitiva e deôntica)⁹ podem ser delimitados com base em seu escopo de atuação nas camadas do Nível Representacional, que é relativo às designações semânticas das unidades linguísticas no discurso (entendido, na perspectiva do funcionalismo holandês, como o uso efetivo da língua em contextos reais de produção). Nesse sentido, as unidades linguísticas (operadores e modificadores) são descritas e analisadas a partir da categoria semântica que designam, podendo ser Conteúdos

⁷ Tradução nossa. O original diz: “I must eat” (HENGEVELD, 2004, p. 1192).

⁸ Tradução nossa. O original diz: “One has to take off his shoes here” (HENGEVELD, 2004, p. 1193).

⁹ Na GDF, a modalidade evidencial deixa de ser considerada um subtipo de modalidade, passando a ser entendida como uma categoria linguística, a Evidencialidade.

Proposicionais (p), Episódios (ep), Estados-de-Coisas (e) ou Propriedades Configuracionais (f).

Assim, as camadas nas quais a categoria modalidade pode operar são a camada: (i) do *Conteúdo Proposicional*, que se refere a construtos mentais, podendo ser *factual*, quando diz respeito aos conhecimentos e às crenças do mundo, ou *não-factual*, quando se trata de desejos ou expectativas em relação a um mundo imaginário; (ii) do *Episódio*, que são conjuntos de Estado-de-Coisas tematicamente coerentes, já que revelam unidade ou continuidade de tempo (t), localização (l) e indivíduos (x), localizados em um tempo absoluto; (iii) do *Estado-de-Coisas*, que envolvem eventos e estados com localização no tempo e no espaço e que podem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade, podendo ou não ocorrer em um intervalo de tempo relativo; e (iv) da *Propriedade Configuracional*, que são de natureza composicional, contendo uma combinação de unidades semânticas que não estabelecem uma relação hierárquica entre si.

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade deôntica pode operar na camada da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas. Assim sendo, os operadores modais deônticos podem ter um escopo de atuação sobre: (i) um predicado (interno à predicação), atuando, portanto, na camada da Propriedade Configuracional, estando, pois, a modalidade deôntica orientada para o Participante; ou (ii) uma predicação (predicados e seus argumentos), atuando, desse modo, na camada do Estado-de-Coisas, estando, dessa forma, a modalidade deôntica orientada para o Evento.

Na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade deôntica designa um participante que está obrigado, permitido ou proibido de se envolver no evento designado pelo predicado, como no exemplo: *Eu devo comer*¹⁰; Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica designa o estatuto objetivo de realização de um evento, em que este é entendido como obrigatório, permitido ou proibido a partir de um conjunto de regras e normas já estabelecidas, como no exemplo: *É preciso tirar os sapatos daqui*¹¹.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), constata-se que a modalidade deôntica pode apresentar três valores modais: (i) *obrigação*, o que deve ser feito (polaridade positiva); (ii) *permissão*, o que pode ser feito (polaridade positiva); e (iii) *proibição*, o que não deve ser feito ou o que não pode ser feito (polaridade negativa).

¹⁰ Tradução nossa. O original diz: "I must eat" (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 213).

¹¹ Tradução nossa. O original diz: "One has to take off one's shoes here" (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176).

Como se pode verificar, os valores modais deônticos apresentam estreita relação com a noção de polaridade¹².

Tendo em vista que a modalidade deôntica está relacionada às regras e às normas de conduta a partir do que é estabelecido no âmbito legal, moral e social; e que os modalizadores deônticos podem ter um escopo de atuação sobre predicados e predicções; passaremos, na seção seguinte, para a análise *qualitativa* de alguns casos de modalização deôntica encontrada em editoriais publicados, gratuitamente, em plataformas *online* e de livre acesso ao público.

3 Modalidade deôntica e ensino de ELE: reflexões a partir de editoriais

Trataremos de apresentar, nesta seção, uma análise *qualitativa* de alguns casos de modalização deôntica encontrados em fragmentos de editoriais publicados em plataformas *online* de periódicos escritos por falantes nativos da língua espanhola. Dessa forma, procuramos auxiliar, aos professores de ELE, na abordagem dessa categoria linguística em termos de sua manifestação na língua espanhola, seus valores modais e os possíveis entrelaçamentos com a construção discursiva do gênero editorial em que aparecem.

Imbuídos desse propósito, fizemos uma seleção de alguns editoriais em páginas da *web*, selecionando aquelas ocorrências de modalidade deôntica que poderiam servir para a reflexão sobre o uso da modalidade deôntica no ensino-aprendizagem de ELE e propusemos alguns passos para tratar desta temática, tendo em vista aspectos de ordem semântica e morfossintática.

Considerando esses aspectos de ordem semântica e morfossintática, que se propusessem a explicitar a compreensão da relação entre as formas de expressão da modalidade deôntica e os seus valores modais (obrigação, permissão e proibição) e as formas de expressão linguística, optamos pelo editorial. De acordo com Vieira (2009), o editorial é um texto da esfera jornalística que é de caráter opinativo e argumentativo, escrito de modo objetivo e impessoal, com predominância do padrão culto e formal da língua.

¹² De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a polaridade se mostra como uma categoria relevante na camada do Estado-de-Coisas, concentrando-se, portanto, na positividade ou na negatividade da ocorrência de um evento. Assim sendo, a polaridade positiva reforça a necessidade (obrigação) e a possibilidade (permissão) deônticas, enquanto a polaridade negativa assevera a negação de necessidade e de possibilidade deônticas (proibição).

Assim, a escrita do editorial geralmente faz uso de verbos no infinitivo, da terceira pessoa do singular/plural, do presente do indicativo e da voz passiva. Em termos argumentativos, a autora especifica que o editorial visa assinalar o ponto de vista de uma empresa, da direção ou da equipe da redação responsável pela publicação a respeito de fatos, situações ou problemas ocorridos ou que estão ocorrendo no momento em que os textos são publicados.

Nesse sentido, conforme Vieira (2009), os editoriais jornalísticos abordam assuntos da atualidade, geralmente polêmicos, de maior relevância e sem a obrigação de imparcialidade e da assinatura que é exigida a outros tipos de gêneros jornalísticos, como o artigo de opinião. Ainda segundo a autora, os editoriais são feitos por um profissional encarregado de escrevê-lo, o editorialista, podendo também, em alguns casos específicos, serem redigidos por mais de uma pessoa ou por um conselho editorial. Os editoriais não são comumente escritos com muitas páginas, pois são mais analíticos ou de “artigos de fundo”.

Em termos estruturais, o editorial se compõe, nas palavras de Vieira (2009), de: (i) uma introdução, que é relativa à apresentação do tema ou da tese com o lançamento de uma ideia principal que possa situar o leitor, mas já adotando um posicionamento crítico; (ii) um desenvolvimento, que se refere à contextualização do tema, à fundamentação do ponto de vista do jornal por meio de comparações com a realidade e, assim, demonstrar causas e indicativos concretos; e (iii) uma conclusão, que é referente à síntese das ideias gerais do texto, apresentando, desse modo, um posicionamento crítico, mas sem fugir do assunto inicial que motivou a opinião da empresa ou grupo jornalístico, buscando também aconselhar ou sugerir caminhos que possam solucionar a problemática apresentada.

Em síntese, verificamos que o editorial mostra-se profícuo na manifestação da modalidade, tendo em vista que ele é escrito no intuito de manifestar as crenças e as opiniões de um dado grupo jornalístico sobre um determinado acontecimento, propiciando que este também se expresse em relação a regras e a normas de conduta (modalidade deôntica). Considerando que o editorial poderia conter modalizações deônticas, pautamos alguns parâmetros de análise semânticos que podem ser abordados pelo professor de ELE ao explicitar a modalidade deôntica nas aulas por meio do gênero editorial:

- (i) os valores modais deônticos (obrigação, permissão ou proibição);

- (ii) a *temporalidade do evento* (presente, passado ou futuro);
- (iii) a *orientação modal* (Participante ou Evento);
- (iv) os *traços semânticos do sujeito sintático do modal* (animado ou inanimado);
- (v) o *domínio modal deôntico* (objetivo ou subjetivo);
- (vi) as *formas de expressão linguística* (auxiliares modais, substantivos, adjetivos em função predicativa, advérbios, construções modalizadoras, etc.).

Sabendo-se das características gerais do gênero discursivo que será abordado nesta pesquisa, passemos agora a descrição e análise da modalidade deôntica a partir das categorias de análise pautadas para esta pesquisa. Vejamos o seguinte fragmento de um editorial publicado pelo periódico espanhol *El País*:

Figura 01 – Editorial 1

EDITORIAL | i

Más vacunas, sin tabúes

Hay que debatir, incluso sobre patentes, para aumentar la producción de dosis

Este periódico es firme partidario de que la inversión en innovación esté protegida por un sistema de patentes que permita la adecuada remuneración. Esto es uno de los vectores centrales del desarrollo de las sociedades. Pero vivimos una situación excepcional que exige soluciones también excepcionales. De momento, algunas farmacéuticas han alcanzado acuerdos con otras compañías orientados a aumentar la producción. Es un avance, pero no se puede dejar al interés o a la buena voluntad de iniciativas privadas un asunto del que dependen la salud y la economía mundial. Los poderes públicos deben apoyar y presionar para que este tipo de acuerdos proliferen, como hizo la [Administración de Biden en el pacto entre Johnson & Johnson y Merck](#). Esto debe hacerse con urgencia. Y debe recordarse que la normativa vigente ofrece mecanismos de exención temporal de patentes que sería sensato activar si no se logra pronto el objetivo. No puede ser un tabú. En todo caso, permitir que otros fabriquen las vacunas protegidas por patentes no tiene por qué implicar una expropiación total de los posibles beneficios. Se

Fonte: <https://elpais.com/opinion/2021-03-28/mas-vacunas-sin-tabues.html>

Neste fragmento do Editorial (1), podemos verificar algumas ocorrências de modalizações deônticas¹³:

- (1) *Es un avance, pero no se puede dejar al interés o a la buena voluntad de iniciativas privadas un asunto del que dependen la salud y la economía mundial.*

¹³ Tradução livre: (1) É um progresso, mas uma questão da qual dependem a saúde e a economia mundial não pode ser deixada ao interesse ou à boa vontade da iniciativa privada. (2) Os poderes públicos devem apoiar e pressionar para que esse tipo de acordo se prolifere. (3) Isso deve ser feito com urgência. (4) E deve ser lembrado que os regulamentos atuais oferecem mecanismos de isenção temporária de patente que seria sensato ativar se o objetivo não for alcançado em breve. (5) Não pode ser tabu. Em qualquer caso, permitir que terceiros fabriquem vacinas protegidas por patente não significa necessariamente uma expropriação total dos lucros potenciais.

- (2) *Los poderes públicos **deben apoyar** y **presionar** para que este tipo de acuerdos proliferen.*
- (3) *Esto **debe hacerse** con urgencia.*
- (4) *Y **debe recordarse** que la normativa vigente ofrece mecanismos de exención temporal de patentes que sería sensato activar si no se logra pronto el objetivo.*
- (5) *No **puede ser** un tabú. En todo caso, permitir que otros fabriquen las vacunas protegidas por patentes no tiene por qué implicar una expropiación total de los posibles beneficios.*

Neste fragmento do editorial, foi possível identificarmos cinco ocorrências de modalidade deôntica, instauradas por meio dos auxiliares modais *deber* e *poder*, nas quais o professor de ELE pode explorar acerca dos valores modais deônticos, a orientação modal e a temporalidade do evento.

No que diz respeito aos valores modais, constatamos que o valor de *obligación* (necessidade deôntica) é instaurado nas ocorrências (2), (3) e (4). Nestas ocorrências, verificamos que os eventos, que estão sob a qualificação da modalidade deôntica, prescrevem ou avaliam a necessidade de concretização do predicado, respectivamente, *apoyar y presionar, hacer, recordar* e *respetar*. Assim, atestamos que, em (2), os poderes públicos estão obrigados a apoiar e a pressionar para que acordos que facilitem a fabricação de vacinas se proliferem. Em (3), o dever de que esses acordos sejam feitos com urgência. E, em (4), a obrigação de se lembrarem que a norma vigente oferece mecanismos de concessão temporal de patentes.

Por sua vez, nas ocorrências (1) e (5), atestamos a instauração do valor modal de *prohibición* (negação de permissão), asseverado pelo uso do advérbio de negação *no*. Nessas ocorrências, a modalidade deôntica é relativa à negação de permissão do evento que está sob o escopo da qualificação modal deôntica, em (1), a proibição de que se deixe ao interesse da iniciativa a fabricação de novas vacinas para a covid-19. E, em (5), a negação de permissão de que se converta em um tabu permitir que apenas aquelas empresas que possuem a patente da vacina possam fabricá-la e comercializá-la.

No que diz respeito à orientação modal, atestamos, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), que ela pode ter como foco de qualificação um sujeito em particular ou um evento. Isso pode ser explorado pelo professor de ELE, respectivamente, por meio das

ocorrências (1) e (2). Em (1), verificamos que não há a especificação de um sujeito que esteja proibido de realizar o evento descrito pelo predicado, pois o editorialista se restringe apenas a reportar a proibição de realização de um evento. Por seu lado, em (2), averiguamos que o editorialista especifica a existência de um sujeito (*Los poderes públicos* – que representam o governo espanhol) que está obrigado a realizar o evento designado pelo predicado.

No que tange à temporalidade do evento, examinamos, com base em Lyons (1977), que os eventos, que estão sob o escopo da modalização deôntica, dar-se-ão em um momento futuro ao da enunciação, ou seja, são de prospecção futura (futuridade). De acordo com o autor, a modalidade deôntica não descreve um ato em si, mas um estado-de-coisas que será obtido caso o ato deôntico instaurado seja realizado, sendo que isso se dará em algum tempo futuro. Desse modo, a modalidade deôntica está intrinsecamente ligada com a noção de futuridade. O professor de ELE também pode explorar que, ainda que os modalizadores deônticos tenham sido flexionados no presente do indicativo, a noção semântica de tempo se refere ao futuro, em que a flexão do modal no presente do indicativo assinala apenas a localização do valor modal deôntico instaurado, que está situado no momento da enunciação.

Passemos agora para os seguintes fragmentos de editoriais publicados pelo periódico mexicano *El Universal*:

Figura 02 – Editorial 2



The image shows a screenshot of an editorial from the newspaper 'El Universal'. At the top, there is a navigation bar with 'El Universal' and 'Opinión'. Below that, it says 'Editorial de EL UNIVERSAL' and the title 'Cazadores de mexicanos' in large blue letters. The main text of the editorial is in Spanish and discusses the Mexican government's approach to migration and protests.

El gobierno mexicano debe ir aún más allá de la presentación de notas diplomáticas de protesta.

Es tiempo ya de exigir que se concrete un acuerdo migratorio de amplio alcance, sin omitir la posibilidad de acudir a organismos internacionales como la ONU que han aprobado acuerdos internacionales que defienden los derechos de los inmigrantes.

Fonte: <https://archivo.eluniversal.com.mx/editoriales/26950.html>

Figura 03 – Editorial 3

Editorial

El patrimonio amenazado en Tierrabomba

El cerro del Horno, por ejemplo, con su fuerte del Ángel San Rafael debería ser una tacita de plata, lo que incluiría varias cosas: además de su propia conservación, su entorno debería estar impecable, por lo que no debería tener casas demasiado cerca, ni mucho menos encima del túnel de 600 metros que va de la orilla del agua hasta el fuerte, que era usado para mover a los soldados entre las fortalezas de San Fernando y el Ángel. Hace mucho tiempo el Ministerio de Cultura debió establecer un perímetro intocable para proteger esta joya de fuerte, que una vez construido, hizo impenetrable a la bahía de Cartagena y que solo recibió fuego enemigo de la artillería de Pablo Morillo, durante la reconquista. Y el propio túnel debería estar impecable y en uso para visitantes locales y foráneos.

Fonte: <https://www.eluniversal.com.co/opinion/editorial/el-patrimonio-amenazado-en-tierrabomba-13656-PCEU381718>

No Editorial (2), encontramos o seguinte caso de modalidade deôntica¹⁴:

(6) *El gobierno mexicano **debe ir** aún más allá de la presentación de notas diplomáticas de protesta.*

No Editorial (3), por sua vez, encontramos mais casos de modalizações deônticas¹⁵:

(7) *El cerro del Horno, por ejemplo, con su fuerte del Ángel San Rafael **debería ser** una tacita de plata.*

(8) *Lo que incluiría varias cosas: además de su propia conservación, su entorno **debería estar** impecable.*

(9) *Por lo que no **debería tener** casas demasiado cerca, ni mucho menos encima del túnel de 600 metros que va de la orilla del agua hasta el fuerte.*

(10) *Y el propio túnel **debería estar** impecable y en uso para visitantes locales y foráneos.*

Nesses fragmentos dos editoriais publicados pelo periódico mexicano *El Universal*, o professor de ELE poderia explorar tanto os traços semânticos do sujeito sintático do modal quanto o domínio modal deôntico. Em relação aos traços semânticos do sujeito sintático do modal, verificamos que, para a modalidade deôntica, ele pode ser tanto

¹⁴ Tradução livre: (6) O governo mexicano deve ir ainda mais além do que a apresentação de notificações diplomáticas de protesto.

¹⁵ Tradução livre: (7) Cerro del Horno, por exemplo, com seu forte Angel San Rafael deveria ser uma taça de prata. (8) O que incluiria várias coisas: além de sua própria preservação, seu entorno deveria ser imaculado. (9) Portanto, não deveria ter casas muito próximas, muito menos acima do túnel de 600 metros que vai da beira da água ao forte. (10) E o túnel em si deveria estar impecável e ser usado para visitantes locais e estrangeiros.

animado [+humano], como podemos constatar na ocorrência (6); quanto inanimado [-humano], como podemos atestar nas ocorrências de (7) a (10).

Em (6), a modalidade deôntica está orientada para o Participante, haja vista que há a especificação de um sujeito, o governo mexicano [+humano], que está obrigado a realizar o evento descrito pelo predicado, no caso, o dever de ir além do que apenas medidas diplomáticas no que se refere à proteção dos mexicanos que decidem entrar, de maneira ilegal, nos Estados Unidos.

Por sua vez, nas ocorrências de (7) a (10), a modalidade deôntica está orientada para o Evento e, por isso, não há a especificação de um sujeito que irá realizar a ação, mas apenas “sofrê-la”, ou seja, o sujeito sintático do modal refere-se a um ser inanimado, o forte do *Ángel San Rafael* e o túnel localizado nesse forte [-humano], sobre quem recai a ação do predicado que está sob o escopo da qualificação deôntica, respectivamente, em relação ao forte, ser uma tacinha de prata, em (7); estar impecável, em (8); não ter casas mais próximas, em (9); e, em relação ao túnel, estar impecável, em (10).

Em relação ao domínio modal, Lyons (1977) especifica que a modalidade deôntica pode ser objetiva e subjetiva. Na *modalidade deôntica objetiva*, o sujeito enunciador, que instaura a deonticidade no discurso, não se compromete com a deonticidade manifestada no enunciado modalizado, limitando-se apenas a reportar a existência de alguma obrigação, permissão ou proibição já estabelecida socialmente, legalmente ou moralmente. Por sua vez, na *modalidade deôntica subjetiva*, o sujeito enunciador se compromete pessoalmente com o valor deôntico instaurado, haja vista que ele é quem avalia o ato deôntico contido no enunciado modalizado, ou seja, é dele quem emana a atitude modal instaurada.

Em (6), verificamos que a modalização deôntica instaurada é objetiva, haja vista que o falante, ao empregar o presente do indicativo (*debe*) limita-se a agir como um “porta-voz” de uma obrigação já prescrita socialmente, que consiste em um governo zelar e cuidar de seu povo. Por sua vez, nas ocorrências de (7) a (10), o falante, ao fazer uso do *condicional simple* (futuro do pretérito em português) do espanhol (*debería*), expressa o seu julgamento pessoal e subjetivo em relação à necessidade deôntica (obrigação) que recai sobre os eventos que estão sob a qualificação modal deôntica. Assim, nas ocorrências de (7) a (10), encontramos casos de modalidade deôntica subjetiva.

Em relação às formas de expressão da modalidade deôntica, os fragmentos dos editoriais publicados pelos periódicos *La Tercera* (Chile), *El País* (Espanha), *El Nuevo Siglo* (Colômbia), *El Nacional* (Venezuela) e *El Telégrafo* (Equador) podem ilustrar, respectivamente, o uso de auxiliar modal (*deber+infinitivo*), substantivo (*la obligación*), adjetivo em posição predicativa (*es necesario*), advérbio (*obligatoriamente*) e construção modalizadora (*tener la obligación de*) como forma de expressão de regras e normas de conduta:

Figura 04 – Editorial 4

Salida de Chile de acuerdo por inmigración

OPINIÓN Editoriales 15 DIC 2018 11:45 PM

Pese a lo acertado de postergar por ahora el ingreso al pacto, el gobierno también debe asumir la responsabilidad por la forma ligera en que se llevó a cabo la discusión interna. Nuestro país concurrió de hecho con especial

Fonte: <https://www.latercera.com/opinion/noticia/salida-chile-acuerdo-inmigracion/447741/>

Figura 05 – Editorial 5

EDITORIAL ⓘ

El deber de Bolsonaro

La actitud temeraria e irresponsable del dirigente del mayor país de Sudamérica amenaza con provocar un sinnúmero de víctimas mortales

La principal obligación de cualquier gobernante en una democracia es proteger la vida y el bienestar de sus ciudadanos, pero lo que está haciendo con su gestión de la pandemia el presidente de Brasil, Jair Bolsonaro, es exactamente lo contrario. La actitud temeraria e irresponsable del dirigente del mayor país de

Fonte: https://elpais.com/elpais/2020/04/03/opinion/1585937358_193172.html

Figura 06 – Editorial 6



Obviamente, como toda política, siempre es necesario aplicar ajustes y enfatizar para lograr los objetivos buscados. Los escenarios geopolíticos son cambiantes y exigen

Fonte: <https://www.elnuevosiglo.com.co/articulos/03-25-2021-el-norte-de-la-politica-exterior>

Figura 07 – Editorial 7



Pero cada vez se hace más evidente que al régimen no le importan los venezolanos ni su sufrimiento. Su más reciente genialidad así lo comprueba. Ahora una persona que quiera revisar su cuenta en el sistema Patria debe contestar obligatoriamente una encuesta. Y el tema que consulta es nada más y nada menos que las sanciones de Estados Unidos a la cúpula rojita.

Fonte: <https://www.elnacional.com/opinion/pero-tenemos-patria/>

Figura 08 – Editorial 8



Fonte: <https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/editoriales/1/el-contralor-tiene-la-obligacion-de-regresar-cuanto-antes-al-pais>

Nos editoriais selecionados, podemos verificar que a modalidade deôntica pode ser expressa, em língua espanhola, por meio de diferentes tipos de unidades linguísticas, o que pode ser explorado pelo professor de ELE no que diz respeito à codificação morfossintática das regras e das normas de conduta que são prescritas, reguladas ou avaliadas pelos editorialistas ao instaurar as modalizações deônticas.

Considerando o que foi exposto neste trabalho, ressaltamos que a uma abordagem da modalidade deôntica por meio do gênero editorial poderia facilitar o processo de ensino-aprendizagem não apenas das formas estruturais empregadas para a manifestação de regras e normas de conduta, mas também dos efeitos de sentido pretendidos que a modalização deôntica acarreta a produção do discurso (uso efetivo da língua em contextos reais de produção linguística). Pensamos também que as análises e propostas apresentadas poderão contribuir para que professores e alunos de ELE possam veicular, por meio da língua espanhola, os significados e os sentidos desejados, sendo, portanto, capazes de compreender as estratégias discursivas e argumentativas presentes no gênero editorial para a descrição e análise da modalidade deôntica.

Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo descrever e analisar a modalidade deôntica sob a perspectiva do funcionalismo de linha holandesa, cuja meta era apresentar aos professores de ELE não apenas as formas de expressão da modalização deôntica (aspectos morfossintáticos), mas alguns aspectos de ordem semântica presentes em um contexto comunicativo específico para a produção de um gênero discursivo da esfera jornalística, o editorial. Nesse sentido, pretendíamos abordar os aspectos discursivos de ordem semântica e morfossintática e os possíveis efeitos de sentido que pudessem ser explorados pelo professor de ELE ao trabalhar a manifestação de regras e normas de conduta em espanhol.

Constatamos que a modalidade deôntica é delimitada e especificada, no funcionalismo holandês, a partir de dois parâmetros principais, o domínio semântico e a orientação modal, podendo os modalizadores deônticos terem um escopo de atuação sobre predicados e predicções (predicado e os seus argumentos). Averiguamos que a modalidade deôntica diz respeito às regras e às normas de conduta reguladas no âmbito legal, moral e social; e que pode estar orientada para o Participante, quando há a

especificação de um sujeito que está obrigado, permitido ou proibido de realizar a ação contida no predicado; ou para o Evento, quando há a caracterização de eventos entendidos como obrigatórios, permitidos ou proibidos a partir do que é entendido como regra e norma de conduta no âmbito geral e coletivo.

Atestamos que a modalidade deôntica pode ser instaurada, no editorial, por meio de auxiliares modais, substantivos, adjetivos em posição predicativa, advérbios e construções modalizadoras. No que tangem aos aspectos semânticos, a modalidade deôntica pode expressar os valores modais de obrigação e proibição, podendo ser objetiva ou subjetiva, com sujeitos sintáticos animados ou inanimados, cuja temporalidade do evento, que está sob a qualificação modal deôntica, ser de prospecção futura (futuridade).

Em suma, acreditamos que o que foi exposto neste trabalho possa trazer algumas reflexões sobre a categoria modalidade deôntica e os verbos modais deônticos e a sua abordagem nas aulas de ELE, bem como suas possíveis aplicações ao ensino de espanhol. Pensamos também que se faz necessário que o professor de ELE enfoque a relação existente entre forma-função dos modalizadores deônticos na língua espanhola, em especial, a especificidade da língua estrangeira.

Referências

ARAÚJO J. G. G. de; TIMÓTEO L. de M. Modalidade linguística e ensino de língua portuguesa: uma abordagem funcionalista. In: NOGUEIRA M. T.; LOPES M. F. V. (Orgs.). *Modo e Modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

EL NACIONAL. Pero tenemos Patria. *Periódico El Nacional*, Caracas, 5 out. 2020. Disponível em: <https://www.elnacional.com/opinion/pero-tenemos-patria/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

EL NUEVO SIGLO. El norte de la política exterior. *Periódico El Nuevo Siglo*, Bogotá, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.elnuevosiglo.com.co/articulos/03-25-2021-el-norte-de-la-politica-exterior>. Acesso em: 31 mar. 2021.

EL PAÍS. Más vacunas, sin tabúes: hay que debatir, incluso sobre patentes, para aumentar la producción de dosis. *Periódico El País*, Madrid, 28 mar. 2021. Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2021-03-28/mas-vacunas-sin-tabues.html>. Acesso em: 31 mar. 2021.

EL PAÍS. El deber de Bolsonaro: la actitud temeraria e irresponsable del dirigente del mayor país de Sudamérica amenaza con provocar un sinnúmero de víctimas mortales. *Periódico El País*, Madrid, 04 abr. 2021. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2020/04/03/opinion/1585937358_193172.html. Acesso em: 31 mar. 2021.

EL TELÉGRAFO. El Contralor tiene la obligación de regresar cuanto antes al país. *Periódico El Telégrafo*, Quito, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/editoriales/1/el-contralor-tiene-la-obligacion-de-regresar-cuanto-antes-al-pais>. Acesso em: 31 mar. 2021.

EL UNIVERSAL. Cazadores de mexicanos. *Periódico El Universal*, Ciudad de México, 26 fev. 2005. Disponível em: <https://archivo.eluniversal.com.mx/editoriales/26950.html>. Acesso em: 31 mar. 2021.

EL UNIVERSAL. El patrimonio amenazado en Tierrabomba. *Periódico El Universal*, Ciudad de México, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.co/opinion/editorial/el-patrimonio-amenazado-en-tierrabomba-13656-PCEU381718>. Acesso em: 31 mar. 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 157-176.

HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Eds.). *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, v. 2, 2004. p. 1190-1201.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LA TERCERA. Salida de Chile de acuerdo por inmigración. *Periódico La Tercera*, Santiago de Chile, 15 dez. 2018. Disponível em: <https://www.latercera.com/opinion/noticia/salida-chile-acuerdo-inmigracion/447741/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

VIEIRA, M. H. G. N. *O gênero editorial: uma proposta de caracterização*. 2009. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15379/1/DISSERTACAO_MARIA_HELENA.pdf. Acesso em: 28 mar. 2021.

ⁱ Prof. Ms. de Língua Espanhola. Docente da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS/UFRN). Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC). Pesquisador na área de modalidade, modalização discursiva e ensino de espanhol desde uma perspectiva funcionalista.

E-mail: andrethzn@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4245295395371982>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3448-0658>



ARTIGO

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O NARRAR INTERNO

THE AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AND THE INTERIOR NARRATIVE

Weberson de Aquino Limaⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo: Este artigo analisa o indicador do “ponto de vista” ou “narrar interno” na literatura afro-brasileira. Baseando-se fortemente nos estudos do Professor Eduardo de Assis Duarte, o artigo objetiva discutir sobre o ponto de vista do homem negro e da mulher negra como sujeito de sua escritura, que constitui assim uma contra narrativa que se legitima na história individual e coletiva da população negra no Brasil. Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se com base em produções bibliográficas de teóricos afro-brasileiros como Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), Conceição Evaristo (2005, 2011) e Cuti (2010), perpassando também as obras literárias de quatro importantes precursores da literatura afro-brasileira em um recorte temporal que vai do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Conclui-se ao final do artigo que diante do “narrar interno” do sujeito autor afro-brasileiro, os personagens negros são construídos fora dos estereótipos e estigmas advindos do processo de escravização.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Narrar interno. Escravização. Personagem negro.

Abstract: This article analyzes the “point of view” in Afro-Brazilian literature. Based on the studies of Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), the article aims to discuss the “point of view” of the black man people the subject of his writing, which thus constitutes a counter-narrative that is legitimized in the individual and collective history of the black population in Brazil. Methodologically, specialized research is based on bibliographic productions by Afro-Brazilian theorists like Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), Conceição Evaristo (2005, 2011) and Cuti (2010), also going through the literary works of four important precursors of Afro-Brazilian literature in a time frame from the 19th century until the first decades of the 20th century. We conclude at the end of the article that in the face of the “internal narration” of the Afro-Brazilian subject, black characters are constructed out of stereotypes and stigmas arising from the process of enslavement.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Interior Narrative. Slavery. Black character.

Introdução

A presença do negro na literatura brasileira é escassa, seja como personagem no repertório literário, seja como voz autoral, como é apontado nas pesquisas de Eduardo de Assis Duarte (2013). Essa escassez é atribuída ao violento processo de escravização ocorrido no Brasil que, além de gerar preconceitos, reduzia o escravizado a instrumento de força braçal e a objeto sexual.

Mesmo com a assinatura da Lei Áurea, no dia 13 de maio de 1888, o africano e o afro-brasileiro libertos permaneceram cativos do sistema colonial. A Lei Áurea estava marcada pela ausência de direitos mínimos e pelo tratamento excludente que manteve boa parte dos remanescentes de escravizados em um estágio de pobreza e miséria durante décadas, e que, por sua vez, redundou em um efetivo sequestro de sua cidadania e da não inserção dessas pessoas na sociedade.

Estes ex-escravizados e sua descendência estavam relegados à margem social, tendo suas memórias deletadas dos arquivos, das narrativas históricas e da literatura. Sem representação na ficção em que predominava um cenário literário branco que não lhes reservava nenhuma dignidade e humanidade, a imagem do africano, e também do afro-brasileiro, estava então associada ao estereótipo de negatividade.

O negro passa a existir como sujeito dotado de faculdades humanas e virtudes a partir do século XIX, através de escritores que assumem a afro-brasilidade e tomam para seus textos o tom político e crítico diante do processo de escravização e suas sequelas. É a partir do *narrar interno*, o ponto de vista do sujeito afro-brasileiro, que o personagem negro se distancia dos estereótipos e estigmas do olhar branco e colonizador. Ao fazer sua escrita ficcional, o autor afro-brasileiro instaura novos paradigmas que permitem uma abordagem diferente do sujeito negro escravizado e de sua descendência em nosso país.

Este artigo é basilarmente apoiado nos estudos realizados pelo professor Eduardo de Assis Duarte nas duas últimas décadas compreendendo a discussão da afro-brasilidade e da importância do indicador do ponto de vista do sujeito afro-brasileiro. Ponto de vista este que é um fator essencial para a construção de uma literatura que passa a destoar do pensamento raciológico, que é herança dos duros séculos de escravização de pessoas negras no Brasil.

Diante desta afirmação, o presente artigo tem como objetivo a discussão sobre o *narrar de dentro* de escritores afro-brasileiros, perpassando pela obra de Luís Gama (1830-

1882), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922), quatro dos principais precursores dessa literatura. Este artigo apoia-se nas ideias propagadas pela Lei 10.639/03 (que instituiu o ensino de história da África e de história e cultura afro-brasileira na educação básica e que veio para inscrever, na ordem do discurso, o indivíduo da diáspora negra como protagonista de seu passado), e opta por desenvolver a base da pesquisa em produções bibliográficas de teóricos afro-brasileiros como Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), Conceição Evaristo (2005, 2011) e Luís Silva (Cuti) (2010), para trazer para contexto atual discussão sobre o indicador de ponto de vista da literatura afro-brasileira.

1 A Literatura Afro-brasileira

O termo literatura afro-brasileira, por sua configuração semântica¹, remete ao processo de mesclagem cultural em curso em nosso território, desde a chegada dos primeiros escravizados trazidos do Continente Africano, os quais foram submetidos a um processo de “hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural” (DUARTE, 2014, p. 264), durante os anos violentos de escravização.

Este modo de assimilação híbrido torna-se uma estratégia de sobrevivência e resistência, diante do doloroso e traumático processo de colonização e suas sequelas, que, por sua vez, vigoram na escrita afro-brasileira do passado e dos dias contemporâneos. Os estudos de Eduardo de Assis Duarte (2014), observam que a literatura afro-brasileira: “se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2014, p. 259). Essa literatura tem suas origens conhecidas até o presente momento em meados do século XVIII (PEREIRA, 1995). Ela existe e vem resistindo as barreiras impostas pelo colonialismo até os dias atuais.

A literatura afro-brasileira é concebida para pesquisadores como Florentina Souza “como um recorte da tradição literária brasileira que enfoca suas narrativas nas questões étnicos raciais” (SOUZA, 2011, p. 14), e tem como proposta o questionamento sobre o racismo, a escravização e suas consequências que suscitaram a exclusão e a marginalização dos africanos escravizados e de seus descendentes em gerações futuras.

¹ Como nos aponta o Prof. Eduardo de Assis Duarte, em seu texto *Por um conceito de literatura afro-brasileira* do ano de 2014.

A escritora e professora Conceição Evaristo (2011) também faz parte do grupo de pesquisadores que colaboram para a definição deste recorte na literatura nacional, pois, para Evaristo, “há muito, um grupo representativo de escritores/as afro-brasileiros/as, assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vem afirmando a existência de um corpus literário específico na Literatura Brasileira” (EVARISTO, 2011, p. 131). Para a pesquisadora, esse corpus singular se constituiria como uma produção literária caracterizada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e mulheres negras na sociedade brasileira. Esses textos que comportam a literatura afro-brasileira surgem “pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo aos modos de utilização da língua” (Ibidem, p. 143), que, por sua vez, gera um ponto de vista que narra internamente e colabora para a definição de um recorte dentro da literatura nacional em um nicho específico.

Desta maneira, os escritores afro-brasileiros transmitem para os seus textos e conseqüentemente para seus leitores “um discurso caracterizado, seja no nível da escolha lexical, seja no nível dos símbolos utilizados pelo desejo de resgatar uma memória negra esquecida” (DUARTE, 2005, p. 17). O que torna essa literatura um meio de afirmação para um sujeito que se autodeclara negro e que através de sua escrita reconstrói a sua memória ancestral e com ela alimenta o orgulho étnico.

Essa literatura produzida por escritores afro-brasileiros está “inserida na experiência da vida da população negra, não só como meio de liberação de tradições africanas silenciadas em nossa cultura, mas também como estratégia artística de denúncia da exclusão dos negros” (PEIXOTO, 2013, p. 11). Assim, a literatura produzida acaba por constituir uma contra narrativa que é um proeminente recorte que exemplifica e ilustra as questões acerca de preconceito racial, diáspora, violência, e também questões de gênero associadas à condição da cor dos sujeitos.

Diante do exposto, é importante atentar para o que nos indica o escritor e estudioso da literatura afro-brasileira Luiz Silva (Cuti), que afirma: “por todo o período da escravização no Brasil e no mundo, a expressão do escravizado ficou tolhida. Aliás, calar o outro é uma das táticas para dominá-lo” (CUTI, 2010, p. 48). Salienta-se, também, que “é importante lembrar que o acesso dos escravos à alfabetização era frequentemente negado sob pena de morte” (GILROY, 2001, p. 160), o que, por sua vez, impunha barreiras e

silêncio aos escravizados e aos seus descendentes, até mesmo em gerações nascidas fora do regime escravocrata, pois toda violência do processo colonial serviu para impor limites à expressão dos escravizados. Esse silêncio impositivo atravessa o tempo, naturaliza-se (CUTI, 2010), e se torna um motivo para o apagamento e até a ausência de autores afro-brasileiros nos manuais de estudo da literatura nacional.

Sendo assim, é importante, mais uma vez, dar destaque às reflexões de Conceição Evaristo (2011), as quais afirmam que o corpo negro tem sido, durante séculos, violado em sua integridade física e interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata, e que ainda hoje seriam recorrentes essas violações, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade. Desta maneira, para a escritora “coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira” (EVARISTO, 2011, p. 133).

Nas formas de resistência citadas por Conceição Evaristo (2011) se encontra, juntamente com a música e a religiosidade, a literatura, pois como nos mostra o sociólogo brasileiro Octávio Ianni (2014), a literatura produzida por essa parcela afro-brasileira não só expressa, como também organiza uma parte importante da consciência social dos afro-descendentes “ao lado da política, da religião e outras formas de consciência, ela é uma forma singular, privilegiada, de expressão e organização das condições e possibilidades da consciência do negro” (IANNI, 2014, p. 196). Por este motivo, desde seus primórdios, essa literatura vem sendo desvalorizada ou até mesmo considerada menor, por parte do cânone branco e eurocêntrico, pois, desde o início, os brancos, detentores do poder, reprimiam e impediam o acesso dos escravizados à palavra escrita. Nota-se que, mesmo após a abolição construiu-se no imaginário coletivo uma negatividade apoiada na suposta inferiorização do povo negro e em torno de tudo que se faz referência à África e aos valores da afro-brasilidade.

Todavia, existiu e existe uma força branca de hegemonia eurocêntrica, a qual faz uso de uma tentativa para silenciar o volume da voz ecoante negra. No caso da literatura, como nos mostra Eduardo de Assis Duarte (2005, p. 1), a produção literária afro-descendente “sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos”. Esse é um dos motivos (mas não o único) que ajuda a explicar o porquê do silenciamento e a ausência de escritores afro-brasileiros que criticavam em seus textos as

atrocidades da escravidão, o preconceito racial, assim como as mazelas do antes e depois do 13 de maio nos manuais de estudos de literatura nacional, mesmo que “durante toda a formação da Literatura Brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si e de si” (EVARISTO, 2011, p. 141).

2 Precusores da Literatura Afro-brasileira

A tinta e a pena para os autores e autoras afro-brasileiros tornam-se uma arma, para a luta contra o fim do regime escravocrata e a degeneração da dignidade humana de si próprios e aos irmãos, ainda acorrentados aos grilhões da escravidão. A literatura afro-brasileira permitiu um movimento em que “amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil” (EVARISTO, 2011, p. 141). Nessa fala enfática e afirmativa é que se encontram as vozes precursoras desta literatura, como o poeta, jornalista e advogado Luiz Gonzaga Pinto da Gama ou Luiz Gama (1830-1882), que com seu discurso fundador e pioneiro, de atitude compromissada com os valores da negritude, é o primeiro poeta a falar em versos do amor por uma mulher negra e também a refletir sobre a aceitação de ser negro em poemas (BROKSHAW, 1983). Soma-se a estes atributos o fato de que Luiz Gama vivenciou a experiência da escravidão durante a infância (DUARTE, 2005).

Sabe-se que o poeta em sua época já se autodenominava “Orfeu de Carapinha”, e ao evocar como inspiração e modelo de beleza a “Musa da Guiné” ou “de azeviche”, Luiz Gama tem uma ação afirmativa, de orgulho e elevação de sua etnicidade afro-descendente (DUARTE, 2014). O autor optou por sua afro-identificação em “um momento em que toda sociedade imperial queria ter uma marca europeia” (EVARISTO, 2011, p. 141). Luiz Gama acaba indo na contramão do que pregava o discurso vigente de seu tempo. Foi como “Orfeu de Carapinha”, poeta da negritude e advogado abolicionista no Brasil, que Luiz Gama se tornou uma das mais importantes personalidades da história do povo negro na defesa do fim dos trabalhos forçados e abusos (SANTOS, 2010) em frente à luta por liberdade de sua gente.

O jornalismo, o direito e a arte literária, juntamente com a política, foram as armas escolhidas pelo autor na luta por igualdade racial. Luiz Gama não se furta em

nenhum momento da vida à sua afro-identificação, advinda de sua herança materna africana (SANTOS, 2010). Em seu único livro publicado, intitulado *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1859), o autor mostra que sua poesia é ácida e reveladora, uma ação confirmatória desta afro-brasilidade. O discurso fundador de Luiz Gama “ridiculariza o *mulato*² enriquecido, que nega a própria origem afrodescendente, o branco preconceituoso, o escravista, o status quo” (SOUZA, 2006, p. 36).

Além dele, a professora e escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) é outro exemplo de autora precursora da literatura afro-brasileira. Maria Firmina foi esquecida e ignorada mediante a questão racial somada a questão de gênero. A pouca divulgação impediu que a autora viesse a constar dos manuais clássicos da literatura nacional (DUARTE, 2005). O seu romance *Úrsula*, publicado há mais de um século e meio, seguiu até então esquecido, mesmo que seu texto se destaque “pela contundência com que expõe os métodos de abordagem daqueles que transformam seres humanos em mercadoria e força de trabalho submissa” (DUARTE, 2020, p. 50). *Úrsula*, em 1859, era um romance no qual se abordava a escravidão a partir do ponto de vista do outro, o ponto de vista do escravizado.

O romance escrito por Maria Firmina dos Reis trouxe para o público de sua época “um tratamento absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro. O resultado é que uma espessa cobertura de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século” (DUARTE, 2004, p. 267), de modo que, apenas a partir de edição fac-similar, preparada por Horácio de Almeida e vinda a público na década de 70, *Úrsula* passou ao conhecimento dos estudiosos e do público (DUARTE, 2020).

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2020), dentre as inovações pioneiras da autora no romance, destaca-se um fato inédito até então na produção literária de nossa nação: pela primeira vez a África é tematizada, surgindo como um espaço de civilização. Além da África e da dor dos escravizados raptados, o texto de Maria Firmina também traz pela primeira vez a descrição do porão do navio negreiro, conhecido pelos escravizados como tumbeiro, ele é “descrito em detalhes, este espaço submerso na dor é palco onde se expõe os métodos adotados para atender aos reclamos dos acorrentados” (DUARTE, 2020, p. 50),

² Se manteve a citação direta do autor, porém vale ressaltar que a palavra *mulato* está em desuso, por ser considerada racista. A palavra era usada pelos portugueses colonizadores, desde o século XVI, para comparar o negro mestiço a um animal de grande força e resistência para trabalhos forçados.

antecedendo assim o autor branco Castro Alves e seu poema “Navio negreiro” publicado em 1880.

Maria Firmina usa o caminho do romance romântico folhetinesco como atitude política de denúncia às injustiças que há séculos estavam enraizadas na sociedade patriarcal e escravocrata brasileira “que tinham no escravo e na mulher suas principais vítimas” (DUARTE, 2004, p. 268). É como mulher afro-brasileira que a autora se põe a narrar o drama de Úrsula, de sua mãe e a tragédia de outros escravos “que recebem no texto um tratamento marcado pelo ponto de vista interno, pautado por uma profunda fidelidade à história oculta da diáspora africana em nosso país” (Ibidem, p. 268-269), em um escrito, que os personagens escravizados são vistos como parâmetro de moral, contradizendo o discurso de inferiorização dos negros de seu tempo.

Os estudos que recaem sobre a obra de Maria Firmina se pautam no que é defendido pelo Professor Eduardo de Assis Duarte (2004, 2020), que conferem o romance não apenas como o primeiro escrito por mulher em nossa literatura, mas também como um romance fundador da Literatura Afro-brasileira. De acordo com as pesquisas de Duarte, ao publicar *Úrsula*, a escritora desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. “*Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira fato que, inclusive, nem todos os historiadores admitem. É também o primeiro romance da Literatura Afro-brasileira” (DUARTE, 2004, p. 279).

O romance de Maria Firmina é uma obra que é entendida como produção de autoria afro-brasileira, que tematiza o assunto do negro a partir de uma perspectiva interna “e comprometida em recuperar e narrar a condição de ser negro em nosso país” (DUARTE, 2020, p. 63). Desta maneira, o romance da escritora maranhense vem fazer companhia às *Primeiras trovas burlescas de Getulino* do poeta Luiz Gama, também de 1859, “no momento inaugural em que os remanescentes de escravos querem tomar com as mãos o sonho de através da literatura, construir um país sem opressão” (DUARTE, 2004, p. 280). Do ponto de vista orientado pelas reflexões de Duarte (2020), o tema da escravidão perpassa toda a obra da autora tendo em vista o conto “A escrava” (1887), que a exemplo de *Úrsula* narra “o drama de seus irmãos de cor em pleno Maranhão senhorial” (Ibidem, p. 2). Maria Firmina, além de marcar as letras nacionais como mulher maranhense e afro-brasileira, atuou como folclorista e também ajudou a compor o hino da abolição da

escravatura sempre mantendo-se à frente da luta por liberdade ao longo de seus 92 anos de vida.

Contrariamente ao apagamento imposto a Maria Firmina dos Reis, o escritor e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis (1839-1908), já era “reconhecido como um dos grandes escritores da língua portuguesa e seguramente o maior ficcionista da literatura brasileira” (DUARTE, 2020, p. 9). O que figurava sobre a aura de Machado de Assis durante anos seria uma suposta omissão de “homem das letras denegador de suas origens nas atitudes, na escrita e no pensamento” (Ibidem, p. 11), fundamentados em um branqueamento social em que até mesmo afirmou-se que o uso da barba e do bigode, itens quase obrigatórios entre os homens de seu tempo, teria como objetivo o disfarce dos traços afrodescendentes. Isto sem falar dos polêmicos retoques para clarear a pele nos estúdios dos fotógrafos da época (DUARTE, 2020).

Tais fatos, somados a uma ausência de heróis negros nos romances machadianos fundamentaram então a falsa tese do absentismo do escritor. A tese era reforçada pelo discurso depreciador de pessoas negras e mestiças que povoavam não apenas a ciência da época, mas também o senso comum. Este discurso de depreciação dos negros foi também destacado na literatura de escritores contemporâneos ao autor, inclusive naqueles sabidamente abolicionistas (DUARTE, 2020).

A falsa tese do absentismo cai por terra, a partir de releituras feitas por Eduardo de Assis Duarte (2020), que possuem como fruto o volume *Machado de Assis afrodescendente* (2020), que apresenta como mote de pesquisa as manifestações da afrodescendência expressas, sobretudo nos posicionamentos textuais a respeito da escravização, dialogando e indagando a respeito da porção afrodescendente na produção machadiana.

Na ótica de Duarte, a complexidade do texto machadiano carrega em seu núcleo uma ironia refinada e profunda, que trazia em seu centro uma crítica social, visto que “a leitura das crônicas machadianas revela o cidadão empenhado em denunciar a crueldade do sistema e a hipocrisia de escravocratas recém-convertidos ao abolicionismo” (DUARTE, 2005, p. 10).

A releitura dos romances machadianos, no trabalho de Duarte (2020), revela o caráter da *poética da dissimulação* presente no que o pesquisador denomina de “estratégia de caramujo” adotada por Machado, em que o autor “encena em seus romances nada

menos que o fim do senhor de escravos” (DUARTE, 2020, p. 338), de uma maneira crítica não tão direta como fazia o poeta Luiz Gama. No entanto, é possível reconhecer abordagens diretas e ácidas presentes nas narrativas sobre escravização e branqueamento de algumas de suas produções do gênero conto, como por exemplo: “Virginius” (1864), “Mariana” (1871), “O caso da vara” (1899), “O pai contra mãe” (1906) e também em sua produção poética com os poemas “Sabina” (1875) e “13 de maio” (1888).

Diante da perspectiva exposta pela pesquisa de Eduardo de Assis Duarte (2020), existe uma compreensão machadiana acerca da escravidão e a figura do escravizado e principalmente do processo abolicionista, que é a ideia defendida atualmente, também pelo professor Sidney Chalhoub (2020), que ajuda a reforçar o caráter precursor afro-brasileiro em algumas produções machadianas.

De acordo com Chalhoub (2020) há uma grande ironia no fato de que Machado de Assis, como afrodescendente, seja tão mal compreendido no que concerne à sua atuação como cidadão e intelectual, no combate à escravidão e ao racismo. Para Chalhoub (2020), tal ledor engano é advindo da má compreensão da “estratégia de caramujo” defendida por Eduardo de Assis Duarte (2020).

Sidney Chalhoub (2020) defende que existem três momentos sucessivos na maneira que Machado de Assis abordou os preconceitos e as práticas racistas da sociedade brasileira na segunda metade do século XIX e início do século XX. O primeiro seria o costume senhorial da violência sexual contra a mulher negra e a leveza moral dos senhores quanto aos sentimentos afetivos delas, o segundo, a relação entre divisão do trabalho, ideologias científicas e impossibilidade social e o terceiro, a produção de silêncio sobre o legado da escravidão e suas consequências para a sociedade brasileira.

Os estudos de Chalhoub (2020) e Duarte (2020) colaboram para a quebra total e o esmiuçamento da ideia de perfil omissivo de Machado de Assis. Eles mostram ao leitor, que o autor, sim, se posicionou a favor dos escravizados e ex-escravizados, e ainda mais, joga para o público de sua época a crueldade e a decadência do sistema opressor. De modo geral, Eduardo de Assis Duarte (2020) mostra que, embora situado em um contexto de flagrante rebaixamento dos africanos e dos afrodescendentes, Machado de Assis não compartilha e nem endossa em seus escritos tais pensamentos vigentes em seu tempo. “Caso fizesse, estaria de braços dados com a recusa ao pertencimento étnico a que tantos negros e mestiços aderiram” (DUARTE, 2020, p. 264).

Na contramão de uma boa recepção e aceitação do público leitor das primeiras décadas do século XX, o jornalista e ficcionista Lima Barreto (1881-1922) surge na literatura brasileira, “pobre e suburbano, via a ascensão social bloqueada não apenas pela linha de cor, mas também pela exploração econômica” (DUARTE, 2005, p. 13). Com uma obra que acaba por afrontar a literatura oficial, não apenas no plano estético, mas também no campo ideológico, Lima Barreto tem uma atitude de denúncia e combate explícito, similar àquela utilizada por Luiz Gama. O escritor Lima Barreto é uma das últimas personalidades negras precursoras da literatura afro-brasileira nascidas no século XIX.

Octávio Ianni (2014) defende que Lima Barreto é um autor que “assume a problemática do negro de modo aberto, pleno, em suas dimensões humanas, sociais, culturais e artísticas” (IANNI, 2014, p. 191). Neste contexto, as palavras de Octávio Ianni colaboram e reforçam o pensamento de Duarte (2013) que afirma que “o negro surge marcado pela perspectiva interna na ficção de Lima Barreto, que faz dele um ser humano livre de estereótipos como em *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909) ou em *Clara dos Anjos* (1948)” (DUARTE, 2013, p. 149). De acordo com os apontamentos de Duarte (2013), é pela via do drama que estes personagens vivem, que eles conseguem transmitir ao público leitor um retrato das desigualdades raciais presentes na capital brasileira do século XX nas primeiras décadas do pós-abolição.

A pesquisadora Magali Gouveia Engel (2020) aponta que o escritor foi alvo de discriminação racial, à qual se juntaram também preconceitos relativos às suas origens sociais, sobretudo quando passou a residir no subúrbio carioca. Engel comunga e ajuda a fortalecer as opiniões de Duarte (2013), sobre um ponto de vista interno, pois, para a pesquisadora “as próprias experiências de Lima Barreto foram registradas de modo recorrente em suas narrativas ficcionais, profundamente marcadas por um forte tom autobiográfico” (ENGEL, 2020, p. 199). Como é o caso de seu primeiro romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909).

O livro *Recordações do escrivo Isaias Caminha* é o romance de estreia do literato afro-brasileiro Lima Barreto. Nesse texto, a problemática central é sem dúvida o preconceito racial da sociedade brasileira no começo do século XX. Para o pesquisador Ricardo André Ferreira Martins (2011), o romance é uma peça de resistência e denúncia mostrando, a partir da narrativa ficcional de tonalidades autobiográficas, que indivíduos afrodescendentes eram constantemente massacrados pelo preconceito racial vigente.

Desde o começo dessa narrativa, afloram todas as condições em que se dá a gênese social de Isaías Caminha de homem afro-brasileiro (MARTINS, 2011), que mesmo possuindo talentos acima da média, se via emparedado pelo discurso discriminatório em um “período em que a abolição da escravidão era ainda recente, destinava aos afrodescendentes apenas os trabalhos menos qualificados, mesmo quando se tratava de mão-de-obra inteligente” (MARTINS, 2011, p. 154).

A protagonista do romance *Clara dos Anjos* (1948) é considerada, de acordo com os apontamentos da pesquisadora Maria do Carmo Lanna Figueiredo (2002), como “a réplica feminina de Isaías Caminha no que concerne à denúncia dos preconceitos sócio-raciais da sociedade brasileira, fechando o ciclo de uma constante temática barretiana (FIGUEIREDO, 2002, p. 151). O romance foi concluído no ano da morte de Lima Barreto, e de acordo com Figueiredo (2002), seu tema já vinha sendo cogitado durante vários anos, no entanto, só foi publicado postumamente em 1948. A pesquisadora afirma que “vários rascunhos mostram que a obra deveria ser mais vasta e abranger alguns aspectos da história da escravidão brasileira que o autor pretendia explorar, incluindo o drama de muitas gerações de mulheres” (Ibidem, 2002, p. 151).

Avaliado pela crítica como inferior aos demais romances do autor, por seu caráter incompleto, pelo uso excessivo do traço confessional, seu último romance, *Clara dos Anjos*, relata a história de sedução de uma pobre jovem negra suburbana por um rapaz branco, de condição social superior à sua. Clara é a figura feminina romanesca que o autor escolheu para refletir uma fatalidade específica de tantas outras moças negras dos ambientes suburbanos tão explorados pela literatura afro-brasileira de Lima Barreto (FIGUEIREDO, 2002). Apoiando também essa perspectiva, Engel (2020) afirma que as relações sociais profundamente desiguais e fortemente perpassadas pela segregação racial, vividas por personagens suburbanas constituem o enredo de *Clara dos Anjos*, um de seus mais importantes romances de denúncias do racismo e da injustiça social, característicos da sociedade brasileira.

O racismo e o preconceito não se encontram apenas detidos à escrita romanesca de Lima Barreto, o caráter combativo explícito desse autor afro-brasileiro se estende também para outros gêneros textuais, tendo em vista que “em algumas crônicas, o escritor se preocupou em combater o apagamento da memória dos escravizados por liberdade” (ENGEL, 2020, p. 196). Muitos de seus contos trazem para o leitor os resultados do pós 13

de maio e de como o preconceito e a pobreza atingiram a vida das pessoas negras nos primeiros anos da República.

A obra barretiana dialoga diretamente com os dilemas do preconceito e da ideia de falsa democracia racial. Tal produção literária leva em consideração o momento da inserção das pessoas negras na sociedade nas primeiras décadas do pós-abolição e corajosamente, assim como Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto optou por dar voz à camada negra, pobre e excluída de sua época, sendo o autor, um representante legítimo desta camada. A ficção de Lima Barreto era uma via direta, a qual constantemente denunciava os preconceitos e desigualdades impostos aos afro-brasileiros.

Ao contrário do romance machadiano, o protagonismo negro se fez presente em forma de denúncia no romance barretiano. Conforme Martins (2011), é notável a existência de uma linha que separa escritores afro-brasileiros como Machado de Assis de um lado e Lima Barreto de outro. Para o pesquisador, Machado de Assis escolheu um discurso narrativo em que a violência e o preconceito “são criticados por uma teia espessa de digressões e ironias, em que a crítica, a resistência e o revide aparecem como denúncia velada do dominador” (MARTINS, 2011, p. 162), reflexão essa que se assemelha a já conhecida “personalidade de caramujo” defendida pelas pesquisas de Eduardo de Assis Duarte (2020). No reverso desta tática “caramujesca”, estaria Lima Barreto, que “escolhe uma estratégia mais combativa e explícita, em revide violento, sem apelos alegóricos, deixando nu a ossatura do preconceito e da violência infligida ao homem negro ou afrodescendente brasileiro” (Ibidem, p. 162), posição de combate explícita similar à atitude de Luiz Gama.

É neste cenário de representação de homens negros e mulheres negras, que se passa a criar os contornos para toda uma geração futura de escritores afro-brasileiros. Seja na poesia de Luiz Gama, no romance de Maria Firmina dos Reis, nos contos de Machado de Assis e também na ficção de Lima Barreto, os escritores afro-brasileiros passam a “instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com toda as suas implicações, estéticas e ideológicas” (EVARISTO, 2011, p. 131). Há nesses escritores, e nas gerações subsequentes de autores afro-brasileiros, um tipo de assunção das identidades negras, que se relacionam com as condições sociais e experiências vivenciadas pelos africanos escravizados e seus descendentes e de sua própria afirmação como homens

negros e mulheres negras na afro-identificação e na condição de sujeito testemunha que usa *o narrar interno*.

Considerados como autores precursores da Literatura afro-brasileira (DUARTE, 2014), os literatos citados anteriormente, levam às vias da “escrevivência” (EVARISTO, 2005) o modo pelo qual o sujeito, homem negro ou mulher negra, percebe, enxerga e sente o mundo. Sendo assim, esta narrativa afro-brasileira se converte em uma peça de resistência, que muitas vezes carrega sinais e marcas de cunho autobiográfico dos próprios indivíduos autores, tendo como sua matéria de criação um texto que “sempre compreende as vivências e sofrências do negro, indivíduo e coletividade” (IANNI, 2014, p. 194), revelando um perfil literário negro em que o afro-brasileiro sai da condição de semovente, escravizado, alienado e passa a ser sujeito de sua própria “escrevivência” (EVARISTO, 2005).

Desta forma, o escritor afro-brasileiro é o sujeito responsável por trazer ao público os seus relatos e de seu grupo étnico, que durante séculos foi socialmente invisibilizado e marginalizado durante toda a formação de nossa nação, com sua subjetividade negada e reduzida na história e também na ficcionalidade, que seguia até então, ignorando *o narrar interno* ou ponto de vista do sujeito afro-brasileiro.

3 A Literatura Brasileira e o personagem negro

A escrita afro-brasileira, como asseverado anteriormente, é considerada como uma contra narrativa da formação da nação brasileira. Essa literatura acaba por reescrever a seu modo a história. Uma história do ponto de vista do sujeito escravizado ou descendente de escravizado, que, por sua vez, olha seus antepassados, aqueles homens, mulheres e crianças que sobreviveram aos três séculos de comércio humano, durante os quais seus corpos, sua força de trabalho, e seus filhos estiveram presos ao regime de trabalhos forçados (MORRISON, 2020).

Nessa circunstância, a literatura afro-brasileira representa um reforço de afirmação para o sujeito afro-brasileiro, que não é mais mero objeto, mas, sujeito indivíduo de suas ações. Ela constitui uma espécie de reelaboração literária, de maneira que se contrapõe à ideia da construção de imagem imposta pelo autor branco, que de forma geral

construiu o homem negro e a mulher negra de maneira estereotipada, como indivíduos alienados, serviçais, animalizados ou libidinosos em uma *literatura sobre o negro*.

Essa representação de pessoas negras como objeto, agregava valores e visões do âmbito escravagista, interessados em afirmar a inferioridade das pessoas negras ou a sua condição instintiva, geralmente com propensão à violência, como nos aponta a pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca (2014). Para a pesquisadora, também é válido ressaltar, que em “tais visões ficam evidentes na caracterização de personagens negras infantilizadas ou bestializadas, que reproduzem a condição subalterna em que os africanos escravizados viviam na sociedade brasileira” (FONSECA, 2014, p. 255).

Para Maria Nazareth Soares Fonseca (2014), esses textos literários, em que autores brancos constroem pessoas negras africanas e afro-brasileiras, cultivam, na grande maioria das vezes, os estereótipos do negro ruim ou do negro com instinto selvagem. A pesquisadora defende que “a caracterização das personagens indica o endosso pela literatura de representações do negro que ainda circulavam na sociedade escravocrata” (FONSECA, 2014, p. 255). Para essa autora essas representações seriam: o negro de bom coração, mas extremamente submisso; o negro animalesco, como a escrava Bertoleza, de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, que foi enganada pelo seu proprietário; ou impulsivo e instintivo, como o negro Amaro, do romance *O bom-Crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, que fora capaz de assassinar por raiva e ciúmes o jovem grumete Aleixo, por quem o personagem nutria uma paixão.

Além das ideias anteriormente expostas, Fonseca adverte que essa caracterização de personagens africanos e afro-brasileiros, que é constantemente “marcada por estereótipos negativos [...] distende-se para a consideração dos negros como depravados, que se evidencia no romance *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro” (FONSECA, 2014, p. 255). Esses são apenas alguns exemplos registrados de nossa literatura por Maria Nazareth Soares Fonseca, em que todos os personagens negros citados se encontram condicionados à lâmina do olhar branco em sua construção. Esse olhar que os reduz a uma ideia rasa mostrando que “aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (FANON, 2008, p. 29), no discurso diário e também no discurso literário/ficcional, que torna e trata o negro africano e afro-brasileiro como objeto de exotismo e submissão, fruto de uma observação rasteira baseada em preconceitos raciológicos.

Mediante a problemática de construção estereotipada, elencada por Maria Nazareth Soares Fonseca (2014), na *literatura sobre o negro* acrescenta-se que do ponto de vista autoral branco, existe a visão distanciada e unidimensional em que a simplicidade do negro é um mito que se forja por observadores superficiais (FANON, 2008). É evidente a existência de distorções severas em cenários que a figura do sujeito africano e afro-brasileiro se fez presente. Para exemplificação deste fenômeno, pode-se usar o total apagamento da população negra no romance *Memórias de um sargento de milícias* (1853) de Manuel Antônio de Almeida. No romance, o autor, em pleno século XIX, escolheu omitir e conseqüentemente apagou de seu texto toda a força de trabalho escravizado, presente historicamente naquele período na cidade do Rio de Janeiro.

Em um panorama em que se concebe uma *literatura produzida sobre o negro*, e esta literatura está sob uma objetiva de autoria branca, torna-se necessário entender que desta forma, “os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência” (CUTI, 2010, p. 9). Pontua-se então, que a *literatura sobre o negro* como reflexo e reforço das relações sociais e de poder, que atuou no sentido de negar complexidade e profundidade a personagens africanas e afro-brasileiras, também lhes negou a total humanidade reforçando o processo de coisificação evidenciado por Cuti (2010).

Negar a importância da representação ficcional e ainda estigmatizar toda uma parcela da população de uma nação, como no caso da população afro-brasileira, a papéis secundários de forma pejorativa, acaba por reforçar estereótipos e preconceitos já difundidos. Ainda mais no século XIX, período em que as teorias de superioridade racial ganharam mais espaço no ambiente intelectual, usando da ideia de falsa ciência como força de legitimação da inferioridade dos africanos e afro-brasileiros no Brasil.

A falta de representação e a estigmatização gera de forma inconsequente um falso embasamento reforçado pela pseudociência raciológica, que influenciou e ainda influencia os defensores da ideia de inferioridade racial. Esses defensores tendem, por sua vez, a desconsiderar e deslegitimar a humanidade e promoção da igualdade entre indivíduos brancos e não-brancos. Através desse juízo de inferiorização ao “discriminar os descendentes dos escravizados era uma necessidade para se manter o poder e a posse” (CUTI, 2010, p. 57), não só no século passado, mas também na contemporaneidade, em

que o discurso racista se dá também em forma da negação de espaço e silenciamento, ou ainda no princípio da ausência, como é destacado pela escritora e pesquisadora portuguesa Grada Kilomba (2020).

Para Kilomba (2020), é com o princípio da ausência que espaços brancos são mantidos como brancos, o que por sua vez, tornam a branquitude e as ideias propagadas por ela, a norma. A norma e a normalidade vigentes, na perspectiva da branquitude, é o fator indicativo de quem poderá representar a verdadeira existência humana. As reflexões propostas por Kilomba (2020) são similares as feitas por Cuti (2010), mesmo que suas obras estejam a uma década de distância, ambas convergem para um ponto afirmativo em comum: silenciar a voz do sujeito negro foi e é um meio de controle. Esse meio de controle é visível no espaço literário a partir da reprodução do discurso pautado em estereótipos e na negação da complexidade humana dos personagens africanos e afro-brasileiros.

Não se deve esquecer que há pouco tempo, apenas cinco ou seis décadas atrás, fosse na literatura ou em outras mídias, na grande maioria das vezes, a imagem do afro-brasileiro se encontrava continuamente modelada por meio de preconceitos e estereótipos negativos advindos da cultura da branquitude, fato similar ao que acontecia nas obras escritas por autores brancos, trazidas anteriormente no recorte temporal do século XIX.

Os dias contemporâneos não se situam tão distantes da situação do século XIX elencada por Fonseca (2014). As pesquisas literárias da escritora e crítica literária brasileira Regina Dalcastagnè (2014, 2017) mostram que a literatura contemporânea produzida no Brasil reflete, nas suas ausências, o apagamento e o silenciamento da população negra, “que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e produção de discurso. São poucos os autores negros e poucas também as personagens” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 309).

As pesquisas de Dalcastagnè (2014) revelam que a maioria esmagadora dos autores publicados pelas grandes editoras é de escritores brancos e que nos textos publicados ainda reside a propagação dos estereótipos, pois como observa a pesquisadora ao dizer que “os negros são humanos parece ser ainda uma necessidade, quando se percebe que sua animalização se mantém como um recurso literário” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 323). Os levantamentos das pesquisas de Dalcastagnè (2014) apontam que os preconceitos direcionados para as pessoas negras ainda circulam em nossa sociedade, camuflados ou de maneira mais explícita. Assim, vemos que o pensamento do preconceito racial ainda existe

enraizado no grande mal ocasionado pelo processo colonial escravagista, como também, o silenciamento da voz afrodescendente.

Cuti (2010) observa que alguns grupos brancos, em cujas mentes ainda reina o pensamento colonial racista, não desejam a formação de heróis ou personagens negros dignos de complexidade, pois a instauração dessa possibilidade de construção literária de voz, identificação e representatividade, acabaria por assim entregar a função de transformação da literatura, já que essa função de transformação levaria a este leitor afro-brasileiro a refletir sobre si e sobre as “suas próprias dificuldades, e sobre os problemas sociais, provocaria nele desejo de mudança” (CUTI, 2010, p. 28). Deste modo, a função da literatura não seria mais apenas de caráter de entretenimento, mas sim, fonte de reflexão do sujeito afro-brasileiro, da sociedade e do mundo construído em torno de si.

Cuti (2010) também já assegurou que a batalha entre antigos escravizados e os senhores de escravos apenas mudou de roupagem, com a passagem e os eventos ocorridos no Brasil entre os séculos XIX e XX, e ainda perduram nessas duas décadas do século XXI. Para o professor e pesquisador, o preconceito incutido contra a população afro-brasileira é dissimulado e “persiste firme com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua, segue mudando de cor como os camaleões adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaborada” (CUTI, 2010, p. 8).

Desde a época do Brasil colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento (DUARTE, 2005). Desta forma, apreende-se que ao percorrer os caminhos da historiografia literária brasileira se encontrará a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social afro-brasileiro.

Conclusões

O trabalho realizado pelos precursores da literatura afro-brasileira, partindo de Luís Gama, Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis e Lima Barreto, e outros autores que se sucedem nas gerações futuras de escritores afro-brasileiros, insere as pessoas africanas e afro-brasileiras como protagonistas de suas narrativas, dando-lhes voz e legitimando seu discurso pautado na experiência coletiva da diáspora negra. Diante deste

processo de representação e construção, destaca-se que, para Conceição Evaristo (2011), esse protagonismo reflete, à luz do ponto de vista do *narrar interno*, um sentimento positivo de etnicidade que atravessa o texto dos escritores afro-brasileiros.

Para Evaristo (2011), os personagens criados por escritores afro-brasileiros são concebidos no texto sem a intenção de esconder sua identidade negra afrodescendente e muitas vezes são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais de povos africanos e da inserção e exclusão que os afrodescendentes sofreram e ainda sofrem na sociedade brasileira. Deste modo, na perspectiva da escritora, “o processo de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade que os negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira em geral” (EVARISTO, 2011, p. 135).

A partir da ideia de lugar de enunciação, os escritores afro-brasileiros são representantes socialmente situados, que no sentido político da palavra, assumem a função de porta-vozes. Esses criadores literários fazem as suas criaturas-personagens ganharem voz por meio de seus textos (DALCASTAGNÈ, 2017), mas tendem a ser historicamente marginalizados por uma estrutura que entende a linguagem, a voz e a representação como mecanismos de manutenção do poder, desde os tempos da escravidão. Os escritores afro-brasileiros não pensam as questões raciais de fora ou como um recorte. As obras desses autores são firmadas diante de uma perspectiva interna, íntima, com sua subjetividade e percepção própria, e isto reflete na criação de personagens que destoam dos conceitos de construção de branquidade.

Os autores afro-brasileiros empregam em seus personagens uma forma para romper com o preconceito existente na produção textual dos escritores brancos. Esses autores fazem do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras. Os personagens por eles construídos apontam as consequências de séculos de discriminação e inferiorização. Assim sendo, a atitude do autor afro-brasileiro demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o lugar do oprimido presente no gesto ousado da construção literária, que tem na denúncia dos preconceitos e de outras mazelas herdadas da escravidão um dos pontos constituintes de seu projeto literário.

Referências

- ALMEIDA, M. A. de. *Memorias de um sargento de milícias*. 1853. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16987. Acesso em: 14 abr. 2021.
- ALVES, C. *Navio negreiro*. 1880. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- AZEVEDO, A. *O cortiço*. 1890. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1723. Acesso em: 14 abr. 2021.
- BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. 1948. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000048.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- _____. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. 1909. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000157.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- BRASIL. MEC - *Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Disponível em: https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003__inclus%C3%A3o_no_curr%C3%ADculo_oficial_da_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.
- BROOKSHAW, D. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1983.
- CAMINHA, A. *O bom crioulo*. 1895. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2064. Acesso em: 14 abr. 2021.
- CHALHOUB, S. Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis In: _____; PINTO, A. F. M. *Pensadores negros-Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte. Fino Traço Editora, 2020. p. 100-122.
- CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. Selo Negro. 2010.
- DALCASTAGNÈ, R. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, E. de A.; FONSECA, M. N. S. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 4: História, teoria, polemica. Editora UFMG, 2014. p. 309-334.
- _____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo. Horizonte, 2017.
- DUARTE, E. de A. *Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra*. 2014, Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/152->

eduardo-de-assis-duarte-entre-orfeu-e-exu-a-afrodescendencia-toma-a-palavra. Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. *Literatura e afrodescendência*. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>. Acesso em: 20 jan. 2020.

_____. *Machado de Assis afrodescendente: antologia e crítica*. 3 ed. rev. Ampl. Rio de Janeiro. Malê. 2020.

_____. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: REIS, M. F. dos. *Úrsula*. Belo Horizonte. Editora Mulheres PUC Minas. 2004. p. 265-281.

_____. Maria Firmina dos reis: na contracorrente do escravismo, o negro como referência moral. In: CHALHOUB, S.; PINTO, A. F. M. *Pensadores negros-Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte. Fino Traço Editora, 2020. p. 49-68.

_____. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, v. 6, n. 2, 2013. p. 146-153.

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna iberistica*, v. 37, n. 102, 2014. p. 259-279.

ENGEL, M. G. Lima Barreto: dilemas e embates de um intelectual mulato na Republica dos Bruzundangas.... In: CHALHOUB, S.; PINTO, A. F. M. *Pensadores negros-Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte. Fino Traço Editora, 2020. p. 195-219.

EVARISTO, C. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: SILVA, D. A.; EVARISTO, C. (Orgs.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. URI, 2011. p. 131-146.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. SciELO-EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, M. do C. L. A atualidade da ficção de Lima Barreto. In: FONSECA, M. N. S.; _____. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza. 2002. p. 133-157.

FONSECA, M. N. S. Literatura negra os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, E. de A.; _____. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v.4: História, teoria, polemica. Editora UFMG, 2014. p. 246-272.

GAMA, L. *Primeiras trovas burlucas de Getulino*. 1859. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/491223sd889b05>. Acesso em: 23 mar. 2021.

IANNI, O. Literatura e consciência. In: DUARTE, E. de A.; FONSECA, M. N. S. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v.4. História, teoria, polemica. Editora UFMG, 2014. p. 183-196.

KILOMBA, G. Fanon, existência, ausência. In: FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora. 2020. *e-book*.

MARTINS, R. A. F. Lima Barreto: o trauma da escravidão, o preconceito e a violência em Recordações do Escrivão Isaías Caminha. In: SILVA, D. A.; EVARISTO, C. (Ed.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. URI, 2011. p. 147-167.

MORRISON, T. *O corpo escravizado e o corpo negro*. São Paulo. Companhia das Letras. 2020.

PEIXOTO, F. de L. *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

PEREIRA, E. de A. *Panorama da Literatura Afro-Brasileira*. 1995. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/147-edimilson-de-almeida-pereira-panorama-da-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 20 abr. 2021.

REIS, M. F. dos. *Úrsula*. Belo Horizonte. Editora Mulheres PUC Minas. 2004.

RIBEIRO, J. A *Carne*. 1888. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000148.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SANTOS, L. C. *Luiz Gama*. São Paulo. Selo Negro. 2010.

SOUZA, E. F. *Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes*. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. 2006. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_61766/poesia_negra_das_americas-_solano_trindade_e_langston_hughes. Acesso em: 02 abr. 2021.

SOUZA, F. LIMA, M. N. *Literatura afro-brasileira*. Salvador. Fundação Palmares, 2011.

ⁱ Especialista em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

E-mail: webersonaquino@hotmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7488708322434222>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9836-769X>

A ARGUMENTAÇÃO DISCURSIVA COMO FERRAMENTA DE CONVENCIMENTO E PERSUASÃO NA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES

DISCURSIVE ARGUMENTATION AS A TOOL FOR CONVENTION AND PERSUASION IN THE WORLD COMPUTER NETWORK

Marcelo Fábio Peixoto de Araújo Andrade da Silva¹
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/DELER

Resumo: É sabido que a rede mundial de computadores tem sido uma ferramenta de grande importância no que diz respeito à comunicação e, conseqüentemente, à interação social entre humanos. Na atualidade, por estar presente em boa parte dos lares brasileiros, a internet é um meio utilizado não apenas para comunicação entre pessoas que, outrora, estavam distantes geograficamente, mas também como um meio para realizar negócios. Dessa maneira, verificamos que a cidade de São Luís - MA entra numa ordem discursiva voltada para o capital e, não apenas isso, que a sua Prefeitura Municipal se vale de um discurso pautado na diversidade cultural encontrada na localidade para atrair turistas. O presente estudo tem por objetivo principal analisar, pelo viés argumentativo do discurso, mais especificamente a partir dos postulados de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), alguns recursos argumentativos utilizados por essa instância do poder a fim de atrair turistas-internautas de toda parte do Brasil e também do mundo. Nossa pesquisa aponta que os argumentos mais utilizados pela Prefeitura de São Luís são do tipo *baseado na estrutura do real*, por serem aqueles que mais se aproximam da realidade, de acordo com a taxonomia desenvolvida pelos teóricos citados acima.

Palavras-chave: Prefeitura Municipal de São Luís-MA. Argumentação. Discurso. Internet.

Abstract: It is known that the world wide web has been a tool of great importance with regard to communication and, consequently, social interaction between humans. Nowadays, because it is present in a large part of Brazilian homes, the internet is a means used not only for communication between people who were once geographically distant, but also as a means of doing business. In this way, we verified that the city of São Luís enters a discursive order directed towards the capital and not only that, that its City Hall is worth and a whole speech based on the cultural diversity found in the locality to attract tourists. The main objective of this study is to analyze, through the argumentative bias of the discourse, more specifically from the postulates of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), some argumentative resources used by this instance of power in order to attract tourists-internet users from everywhere from Brazil and also from the world. Our research points out that the arguments most used by the São Luís City Hall are of the type based on the structure of the real, as they are the closest to reality, according to the taxonomy developed by the theorists mentioned above.

Keywords: São Luís. Argumentation. Discourse. Internet.

Introdução

A rede mundial de computadores tem sido uma ferramenta de grande valia no que diz respeito à comunicação e, conseqüentemente, ao modo de interação entre os seres humanos conectados à rede. Com a sua popularização no Brasil, hoje é possível afirmar que boa parte dos brasileiros possui internet em suas casas ou em seus *smartphones*, possibilitando, assim, sua entrada e estadia no universo digital.

Whatsapp, Instagram, Twitter são apenas alguns exemplos de aplicativos que utilizam a internet como uma ferramenta capaz de materializar enunciados (verbais ou não verbais) em suas plataformas. É interessante ressaltar que cada um dos exemplos trazidos acima, assim como outros aplicativos disponíveis na rede mundial de computadores, possui linguagem e um público distintos, alguns são utilizados para troca de informações, enquanto outros utilizados para emitir opiniões, postar conteúdos do seu dia a dia ou mesmo realizar compras *on-line*.

Dessa forma, observamos que, além da troca de mensagens ou da criação de conteúdos no ambiente virtual, o espaço digital é também um lugar possível para realização de negócios. Existem inúmeros *sites* como o das Lojas Americanas, Magazine Luiza, Casas Bahia, dentre outros, que estão no ambiente virtual para realizar a venda de algum produto de seu catálogo. Todavia, nessa ordem discursiva mercadológica, verificamos que a capital maranhense, assim como vários outros destinos do Brasil e do mundo, também entra nessa lógica capitalista e passa a ser ressignificada no ambiente virtual como um produto e um destino, simultaneamente, a ser vendido e consumido.

Dessa maneira, nosso estudo tem por objetivo realizar uma análise argumentativa a partir de enunciados que promovem, em certa medida, a cidade de São Luís, disponíveis na plataforma digital da Prefeitura Municipal da cidade, tendo como aporte teórico os postulados argumentativos no discurso propostos por Perelman e Olbrechts Tyteca (2005).

Nosso trabalho está dividido em três momentos: no primeiro, trataremos algumas noções sobre internet, redes sociais e discurso; no segundo momento, abordaremos a natureza discursiva dos enunciados a partir da proposta perelmaniana de argumentação e, por fim, no terceiro e último momento, faremos a análise dos enunciados extraídos do *site* oficial da Prefeitura Municipal de São Luís.

1 Internet, redes sociais e discurso

É sabido que a internet vem ganhando cada vez mais adeptos e usuários nos últimos tempos. Por meio dela, hoje é possível não apenas interagir com outras pessoas, estejam elas distantes fisicamente ou não, como é possível fazer compras, pagar contas, assistir a filmes e séries, dentre outras funções que atribuímos a esta ferramenta na atualidade.

Contudo, o que poucos de nós sabem é que a internet surge em meados da década de 1960, num contexto pós-guerra. Para Corrêa (2013, p. 17), a internet emerge no contexto da Guerra Fria, a partir de um projeto do exército norte-americano. O autor pondera que inicialmente a ferramenta possuía dois propósitos principais: i) criar um sistema de informação e comunicação em rede, resistente a um ataque nuclear e ii) dinamizar a troca de informações entre os centros de produção científica. O autor salienta ainda que:

Os militares pensaram que um único centro de computação centralizando toda informação era mais vulnerável a um ataque nuclear do que vários pontos conectados em rede, pois assim a informação estaria espalhada por inúmeros centros computacionais pelo país. O embrião da Internet que conhecemos hoje foi então criado e seu nome era *Arpanet* (CORRÊA, 2013, p. 17).

Dessa forma, podemos inferir que a internet tal qual conhecemos hoje, depois de uma série de melhorias e adaptações para novas necessidades sociais, teve como objetivo primeiro o compartilhamento rápido de informações (o que se mantém até os dias de hoje), desde que os computadores estivessem conectados a uma rede.

Sobre a metáfora das *redes*, Recuero (2009, p. 24) acredita que “se trata de uma metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na internet, utilizada através da perspectiva de *rede social*”. Para a autora, uma rede social pode ser definida pela união de dois elementos importantes: os atores e suas conexões. Os atores são representados por nós, usuários da internet e das plataformas digitais que nela se materializam; já as conexões seriam as interações realizadas por nós, atores sociais, no ambiente virtual.

Apesar de ser uma definição aparentemente bem simples, as relações que existem entre os atores sociais e as conexões realizadas por eles no ambiente virtual são de uma complexidade extrema, exigindo um estudo multidisciplinar, ancorado em postulados da

física, matemática, cibernética, linguagem, antropologia e outras áreas do saber. Contudo, neste momento, o leitor precisa atentar para o fato de que nós, usuários da internet, somos seus atores sociais e que criamos, por meio da linguagem, conexões (de diferentes naturezas e camadas) com outros atores sociais, estejam eles fisicamente próximos ou equidistantes.

É a partir dessa conexão entre os atores sociais, mais especificamente a partir do *site* oficial da Prefeitura Municipal de São Luís que pretendemos analisar discursos materializados nessa plataforma a fim de verificar como acontece o processo de “sedução” do turista-internauta que pensa em vir conhecer a capital maranhense. Dessa maneira, questionamos: i) Quais argumentos são utilizados?; ii) Existe algum apelo emotivo/afetivo nos enunciados que compõem o discurso turístico sobre a cidade de São Luís no *site* da sua Prefeitura?; iii) São argumentos que podem ser considerados verossímeis?; Esses são alguns dos questionamentos que nos levaram a analisar as relações que acontecem no meio digital.

Cabe lembrar que a noção de discurso adotada para este estudo é a de que ele possui uma dimensão argumentativa capaz de modificar a orientação dos modos de interagir com o mundo. Acreditamos ser por meio do discurso que se busca sempre produzir um impacto sobre um público, esforçando-nos, frequentemente, para fazer o público aderir a uma determinada tese apresentada.

No caso do discurso de natureza turística encontrado no *site* da Prefeitura de São Luís, é possível verificarmos uma série de argumentos capazes de fazer com que um turista-internauta adira à tese de vir conhecer ou mesmo voltar à capital maranhense, dada a quantidade de atrativos que a plataforma oferece: passeios, gastronomia, manifestações populares, além, claro, de seu acervo arquitetônico reconhecido pela UNESCO.

Assim, no próximo item nos aprofundaremos um pouco mais na dimensão argumentativa do discurso, um tributário da retórica clássica aristotélica e atualizada para o contexto do século XX por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005).

2 A dimensão argumentativa do discurso

A noção de discurso adotada para este estudo, como salientamos brevemente no item anterior, é a de ser uma instância da linguagem capaz de produzir um impacto sobre um público. Como veremos mais à frente, o discurso na perspectiva argumentativa é

carregado de elementos que podem fazer com que um indivíduo ou um grupo de indivíduos adira a uma determinada tese apresentada.

Apesar de, num primeiro momento, a noção de discurso parecer um pouco abstrata, é importante destacarmos que o discurso também é detentor de uma *função linguageira*. Isso distancia a noção de discurso como sendo um período – conjunto de orações – e o eleva a outro nível, no qual o discurso é/deve ser atravessado por outras ciências que não apenas as da linguagem. Isto posto, foquemos na função linguageira do discurso.

Segundo Zoppi-Fontana (2006, p. 179), o discurso “é dotado de argumentação entendida como uma função da linguagem, cuja finalidade é convencer e/ou persuadir o interlocutor”. Digamos que estamos presenciando uma discussão saudável entre pessoas apaixonadas por futebol, o discurso proferido por estas pessoas será em torno do esporte, no qual os enunciados que irão compor esse discurso voltado para o esporte terão que ancorar-se sobre uma mesma temática. Contudo, no decorrer do diálogo, é possível verificarmos, nessa situação hipotética, que cada um dos interlocutores envolvidos lança uma série de argumentos, um para o outro, no intuito de fazer com que o seu colega/amigo seja convencido/persuadido.

Dessa forma, podemos depreender que todo discurso, em certa medida, além dos efeitos de sentido que deseja produzir sobre seu interlocutor ou em seu público, é dotado de uma dimensão argumentativa, dimensão essa que pretende convencer e persuadir um interlocutor ou uma plateia.

Sob tal aspecto, Abreu (2008, p. 9) tece uma diferenciação interessante entre *convencer* e *persuadir*. Para ele, “convencer nada mais é do que gerenciar informação, enquanto persuadir é gerenciar relação”. Desse modo, se quisermos fazer com que alguém adira a uma tese por nós apresentada, não podemos gerenciar apenas informação, como, por exemplo, “fumar faz mal à saúde”, temos, necessariamente, que gerenciar a emoção: “se você não parar de fumar, além de um possível câncer na boca, perda dos dentes, você poderá morrer e deixar seus filhos órfãos”.

Por mais traumático que possa parecer o exemplo trazido acima, é a união da arte de convencer com a arte de persuadir que compõe o que conhecemos na área da linguagem por *argumentação*. É importante salientar que a argumentação não é um recurso linguístico

recente, ela remonta à retórica clássica proposta pelo filósofo grego Aristóteles, por volta do século V a. C.

A argumentação emerge num período em que a Grécia passava de um regime tirano para o democrático, exigindo dos cidadãos que conviviam na *polis* uma boa oratória, não apenas chamar atenção dos demais participantes das reuniões realizadas nos espaços públicos, mas também para fazer com que a plateia pudesse concordar com o que estava sendo proposto.

Por uma série de razões, em especial, o nascimento do cristianismo, a retórica aristotélica passa por um período de hiato bastante considerável, no qual fica restrita às figuras de linguagem, sendo recuperada por Chaïm Perelman, filósofo belga do Direito, em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, durante o século XX. É por conta do interesse pelas técnicas de persuasão, no contexto pós-guerra, em pleno auge da Guerra Fria e da crítica dos métodos totalitários de propaganda de massa que a retórica reaparece no cenário europeu.

Para este trabalho, selecionamos um grupo de argumentos, extraídos a partir do *Tratado de Argumentação*, de autoria de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, publicada no ano de 1958, por conta da taxonomia oferecida pelos autores com relação aos tipos de argumentos que um orador lança ao seu auditório, o que nos garantirá compreender certas nuances argumentativas do discurso turístico sobre a cidade de São Luís na rede mundial de computadores.

No que diz respeito às técnicas argumentativas, os tratadistas asseveram que “o discurso persuasivo produz determinados efeitos, especialmente por estar envolvido em situações bastante complexas, daí a necessidade em caracterizar a natureza da estrutura argumentativa” (SILVA, 2019, p. 50). Entretanto, os tratadistas alertam para o fato de que a ‘separação’ proposta por eles em seu manual argumentativo é uma separação de cunho didático, já que um determinado argumento pode encaixar-se em uma ou mais famílias de argumentos salientadas pelos autores.

A pretensão dos tratadistas ao tratar das técnicas argumentativas é o de analisar como se seguem diferentes esquemas de argumentos para os quais os casos particulares examinados servem apenas de ilustração.

Desse modo, os autores concebem o discurso como um ato que, como todo ato, pode ser objeto, da parte do ouvinte, de uma reflexão, uma vez que:

Enquanto o orador argumenta, o ouvinte por sua vez, ficará inclinado a argumentar espontaneamente acerca desse discurso, a fim de tomar uma atitude a seu respeito, de determinar o crédito que lhe deve dar. O ouvinte que percebe os argumentos não só pode percebê-los à sua maneira como é autor de novos argumentos espontâneos, o mais das vezes não expressos, mas que ainda assim intervirão para modificar o resultado final da argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 213).

Trazendo a citação acima para o universo digital, por se tratar de um *site* de uma instância do poder público, a Prefeitura Municipal de São Luís lança argumentos no intuito de convencer/persuadir seu turista-internauta a conhecer ou voltar à capital maranhense.

É importante ponderar que a interação mencionada acima não acontece face a face, o que exige, por parte do orador, neste caso, da Prefeitura de São Luís, um jogo de palavras cuidadosamente selecionado para despertar o interesse do turista-internauta em vir visitar a capital maranhense, e não outro destino do Nordeste brasileiro, por exemplo. É por tal motivo que optamos por investigar os argumentos que a Prefeitura da capital maranhense lança a fim de convencer/persuadir os usuários da *web*.

Voltando ao Tratado de Argumentação, os tratadistas asseveram que existem dois esquemas argumentativos ou lugares de argumentação, a saber: a) *o processo de ligação*, esquema que aproxima elementos distintos e que permite estabelecer entre esses elementos uma solidariedade que visa estruturá-las e; b) *o processo de dissociação*, caracterizado por ser uma técnica de ruptura com o objetivo de dissociar, separar, de desunir elementos considerados como um todo.

As técnicas argumentativas caras a esta pesquisa situam-se no processo de ligação, mais especificamente nos *argumentos baseados na estrutura do real*, por dizerem respeito a “argumentos desenvolvidos a partir daquilo que o auditório acredita que seja real, ou seja, estão baseados naquilo que é entendido pelo auditório por fatos, verdades e presunções” (ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 116).

Dentro do universo dos argumentos baseados na estrutura do real, nos limitaremos aos do tipo de *sucessão*, classificados pelos tratadistas em:

i) O argumento por vínculo causal: busca uma causa correspondente a um determinado efeito;

ii) O argumento pragmático: permite apreciar uma causa consoante suas conseqüências e, para ser aceito pelo senso comum, não necessita de nenhuma justificativa, como, por exemplo, a crença de que passar debaixo de uma escada traz azar;

iii) O argumento por vínculo causal como relação de um fato com sua conseqüência ou de um meio com um fim: um mesmo acontecimento será interpretado e valorizado diferentemente, por suas conseqüências;

iv) O argumento por fins e meios: quando existe uma interação entre os objetivos a serem perseguidos e os meios utilizados para realizá-los, como ocorre com a publicidade que desenvolve novas necessidades ou transforma necessidades antigas;

v) O argumento do desperdício: consiste em dizer que, uma vez iniciada uma ação ou uma tese, se deve ir até o fim e aceitar os sacrifícios para obter certo sucesso;

vi) O argumento da direção: é um tipo de argumento mais ponderado, no qual o orador deverá saber que poderá ceder mais do que está disposto. O argumento da direção implica a existência de etapas direcionadas a certo objetivo, o que ocorre, por exemplo, em casos de negociações.

vii) O argumento da superação: ao contrário do argumento da direção, que desperta o temor de que uma ação nos envolva num encadeamento de situações cujo desfecho se recusa, os argumentos da superação investem na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que entreveja um limite nessa direção e com isso um contínuo crescimento de valor.

No item seguinte, faremos a análise dos dados obtidos a partir da plataforma digital da Prefeitura Municipal de São Luís, verificando a camada argumentativa presente no discurso turístico sobre a capital maranhense no espaço virtual.

3 A capital maranhense no ambiente virtual: uma análise do discurso turístico sobre São Luís a partir de olhar de sua Prefeitura

Como mencionado anteriormente, optamos por investigar a maneira pela qual a capital maranhense é discursivizada na rede mundial de computadores a partir do olhar de sua Prefeitura Municipal, uma das principais interessadas em ressaltar os pontos positivos, assim como os atrativos turísticos da localidade a fim de atrair turistas no intuito de movimentar a economia local.

É importante destacar que São Luís está longe de ser a única cidade brasileira ou nordestina a ser “vendida” no ambiente virtual como um produto a ser consumido e degustado. O que diferencia, em tese, a capital maranhense das demais capitais e cidades do Nordeste brasileiro são os argumentos lançados por quem lucra com o turismo. Em nosso caso, por se tratar de um artigo, não iremos trazer outras fontes, como blogues de “viajantes profissionais” ou mesmo o *site* do Governo Estadual, por exemplo, por conta da abundância de informações e de pontos de vista sobre o objeto em análise. Por esse motivo, selecionamos alguns enunciados da plataforma digital da Prefeitura de São Luís que versam sobre o turismo na capital maranhense.

Trata-se de 6 enunciados que abordam algum aspecto da capital maranhense (história/fundação, folclore e a diversidade cultural típica da ilha) com um grande foco em seu Centro Histórico, reconhecido pela UNESCO, no ano de 1997, com um Patrimônio Cultural da Humanidade, conforme veremos adiante.

As análises qualitativas realizadas por nós irão seguir a proposta perelmaniana de argumentação no discurso, em especial, seus argumentos baseados na estrutura do real, uma vez que representam argumentos próximos à realidade o que, hipoteticamente, conseguiria atrair um maior número de turistas-internautas para a capital maranhense.

Para este trabalho, selecionamos alguns enunciados dispostos nas seções História da cidade, Centro Histórico, Patrimônio da Humanidade e Aspectos Culturais. O primeiro enunciado a ser analisado encontra-se na seção História da Cidade, enunciado este que retoma a possível fundação francesa da cidade de São Luís:

São Luís foi fundada em 08 de setembro de 1612, quando uma expedição francesa comandada pelo conquistador francês Daniel de La Touche (Senhor La Ravardiere), com apoio de Maria de Médicis, parte de Saint-Malo, na Bretanha, para fundar a França Equinocial, na região dos trópicos. A cidade, que recebeu o nome de São Luís em homenagem ao rei da França, passou ao domínio português logo depois, em 1615, dando fim ao projeto de criação da chamada França Equinocial (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, 2018).

Na citação acima é possível destacarmos argumentos da família dos baseados na estrutura do real de três tipos, a saber: a) o argumento por vínculo causal; b) o argumento pragmático e; c) o argumento por vínculo causal como relação de um fato com sua consequência ou de um meio com um fim.

A Prefeitura de São Luís, ao evocar uma memória coletiva de que a cidade de São Luís é/foi a única capital nordestina e brasileira fundada por franceses – *França Equinocial* – singulariza a capital maranhense dos demais destinos encontrados no Brasil. Dessa forma, fica implícito ao turista-internauta que ele poderá visitar cidades colonizadas por portugueses ou outros povos europeus em outras regiões do Brasil e do mundo, porém é a capital maranhense a única que pode ser chamada de *França Equinocial*, uma vez que, segundo o referido *site*, era objetivo da coroa francesa instalar uma colônia no Brasil durante o século XVII. Assim, ponderamos que ao considerarmos São Luís como uma *França Equinocial*, um projeto francês em solo brasileiro, temos um argumento de vínculo causal: venha conhecer São Luís e sinta um pedacinho da França/Europa (como sinônimo de luxo e requinte) em terras brasileiras.

Em nossa interpretação, a Prefeitura parece oferecer o melhor dos dois destinos: o turista-internauta pode ter acesso a uma cidade com todas as características do Nordeste brasileiro, como altas temperaturas, praias, dentre outros atrativos do gênero, e também poderá ter um ‘gostinho’ vindo direto da Europa, já que, segundo o discurso aqui mobilizado, fomos uma conquista francesa.

Além do argumento acima – *França Equinocial* – funcionar como um argumento de vínculo causal, acreditamos que ele também funciona como um argumento pragmático. Quem poderia duvidar de que a cidade de São Luís teria sido fundada por franceses? Existe, dentro dos limites da plataforma, um espaço destinado à interação instantânea, no qual internautas possam discutir sobre tal afirmativa? Desse modo, a plataforma digital da Prefeitura de São Luís se vale de um ethos¹ discursivo, pautado na figura do então prefeito da cidade, Edvaldo Holanda Júnior – uma figura de um homem heterossexual, cristão, casado, pai de família e que trabalha em prol dos ludovicenses – para convencer o turista-internauta. Afinal, se é o *site* da própria Prefeitura da cidade, como não ser crível e apresentar credibilidade?

Por fim, a citação acima também apresenta um o argumento por vínculo causal como relação de um fato com sua consequência ou de um meio com um fim. Por conta de seu valor histórico, a capital maranhense foi reconhecida pela UNESCO, em 1997, como uma cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, um título conferido à cidade depois de

¹ De acordo com a Retórica aristotélica, ethos seria a imagem que o orador cria de si para sua plateia.

muito investimento na paisagem e urbanização da localidade, como podemos verificar no que conhecemos atualmente por Projeto Reviver ou apenas Reviver/Revis para os locais.

Em sua dissertação de mestrado, Silva (2019) traz algumas passagens sobre a história da capital maranhense e, dentre elas, o esforço realizado pela então governadora Roseana Sarney para que São Luís fosse reconhecida pela UNESCO como uma das capitais brasileiras que mereceriam um título tão importante como este e que reforçaria a ideia de uma *França Equinocial* – vínculo causal – com o reconhecimento da UNESCO – relação de um fato com sua consequência ou de um meio com um fim.

Dessa maneira, São Luís acaba sendo discursivizada no espaço digital como uma cidade de múltiplas identidades: até o momento, já tratamos de uma *França Equinocial*, de uma cidade nordestina com fortes influências europeias e de uma cidade que possui sua história e cultura reconhecida por uma instância internacional – a UNESCO.

O próximo enunciado, disposto na seção Centro Histórico da plataforma da Prefeitura, segue basicamente a mesma linha argumentativa da primeira citação. Vejamos:

O Centro Histórico da cidade é tombado desde 1955 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, em 1997, São Luís recebeu da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, um reconhecimento à preservação de seu magnífico e homogêneo conjunto arquitetônico. São mais de 3.500 edificações de inigualável valor histórico e artístico, que retratam o modo de vida das antigas famílias abastadas da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, 2018).

Nesta segunda citação, é possível compreender que existe também um argumento de vínculo causal. Contudo, se nos argumentos comentados acima tínhamos o seguinte esquema: colonização francesa > *França Equinocial* > reconhecimento da UNESCO > Patrimônio Cultural da Humanidade, na segunda citação, a que está situada na seção Centro Histórico, temos um foco no reconhecimento da capital maranhense por instâncias de credibilidade – IPHAN e UNESCO. São dados e informações que conscientemente ou não, no campo discursivo, transformam-se em ferramentas capazes de convencer e persuadir o turista-internauta.

É importante destacar na citação acima o fato de São Luís ter sido fundada por franceses, apelidada de *França Equinocial*, ser detentora de mais de 3.500 casarões tombados e reconhecidos pela UNESCO e que essas construções sejam de origem

portuguesa, tornando esse conjunto de informações um pouco contraditório: uma cidade fundada por franceses com edificações lusitanas? Sobre esse aspecto, Lacroix (2002) aborda algo que ela denomina de *Ideologia da Singularidade*. Para a autora, não há indícios históricos que de fato São Luís tenha sido fundada por franceses.

Segundo a historiadora, após a crise econômica em que São Luís se encontrava durante o século XIX, quando já não exportava mais algodão e açúcar para a Europa, o maranhense precisou de uma tábua de salvação para o seu ego, criando assim essa origem mítica de que a capital maranhense havia sido fundada por franceses. Em sua pesquisa, Lacroix (2002) acredita que os franceses chegaram primeiro no que conhecemos hoje como São Luís, mas que foram os portugueses, liderados por Jerônimo de Albuquerque, que se preocuparam e realizaram o projeto e construção do Centro Histórico da capital maranhense à imagem e semelhança do Centro de Lisboa.

Já na seção Patrimônio da Humanidade, temos basicamente informações contidas na seção anterior, o Centro Histórico:

Cidade eleita pela UNESCO como Patrimônio Mundial, São Luís tem entre suas principais atrações um Centro Histórico formado por aproximadamente 3.500 edificações de grande valor histórico e artístico, composto por ruas e calçadas de pedras, fachadas azulejadas e casarões ainda com características coloniais (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, 2018).

Neste trecho, é possível identificarmos um argumento de vínculo causal, também pautado na história da cidade, mas dessa vez há uma ênfase maior no que diz respeito aos famosos azulejos da capital maranhense. Apesar da citação acima não trazer, propriamente dita, uma informação sobre a origem lusitana dos azulejos, tal disposição argumentativa imputa um efeito de sentido de que retoma a ideia de uma origem lusitana dos famosos azulejos da cidade, assim como os encontrados em outras cidades históricas brasileiras.

Assim, para que o turista não sinta a sensação de que São Luís é apenas mais uma cidade histórica brasileira, o título conferido pela UNESCO é novamente posto em destaque, aparecendo no início do período. Um dos poucos momentos em que São Luís não é lembrada por sua fundação ou pelo seu título conferido pela UNESCO está na seção Aspectos Culturais:

A Festa de São João, com seus diversos Arraiais, é celebrada durante todo o mês de junho e presta homenagens a Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal.

O tradicional Bumba-Meu-Boi, considerado uma das manifestações culturais mais importantes da região, está vinculado ao calendário religioso, assim como grande parte das outras festas populares, como a Folia de Reis, o Divino Espírito Santo e o Cacuriá.

O Tambor de Crioula, realizado sem local específico ou calendário pré-fixado, ocorrendo em qualquer dia do ano – com maior concentração no carnaval, festejos juninos e em agosto, em homenagem a São Benedito, foi eleito Patrimônio Imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e outras danças, como a Dança do Coco, a Dança do Lelê e as Quadrilhas [...] (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, 2018).

Nesta seção são evocados outros atrativos turísticos que não são o título de Patrimônio Cultural da Humanidade e nem sobre a história/origem da capital maranhense. Na citação acima, é possível verificar atrações que não são, necessariamente, eurocêntricas, como o São João, a Festa do Divino Espírito Santo – que têm suas raízes africanas – assim como o Cacuriá, a Dança do Coco e o famoso Bumba-Meu-Boi.

Dessa maneira, interpretamos os argumentos arrolados na seção Aspectos Culturais como sendo argumentos por fins e meios, não apenas pelo fato de serem argumentos frequentemente utilizados pela publicidade, mas porque existe uma espécie de resumo que versa sobre as múltiplas identidades disponíveis na capital maranhense.

São Luís não é apenas uma cidade histórica brasileira; uma cidade nordestina, com suas praias e altas temperaturas; não é apenas uma *França Equinocial*; não apresenta um título conferido por um órgão internacional, ela é um destino diversificado, culturalmente falando. Tal afirmação pode ser verificada em outro fragmento da seção História da Cidade:

A cidade de São Luís foi eleita Capital Brasileira da Cultura, em 2009, e Capital Americana da Cultura, em 2012. Visite e sinta a história, a cultura e a paisagem de São Luís!

[...] herança histórica, patrimônio mundial e destaque nacional São Luís, localizada numa ilha no litoral do Maranhão, no Nordeste do Brasil, em uma região que faz a ligação das regiões Norte e Nordeste do país, tem em sua miscigenação étnica, com influências francesa, holandesa, portuguesa, africana e indígena, a sua verve cultural e maior riqueza, consolidadas pelo reconhecimento internacional com o título de Patrimônio Mundial em 1997, pela UNESCO (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, 2018).

Podemos verificar que a Prefeitura de São Luís se vale de uma série de argumentos capazes de convencer/persuadir um turista-internauta a vir conhecer ou até mesmo voltar para localidade, dadas as informações disponíveis na plataforma digital da Prefeitura. É uma cidade que não é exatamente amazônica, embora tenha características do Norte do país, como podemos verificar no fragmento acima: é uma cidade nordestina, mas com influências francesas, holandesas, portuguesas, africanas e indígenas, o que reforça as identificações atribuídas à capital como “Capital Brasileira da Cultura” e “Capital Americana da Cultura”.

Desse modo, a cidade de São Luís, do ponto de vista argumentativo de sua Prefeitura, ainda vive aquilo que a historiadora Lacroix (2002) compreendeu por “Ideologia da Singularidade” no momento em que a cidade, dentro de uma lógica capitalista, passa a ser discursivizada no ambiente virtual como uma *França Equinocial*, um Patrimônio Cultural da Humanidade e também como uma Capital americana/brasileira da cultura.

É inegável que há um grande esforço por parte do poder público em oferecer um cardápio variado de experiências enunciadas e anunciadas no site da Prefeitura de São Luís aos turistas. A plataforma vale-se de argumentos baseados naquilo que convenciamos e acreditamos ser reais, gerenciado informação e emoção por meio dos enunciados que compõem um discurso turístico de sua plataforma digital. Afinal, qual destino no Brasil e no mundo poderá oferecer um cardápio tão diversificado, além de São Luís do Maranhão?

Considerações finais

No contexto do século XXI, podemos perceber que a internet é uma ferramenta de grande valia para a humanidade. Se inicialmente utilizávamos algumas ferramentas disponíveis na internet para comunicação e interação social, atualmente essa função é uma dentre muitas possibilidades no ambiente digital.

Nas últimas décadas, presenciamos como o comércio vem ganhando espaço dentro do ambiente virtual. Novas formas de comprar e de vender surgem a cada dia e com algumas instâncias oficiais, como as prefeituras de algumas cidades históricas, por exemplo, essa ótica mercadológica vem modificando a maneira dessas prefeituras se relacionarem com seu público, seduzindo-o a conhecer uma determinada localidade. Dessa

forma, optamos por investigar a maneira pela qual a capital maranhense é discursivizada na rede mundial de computadores como um destino turístico, um produto a ser consumido.

Ao entendermos que a capital maranhense passa a ser um objeto de desejo no ambiente virtual, é preciso que este produto seja vendido de maneira que atraia cada vez mais consumidores/turistas. Verificamos que a Prefeitura de São Luís constrói um discurso turístico pautado na diversidade cultural encontrada na localidade, gerenciando informação e emoção, a ponto de convencer/persuadir seus leitores (turistas-internautas).

Vimos que os argumentos mais utilizados pela plataforma são os da família dos *argumentos baseados na estrutura do real*, por serem aqueles que mais se aproximam do que conhecemos por realidade e que têm como fio condutor o fato da cidade de São Luís ter sido fundada pelos franceses. É a partir desse vínculo causal que outras identificações emergem ao ponto da capital maranhense ser considerada uma “Capital Americana da Cultura”, capaz de agradar a todos os gostos e todos os bolsos dos turistas que por aqui passam.

Assim, a função languageira do discurso, a camada argumentativa está presente no discurso turístico construído pela Prefeitura Municipal de São Luís por meio de sua plataforma digital, revelando que todo discurso pretende produzir não apenas efeitos de sentido, como também visa convencer/persuadir seus interlocutores/sua plateia.

Referências

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 8 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ALMEIDA JUNIOR, L. N. *Conjecturas para uma Retórica do Design [Gráfico]*. 2009. Tese (Doutorado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=13975@1>. Acesso em: 12 fev. 2019.

CORRÊA, F. S. *Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da Internet*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08102013-162610/publico/Fabiano_Correa_Mestrado.pdf. Acesso em: 22 jan.2021.

LACROIX, M. de L. L. *A fundação francesa de São Luís e seus mitos*. 2 ed. São Luís: Lithograf, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. *Aspectos culturais*. 2018. Disponível em: <http://turismosaoluis.com.br/cultura/12>. Acesso em: 22 nov. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. Centro histórico. 2018. Disponível em: http://turismosaoluis.com.br/centro_historico/101. Acesso em: 22 nov. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. *História da cidade*. 2018. Disponível em: http://turismosaoluis.com.br/historia_da_cidade/100. Acesso em 22 nov. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. *Patrimônio da humanidade*. 2018. Disponível em: <http://turismosaoluis.com.br/patrimonio-da-humanidade/10>. Acesso em: 22 nov. 2018.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, M. F. P. A. A. *LA MIGNONNE DU BRÉSIL: uma análise discursivo-argumentativa de enunciados que compõem o discurso turístico sobre a cidade de São Luís nas plataformas digitais da Prefeitura Municipal e do Governo do Estado do Maranhão*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/3005>. Acesso em: 27 jan. 2021.

TURISMO SÃO LUIS. *Prefeitura municipal de São Luís/MA*. Disponível em: <http://turismosaoluis.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

ZOPPI-FONTANA, M. Retórica e argumentação. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. P. (Orgs). *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ⁱ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/DELER).

E-mail: marcelofabioandrade@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3399627408359541>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5743-3614>



ARQUEOLOGIA E VIDA: UM DEBATE COM FOUCAULT E JACOB

ARCHEOLOGY AND LIFE: AN OVERVIEW BETWEEN FOUCAULT AND JACOB

Anderson de Carvalho Pereiraⁱ
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo: Este artigo mostra que a obra *A Lógica da Vida* de François Jacob pode ser lida conforme uma linguagem arqueológica, no sentido dado por Foucault em *A Arqueologia do saber*. Para isto, a partir da noção de enunciado em Foucault, foram destacados dois enunciados que serviram de marco para a definição destes campos e suas rupturas: o valor funcional das espécies e a individualização. Este diálogo também foi realizado ao se detectar a finitude entre a reflexão sobre a epistemologia da ciência estabelecida por Foucault em *As palavras e as coisas* e o debate sobre linguagem e biologia molecular visto em Jacob. Os recortes retirados desta última obra para mostrar esta afinidade foram eleitos e analisados sob uma vertente da arqueologia foucaultiana. Por meio deste argumento, foi destacada a contribuição que Jacob teve para decifrar uma lógica arqueológica do invisível da ciência moderna.

Palavras-chave: François Jacob. Michel Foucault. História da Ciência.

Abstract: This article shows that François Jacob's book *The Logic of Life* can be read according to an archaeological language, in the sense given by Foucault in *The Archaeology of Knowledge*. For this, based on the notion of utterance in Foucault, two statements were highlighted that served as a framework for the definition of these fields and their ruptures: the functional value of species and individualization. This dialogue was also carried out by detecting the finiteness between the discussion about the epistemology of science established by Foucault in *The Orders of Things: as archaeology of the humans sciences* and the debate on language and molecular biology seen in Jacob. The clippings were from this last work to show this affinity were chosen and analyzed under a Foucaultian archeology strand. Through this argument, Jacob's contribution to deciphering an archaeological logic of the invisible of modern science was highlighted.

Keywords: François Jacob. Michel Foucault. History of Science.

Introdução

Na contracapa da edição portuguesa do livro *A Lógica da Vida* de François Jacob (1985) o editor destaca que “A Lógica da Vida, segundo Michel Foucault, apresenta-nos a

fundação de uma teoria científica tão importante como as de Newton ou Maxwell”. Este destaque já indicia que esta obra tem sua envergadura comprovada pela consistência da abordagem de temas caros às ciências em geral, ao ponto de se poder estabelecer analogias com marcos de outras ciências (como a Física e a Química) e não apenas com as ciências da vida em particular. A respeito desta última, o percurso mostrado por Jacob (1985) e que estabelece afinidade com um campo também abordado por Foucault na obra *As palavras e as coisas* (2000) é a análise cuidadosa do percurso que passa pela História Natural e pela Biologia até a chegada às ciências da vida.

Publicado poucos anos após o recebimento por Jacob do prêmio Nobel de Medicina (junto com Jacques Monod e André Lwoff, cf. PASQUALINI, 2013) e apenas um ano após a *Arqueologia do saber* de Foucault (2012), esta obra foge à regra de cooptação da supremacia da razão técnica das ciências denominadas naturais.

Crítico do sistema escolar tradicional padronizador dos alunos, François Jacob (1920-2013) foi um humanista, vencedor do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia. Durante a Segunda Grande Guerra ingressa no curso de Medicina e cumpre missões no norte da África, o que lhe renderá mais tarde a comenda “Companheiro da Libertação”, período em que também se interessa pela pesquisa em Biologia sendo mal recebido em centros de pesquisa até ingressar e se tornar bolsista sob supervisão de Tréfouël no Instituto Pasteur de Paris, e em seguida ser aceito no laboratório de André Lwoff que destacou seu entusiasmo (PETIT; SANSONETTI, 2014).

Por ora, sem mencionar mais detalhes, podemos afirmar que Jacob discute hereditariedade, evolução, reprodução e a natureza da vida do ponto de vista de uma visada para uma descontinuidade da *História Natural* (FOUCAULT, 2000). Trata-se de uma argumentação que se assemelha à arqueologia foucaultiana, motivo pelo qual apresentamos aqui uma leitura desta obra, sobretudo a partir de algumas discussões caras à *Arqueologia*, sem a esta reduzi-la.

O objetivo principal deste artigo é mostrar algumas consonâncias entre ambas as obras. Este diálogo foi realizado ao se detectar que a reflexão sobre a epistemologia da ciência estabelecida por Foucault (2000) sintoniza com *A Lógica da Vida* em Jacob (1985). Os recortes retirados desta última obra para mostrar esta afinidade foram eleitos e analisados sob uma vertente da arqueologia foucaultiana e aparecerão na última seção

deste texto. Na análise propriamente dita, portanto, são retomados alguns recortes da obra de Jacob que, portanto, permitem um diálogo com a arqueologia foucaultiana.

Isto é feito pela sinalização de que as rupturas entre as várias ciências naturais indicam a necessidade de uma discussão mais ampla sobre o papel da linguagem e do discurso na história da ciência, o que evoca Foucault em *As palavras e as coisas* (2000) e em *A Arqueologia do saber* (2012) como uma das principais referências; o valor deste papel está também em que não existe uma verdade da Biologia ou das ciências da vida, como mostrado por ambos os autores. O percurso tomado foi o da apresentação da arqueologia foucaultiana e a posterior apresentação de pontos do livro *A Lógica da Vida* de Jacob (1985) que dialogam com esta arqueologia.

1 Aspectos teóricos: O Michel Foucault da *Arqueologia do saber*

Em uma de suas principais obras (*Arqueologia do Saber*), Foucault (2012) trata de forma crítica do interesse tradicional dos historiadores. Isto porque, conforme o filósofo francês, esta tradição da historiografia deixa de lado uma sobreposição de fragmentos narrativos descontínuos e incertos. O destaque aos tradicionais gráficos, acervos documentais sob forma de caixas de arquivos, tomados como fontes e seus constantes ajustamentos recobrem acontecimentos que passam despercebidos à análise mais cuidadosa, por assim dizer, arqueológica.

As longas descrições de eventos e de períodos seculares deixavam de lado acontecimentos distintos. Então, ao dar visibilidade a vozes, dizeres, modos de reflexão outrora soterrados, ele questiona a historiografia tradicional para mostrar os desníveis e os espaços de tensão do nível macro-estrutural, em um modo de ultrapassar certa noção de continuidade. É uma análise de natureza arqueológica que provoca, para este autor, na aparente linearidade, a perspectiva das interrupções, das contradições marcadas pela des-linearidade do que aparenta como fato, cronologia, fonte, e escancara incertezas e discontinuidades narrativas.

Então, a abordagem foucaultiana é a tomada de conceitos que pouco a pouco não ganham definições, mas indicam um emaranhado de disputas do protagonismo em uma discussão que subverte a lógica historiográfica. Esta perspectiva não apenas pulverizou a abordagem da memória e da história coletiva, por assim dizer, atentando-nos para os

pontos de fuga provocadores de ainda mais questões do que respostas, mas permitiu perguntar não mais sobre como ajuntar, mas questionar na epistemologia das Ciências Humanas sobre como se portar em debates que destacam disparidades e rupturas.

A mudança assim provocada decorre de que as diferentes sequências para os acontecimentos se abastecem de uma disputa ininterrupta de validação e de construção de verdades que se vinculadas somente às descrições históricas estariam condenadas à suposta atualidade de um saber, o que não permitiria um refinamento nem tampouco romperia com redistribuições recorrentes. Em suma, o Foucault (2012) arqueólogo pode ser entendido como o filósofo que critica a descrição histórica de um campo do saber como se este pudesse ser auto-referencial de sua própria constituição.

Grosso modo, Foucault (2012) com sua arqueologia questiona o que um campo novo ou outro documento e fonte (expressões nossas) provocam possibilidades de interpretação àquele já sedimentado. Não como memória engavetada e empoeirada, mas como arquivo que impõe sistematicidade indefinida de rupturas. Se tradicionalmente o campo da historiografia propriamente procura apagar discontinuidades, o que se tem visto na contrapartida, defende o autor, é que a história dos pensamentos, das literaturas e da filosofia parece multiplicar rupturas, ao questionar as definições de ciência, obra, teoria, conceito e texto.

A este respeito, Japiassu (1988) explica que as tradições racionalistas, principalmente do período que se estende entre os séculos XVI até o XVIII se fundamentaram no pensamento por semelhança. Havia uma espécie de adequação do signo que as representava a algo já marcado como seu campo de domínio. É isto que proporciona valor à taxionomia e à análise das gêneses dos campos do conhecimento. Surgem as áreas. Principalmente em *As palavras e as coisas*, Foucault (2000) mostra como não se entende a busca de estatuto científico das Ciências Humanas sem passar pelo “pré-científico”, ou seja, sem escavar arqueologias.

Ao propor uma arqueologia que vem para provocar ruptura em uma tradição epistemológica ajustada ao signo, Foucault (2012, p. 6) também indaga sobre “como diversificar os níveis em que podemos colocar-nos, cada um deles compreendendo suas escansões e suas formas de análise” para, a partir disso, questionar sobre o nível legítimo da formalização, sobre qual seria o nível (limite) da interpretação e inclusive de uma análise estrutural.

Em outras palavras, o filósofo provoca sobre como se portar em um debate sob condições de possibilidade de outras interpretações para um mesmo domínio ou campo do conhecimento. É admitir outras possibilidades que definam o valor e estatuto do campo dos enunciados. É a interpretação da instalação de domínios enunciativos que cada questão formulada sobre o conhecimento permite.

E é esta abordagem de uma arqueologia das ciências biológicas mais voltadas para rupturas, descontinuidade e provocação sobre seu acúmulo de conhecimento que defendemos que Jacob (1985) em passagens de sua obra máxima (*A Lógica da Vida*) instala por meio de reflexões sobre a vida em uma teoria da hereditariedade; ou seja, que este autor provoca no debate sobre as ciências assim denominadas, da vida, biológicas ou naturais, outras possibilidades de interpretação. É sobre algumas destas outras formas, sustentadas por um viés que a aborda como uma linguagem criada e sustentada que vamos debater esta arqueologia em Jacob. É este nosso propósito com este artigo. A partir de uma leitura arqueológica desta obra, reconhecendo pontos de sua arqueologia, podemos problematizar a partir de passagens ora destacadas de que forma rupturas apresentadas por seu autor enaltecem a não unicidade das ciências naturais.

Ao tratar das regularidades discursivas, Foucault (2012) aborda primeiro a origem não definida dos enunciados. Ou seja, nunca se delimita com precisão quem questionou tal axioma, quem e em que data começou a problematizar uma dada questão. Isto porque unidades do saber (áreas, temas, sistemas, escolas) são marcadas por posições e pela descontinuidade dos saberes. Para o autor, o que se pode recuperar são algumas formações discursivas, ou seja, a unidade em conjunto para falar de um determinado objeto da qual decorrem regras de formação para ordenar estes enunciados.

Algo caro à discussão foucaultiana sobre a arqueologia e em outros textos é o destaque conquistado por um determinado autor. Fala-se da obra de um autor como expressão individual aparente e deixam-se de lado margens, resquícios, pontos interpretativos (estes sim, mais importantes) provocadores das mais diversas interpretações. Este resultado de operações interpretativas prova que uma obra não é uma unidade imediata e homogênea (FOUCAULT, 2012).

Esta unidade ilusória faz parte do próprio regime de enunciados, por um lado, uma vez que não se localiza a origem nem busca o não dito esvaziado de sentido. Isto demonstra que na instância discursiva, os pormenores traçados dialogam com

acontecimentos, o que leva a desconfiar das continuidades uma vez que resultam de construções que devem ser conhecidas em seus pormenores postos em diálogo com um complexo prisma de constituição dos saberes.

A propósito, vamos trazer de forma breve o exemplo da Psicologia. Esta ciência tanto pode ser estudada do ponto de vista da subdivisão em Psicologia Experimental e Social proposta por Wundt (SCHULTZ; SCHULTZ, 1997) quanto por suas diferentes tradições filosóficas e sistemas teóricos que atravessam estas duas subdivisões e seus autores em destaque.

Estes últimos, por sua vez, são marcados pela unidade (por um dado encadeamento do objeto) com o sujeito do enunciado e suas posições. Todavia, estas posições não se mostram tão claras por conta da descontinuidade sempre já provocadora dos acontecimentos. É a provocação destes acontecimentos que põe em xeque as sínteses acabadas (das mentalidades ou do espírito) conforme Foucault (2012). Mas qual o caminho desta análise arqueológica? Não há um método racional, como já deve ter sido notado que nos faça buscar em cada fragmento aqui analisado o lugar enunciativo da busca realizada por Jacob (1985). Certamente não é este caminho proposto nesta arqueologia e não foi o caminho seguido neste artigo.

A partir de alguns recortes retirados do livro *A Lógica da Vida* que a conjuntura do que vinha se definindo por meio de uma unidade entre ciências naturais (biológicas, médicas, arqueologia, Biologia molecular e tantas outras áreas possíveis de serem identificadas nesta obra) mostra rupturas, pontos de fuga, possíveis de serem analisados e recuperados a partir de uma visada arqueológica que podemos estabelecer sobre esta obra tão importante e por vezes tão pouco valorizada na formação do cientista de modo geral nestes tempos em que a razão técnica se volta à supremacia.

2 François Jacob e sua *Lógica da vida*

Maia (1989) explica que François Jacob estudou em sua carreira expressão gênica de bactérias e vírus e que a publicação de *A lógica da vida*, originalmente intitulada *La logique du vivant*, mostra seu talento literário. A percepção do valor desta veia literária permite adiantar que foi também considerado que as ciências de modo geral têm deixado

de lado essa narrativa possível das aventuras do conhecimento, o que é resgatado por vários epistemólogos.

Após anos de trabalho nos grupos de Lwoff e com outros colaboradores, Jacob se destacou porque induziu um prófago em uma bactéria lisogênica (tipo que junto com o sistema da lactose será objeto de sua defesa de que ambos possuem mecanismo molecular semelhante); com este feito, ele atenta para o fato de que no campo da Biologia caberá cada vez mais a aproximação com o universo da Física e da Química, o que lhe rendeu o prêmio Nobel de Medicina em 1965 (PETIT; SANSONETTI, 2014).

Ao abordarem esta provocação da linguagem em seus estudos, Petit e Sansonetti (2014) explicam que Jacob, logo após elucidar a estrutura do DNA, rompe com o sistema conceitual da Biologia e seus métodos de até então, ao sistematizar uma orquestração de um modelo molecular que considera como o RNA se torna mensageiro por meio de genes reguladores. São estudos que repercutem até hoje, no campo do genoma bacteriano, no estudo de embriões precoces e de carcinomas.

Em outras palavras, a nosso ver, foi a elaboração de uma refinada influência do universo metafórico em sua obra, pela qual se pode notar um modelo explicativo marcado pela eleição de referentes. Cientista sensível à intuição e às metáforas para elaborar novas hipóteses científicas, seu talento literário se deve a este modo de redefinir o linguajar da ciência. Em artigo publicado no jornal *Le Monde* em 1970, Foucault (1970) aponta Jacob como um escritor de um livro de História. Ao apontar uma genética subversiva para a época, Foucault explica que ele abala nossas familiaridades com a nomenclatura sobre a vida, lançando-nos a pensar na lógica do acaso.

Esta colocação do autor nos faz lembrar a presença em relatórios científicos dos últimos séculos e mesmo nos primeiros periódicos científicos, de relatos em seus frontispícios sobre dificuldades, méritos, orientações; em suma, antes desta retirada narrava-se o conhecimento científico. Atividade mais de escritor do que de cientista. Muitas destas narrativas prepararam a recepção e a vulgarização do conhecimento científico em fins do século XIX, como foi o caso da publicação de *Tour du Monde*, do editor Louis Hachette (MOLLIER, 2013), até que ocorreu um divórcio entre o científico e o literário que se aprofundou desde fins do século XIX (PÊCHEUX, 1997).

Esta discussão é extensa e pode ser recuperada de maneira variada no próprio referencial foucaultiano ou em outros referenciais. Queremos apenas apontar com esta

breve digressão que o que Jacob (1985) aponta como um novo caminho no debate das ciências da vida já havia aparecido até o final do século que o antecede. Não há novidade pura. Também não há apenas retorno e *mimesis*. Há um modo específico de intercambiar linguagem e História da Ciência que pretendemos explorar.

Maia (1989, p. 192) destaca a grande contribuição de Jacob:

No Instituto Pasteur François Jacob inicia seus estudos sobre lise/lisogenia cujo conjunto de experimentos mostrou que os genes dos vírus governam as funções necessárias à multiplicação e à formação das partículas virais infecciosas e que as bactérias lisogênicas têm a propriedade de serem imunes, ou seja, incapazes de serem reinfectadas pelos mesmos vírus. Estas bactérias contêm toda a informação necessária à produção do genoma viral, sob a forma de uma cópia, em geral única integrada ao cromossomo bacteriano (profago).

Em outras palavras, ele criou um modo de decifrar a linguagem viral das bactérias. Se o cromossomo bacteriano (profago) é decifrado, logo, é porque organiza uma linguagem própria. Em outras palavras, a teorização do alcance de uma linguagem para o invisível da ciência nos permite articular o quê de outros domínios enunciativos aparece nesta arqueologia da vida. Voltaremos a isso na próxima seção.

Jacob (1985) aponta como ponto de inflexão em seu percurso o estudo sobre a necessidade vista no século XVI em as coisas serem nomeadas para serem compreendidas em sua natureza. Fato é que com este percurso, Pasqualini (2013) nos explica que François Jacob se portou como um escritor literário que une ciência e arte, o que de certa maneira já havia sido realizado por Newton, por exemplo. A recriação da natureza que se empenha na novidade prova que arte e ciência estão mais juntas do que se imagina ainda que respeitadas as diferenças, sendo que algo as une também: o respeito ao legado dos grandes mestres.

3 François Jacob e sua arqueologia da vida: uma análise

Inicialmente, vamos apresentar uma interface entre o Foucault da *Arqueologia* e o Jacob de *A Lógica da Vida*, interface esta já analisada no Brasil por Portocarrero (2009). Em seguida, vamos nos aprofundar em algumas partes da interface entre estes autores, a partir de destaques das obras. Esclarecemos que inicialmente a breve apresentação da

análise desta autora nos serviu para aprofundar no conhecimento da complexa diferença entre vários autores a serem apresentados. Nossa análise se distancia da análise feita por esta autora, uma vez que trazemos recortes em Jacob e uma interface com a vertente foucaultiana arqueológica.

O século XIX traz uma concepção de vitalismo que é aquela de um universo que pode ser experimentado do ponto de vista físico-químico. No século XX, por sua vez, Jacob reforça pelo princípio da força vital que a Biologia, portanto, não é uma força auxiliar e menos importante da Física e da Química. O vitalismo permite reunir métodos e objetos de várias disciplinas e os efeitos de uma dimensão não visível, como no caso da produção de vacinas contendo vírus atenuados, que evitam formas graves, combatendo o vírus e não evitando exclusivamente a morte. Reside nisso uma prova de vida, a comprovação de uma ordem vital. Portanto, o vitalismo foi decisivo para o surgimento da Biologia. Decorre disso a crítica à história das ideias que vê no vitalismo certa herança de um animismo metafísico há descontinuidade. (PORTOCARRERO, 2009)

Portocarrero (2009) retoma Foucault e explica que este filósofo ressalta que o vitalismo presente na Biologia resgata nesta ciência a existência de problemas filosóficos a resolver. A autora, no entanto, explica que embora haja convergências entre Foucault, Canguilhem e Jacob, há divergências. Como divergência, de um lado, Jacob e Canguilhem se ocupam de um resgate mais histórico enquanto Foucault acredita ser o vitalismo apenas decorrência de aspectos arqueológicos mais profundos. Além disso, o lugar do vitalismo na reflexão de Jacob e Foucault aponta divergência. Por outro lado, um ponto em comum é que a Biologia passa a não ser irredutível às ciências. Conforme a autora, o modo de Jacob construir questões em torno das questões da vida, em seu percurso sobre a linguagem molecular e a hereditariedade sai de uma proposta de acuidade linear cartesiana e se aproxima do modo foucaultiano de escavar uma arqueologia das descontinuidades dos saberes.

Portocarrero (2009) explica que o vitalismo passa a ser um conceito que opera no caminho da descontinuidade trilhada por Foucault e também em Jacob, quando este último desloca a retratação direta do mundo natural para a escavação das estruturas invisíveis que permitiram a consolidação das ciências da vida no século XX. Um deslocamento da ordem de uma tridimensionalidade. Em Jacob, as transformações geracionais têm historicidade própria e dependem de interferência externa para transformar a questão da geração em

hereditariedade e para aprofundar cada vez mais uma arquitetura do ser cujo valor da nomeação como quadro descritivo fora herdada do século XVI.

Outra convergência, a nosso ver, é a de um Jacob arqueológico; ou seja, mesmo sem se reportar diretamente ao texto de Foucault (2012), ele torna problemáticos os próprios enunciados da ciência, seus modos de indagar a vida e construir interpretações da vida. Acreditamos que esta visão arqueológica do autor se deva ao fato de, como explica Portocarrero (2009), as formações discursivas na ciência se formalizarem pela *episteme*, pela reflexão sobre o saber. Somado a isto, outro fator, a aposta na descontinuidade entre uma metafísica animista e o vitalismo, também debatida por Portocarrero (2009), aproxima, a nosso ver, Jacob da arqueologia foucaultiana. Novos modos de acessos a novos objetos constituídos por domínios de saberes deslocados dos padrões até então estabelecidos permitem uma nova Biologia. Não se trata de acúmulo, mas de operar mudanças de perspectivas a cada investigação.

Jacob (1985) dá início a sua obra máxima *A Lógica da Vida* com a demonstração de uma torção do conceito de espécie natural porque, a partir do século XVIII, o conceito de espécie é fortalecido ao se designar as funções dos seres, funções estas que unem partes para o funcionamento do todo. É o desafio da classificação somado neste período ao desafio da integração entre parte e todo que se destaca.

Deste modo, as ciências naturais avançam para a etapa de superação das aparências rumo a ocupar o lugar da aparência nestas classificações como preconiza Buffon, o autor mais citado por Jacob, conforme Morange (2008), em *A Lógica da Vida*. Isto significa tentar distinguir o que haveria de mais real e “mais verdadeiro” (expressão nossa) em um organismo, ou seja, o destaque da função integrada a um sistema para além do que a simples aparência do organismo. O século XIX, portanto, configura o auge desta reviravolta nas funções (JACOB, 1985; FARIA, 2010, 2012).

Uma vez que uma História Natural começa a ser elaborada (FOUCAULT, 2000; JACOB, 1985; FARIA, 2010, 2012), podemos entender que começam a ser operados sistemas de classificações como o “nó em uma rede” (FOUCAULT, 2012, p. 8) documental a fim de, ao perceber as classificações naturais como documentos, provocar linearidade. Todavia, “o documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, memória; a história é, para uma sociedade, uma maneira de

dar status e elaboração à massa documental de que ela não se separa” (FOUCAULT, 2012, p. 8).

Foucault (2000) indaga sobre como teria se constituído o campo da História Natural contemporânea de forma não decorrente do fracasso do cartesianismo. Tornar a História “Natural” (expressão do autor, em maiúscula no original) ao longo de obras do século XVII foi necessário. Até então, havia uma história de elementos depositados, uma rede semântica sustentada pelas semelhanças. Após esta época, o tripé “Observação, documentação e fábula” antes misturado começa a se distanciar em nome de uma representação. Começa a se tornar possível descrever antes de nomear uma nova espécie.

Os saberes do que hoje se conhece por ciências da vida ou ciências biológicas eram, entre os séculos XVII e XVIII, aglutinados em torno de uma História Natural. Com o século XIX, houve uma invenção da vida como objeto de estudo, pois a divisão de saberes anterior a este período não vale para o período mais recente (PORTOCARRERO, 2009). É por isso que Foucault (2000) afirma que existe um processo de naturalização de uma ordem de representações e nomenclaturas que parece sempre ter existido, mas que torna aquela época “[...] difícil de restituir”, posto que este sistema está “[...] recoberto pelo sistema de positivities a que pertence nosso saber” (p. 98). Por esta razão, também torna-se inviável escrever uma História da Biologia do século XVIII, mas a atual repartição do saber somente é familiar nos últimos “150 anos” (p. 172).

Em Jacob (1985, p. 57) é resgatada nesta arqueologia da vida também feita por este autor, a necessidade de separar o que seria real em um organismo daquilo que fica de arbitrário no jogo das aparências exige uma nova classificação, cujo lema é “menor arbitrariedade e maior naturalidade”. Como se nota, passa a ocorrer um recobrimento das fontes documentais da “história da vida”. A convergência entre a perspectiva histórica das ciências biológicas em Jacob e em Foucault (2000) pode ser notada na ênfase na descontinuidade e no acaso, descontinuidade esta que faz com que um saber não possa ser analisado sob o prisma de outro, mas em uma arqueologia específica que mostra desníveis e rupturas.

Esta passagem do arbitrário para o natural, mas um natural inventado em uma conjuntura enunciativa ocorre sob efeitos de unidade (FOUCAULT, 2012) cuja contribuição de Jacob (1970/1985) foi a de debater sob a lógica da dispersão e da ruptura. É o que este autor empreende quando provoca este recobrimento e esta linearidade entre

parte e todo, problematiza a linearidade e mostra rupturas e descontinuidades entre as ciências naturais (Física, Química, História Natural, Paleontologia, Biologia molecular), mostrando para usar uma expressão foucaultiana que uma unidade em qualquer destas disciplinas é “variável e relativa” (FOUCAULT, 2012, p. 28), pois é constituída por discursos.

É o que notamos quando Jacob (1985) aborda a crise do mecanismo, em que se definem a fisiologia e a história natural como dois eixos que ratificam esta relação entre parte e todo creditada pela Física (entre leis da natureza e do universo), só que em uma grande máquina, um grande todo que se aplica a todos mecanismos da fisiologia de forma que “[...] Uma máquina só se explica do exterior” (JACOB, 1985, p. 44).

É junto disso que o estudo dos seres vivos resgata velhas máximas da medicina e da alquimia ao apontar que não há maquinaria pura, mas com a ajuda de uma inteligência que põe em xeque o materialismo radical; acrescido da imaginação já referida por Foucault (2000), como de um recurso que a ciência tem a ilusão de estar dissociada, todavia do qual nunca se dissocia.

Desta forma, o autor ao seu modo explica que se chega ao vitalismo de fins do século XVIII, mas ainda dependente de uma intervenção pós-observação, “não para ver, mas para interpretar”; isto quer dizer que as ciências se libertam do animismo, mas com um encantamento e não ao ponto “de os trazer para os limites do visível e do analisável, em suma, de os transformar em objetos da ciência” (JACOB, 1985, p. 48). Em suma, junto do estabelecimento das unidades das áreas correm em paralelo e de forma interdependente as interpretações sobre os limites do visível. Mais adiante, o autor indica na Biologia Molecular as formas de lidar com o invisível e interpretar e analisar o visível em seus limites. Voltaremos a isto.

E assim o é porque a História Natural, agora ciência da vida é constituída por discursos que dentre vários enunciados (condições de possibilidade de interpretar) permitem esconder e revelar certas regras pelas quais estes enunciados foram construídos. A unidade vem, portanto, da garantia dada por um objeto (em construção ainda), porém já projetado. Nisto, inclui-se um encadeamento que substitui léxicos, documentos, técnicas de análise que atuam no nível de enunciados dispersos e heterogêneos e que co-existem (FOUCAULT, 2012). Mas como Jacob (1985) mostra esta deslinearização e indica dispersões e heterogeneidades em unidades que cada vez mais vinham se consolidando?

Como se nota em Jacob (1985), a definição de arbitrariedade e naturalidade passa a portar como valor semântico nesta nomeação de que a ciência veicula uma verdade diretamente acessível, ignorando o debate sobre o sujeito transcendental kantiano ainda em voga e que mostra os riscos da desconsideração da relação indireta com a realidade. Assim, Jacob (1985) mostra que ao fim da idade clássica, o conceito de espécie faz originar aparentemente do nada uma semelhança e assevera uma história natural, incluindo toda a mecânica do ser vivo que já dispõe de suas funções pela organização da matéria em seu embrião. Esta observação crítica do autor a respeito da verdade veiculada nos conceitos vai ao encontro da reflexão foucaultiana em *Arqueologia do Saber* sobre o fato de que as formações discursivas não ocupam plenamente os espaços enunciativos formulados pelos conceitos.

A derrocada desta que também é uma herança cartesiana de uma espécie de linguagem previamente programada somente ocorrerá na virada para o século XX, como nos ensina Konrad Lorenz (1995). Ao longo de toda sistemática filosófica que discute esta questão chega-se ao aprofundamento deste debate e à configuração de novos eixos norteadores até a consolidação das denominadas ciências naturais, de meados para o fim do século XIX. Não é a pretensão deste trabalho escavar de forma detalhada os meandros deste percurso, mas o de apresentar algumas questões consideradas decisivas para o estabelecimento no período recente de pesquisas na interface com as ciências da linguagem que se fundamentam em autores que, a partir de meados do século XX, tratam das questões do discurso. É o caso de Jacob (1985) e de Foucault (2000; 2012).

Ao discutir os modos de decifração da natureza, François Jacob (1985) discute a passagem do campo das analogias e similitudes por meio dos relatos de viajantes ou da observação sobre o calor, por exemplo, entre os alquimistas, de estruturas visíveis até o fortalecimento de sua análise de classificação. O autor mostra que existe uma estrutura primordial que se acredita repetível e cuja conservação, o século XVII transformará no próprio conhecimento da natureza.

Há um distanciamento da crença na criação divina para se olhar com mais acuidade as intenções mais decisivas da natureza. Por meio do testemunho do olhar de outrem e entre o que é possível conhecer e aquele que conhece. Este lema racionalista requer que para decifrar a natureza deve-se compreender um código sem o qual não se a interpreta. Seja com Descartes ou com Leibniz, a arte da decifração toma prumo, mas por

meio de um codificador que foi apagado diante do intérprete, ainda que a busca seja mais importante do que o código (JACOB, 1985).

A questão é se é possível estabelecer regras de formação para alguns objetos de discurso. Para isto, seria necessário analisar a superfície de emergência, de aparecimento, de delimitação e grades de especificação. As condições são para que várias pessoas diferentes possam dele falar com destaque para o fato de que não se fala de qualquer coisa em uma época qualquer, indefinida, e mesmo a novidade não é fácil de ser apontada. Como se nota, o distanciamento divino dá lugar ao distanciamento entre “palavras e coisas” ditas por meio de representações e da construção de positivities (FOUCAULT, 2000).

Deste ponto de vista podemos defender que Jacob (1985) faz uma arqueologia da escalada do Naturalismo como modelo dominante. Trata-se de um autor de relevância que nos traz elementos sobre a história dos conceitos de estrutura visível, organização, química do vivente, fósseis, conceitos estes recorrentes e que se estendem da era clássica até o século XX. É assim que ocorre um recorte histórico-arqueológico pelo qual o autor traz aspectos, sobretudo, de história natural e das chamadas ciências naturais e/ou da vida.

A busca por encontrar leis na decifração é o destaque. Decifrando as causas que tenham eficiência pouco importa não conseguir o ponto radical de decifrar as causas primeiras. Destaca o autor que “Decifrar a natureza é limitar-se à análise dos fenômenos para aí encontrar as leis” (JACOB, 1985, p. 40).

A decifração passa então a ter mais funcionalidade e também ter mais valor de enigma. Passa a ser necessária a representação dos objetos em um “sistema de sinais” com destaque para o sistema matemático. Em suma, o sinal não é fonte de Deus e pode ser reconduzido por várias combinações como Galileu já preconizara. Em Newton a representação passa a ter caráter menos matemático e mais analítico buscando integrar leis da natureza no universo. Desta forma, mais isolada, a Física desponta nos séculos XVII e XVIII, mesclando, conforme o autor, revelação e lógica e seguindo o padrão de uma ordem (JACOB, 1985).

Esta decifração marcada pelo recobrimento acima mencionado porta as passagens da Alquimia para a Química e da História Natural para a Biologia por meio de um ordenamento da analogia, ainda que a similitude saia da Filosofia e passe a ter caráter de moldura e junto disso dar um passo mais, pois para além de atender uma representação, a semelhança passa a ser imaginada (FOUCAULT, 2000).

A natureza desta moldura dos modos de decifrar é regida por enunciados e discursos. Foucault (2012) ensina que os enunciados dispõem de um sistema vertical de dependências entre conceitos e autorizadas por outros níveis, modalidades de enunciação excluídas ou implícitas, coexistindo de modo não livre. A questão sobre o aparecimento de enunciados indica que estudar o discurso é investigar a singularidade dos enunciados e suas condições de existência. Nesta perspectiva, a ciência também decorre de discursos e enunciados com seus efeitos de verdade e Jacob (1985) ratifica esta tese e a demonstra em seu debate.

Mesmo alcançando o universo das substâncias até chegar à Química, para Jacob (1985) o mecanicismo mais funcional desde Newton e o aporte analítico que se consolida com Lavoisier, por exemplo, amplia o prisma da diferença observacional para o mesmo fenômeno e instala no método analítico uma linguagem. O autor lembra que para Lavoisier um animal não é mais máquina pura, pois obedece a:

[...] princípios de uma extrema variedade, visto que se detectam fenômenos eléctricos até num músculo de rã. O modelo que permite melhor descrever um corpo vivo é o de uma máquina a vapor, com uma fonte de calor que é preciso alimentar, um sistema de arrefecimento e mecanismos para ajustar as operações das peças, para as coordenar, as harmonizar. (JACOB, 1985, p. 51)

Ele explica que deste modo Lavoisier uniu os modelos de analogia da Física e da Química para explicar como se encaixa tudo em um sistema funcional para atender demandas oferecidas pela natureza e a serem cumpridas pela relação parte e todo; afirma: “[...] É preciso que os dados empíricos se articulem em profundidade, que se escalonam em função das suas relações com um elemento de unificação que se julga simultaneamente condição de todo o conhecimento, mas fora do conhecimento” (JACOB, 1985, p. 94).

Para a Biologia, para fisiologistas, médicos e químicos em geral passa a ser necessário eleger princípios vitais para separar seres e coisas. Até hoje este impasse esbarra, por exemplo, na dificuldade em classificar os vírus e em definir fecundação e eutanásia, por exemplo. Isto demonstra que os elementos podem ser substituídos sem abalar a regularidade de uma prática discursiva, conforme os pressupostos de Foucault (2000; 2012).

Ao debater o conceito de enunciado, Foucault (2012) argumenta que o limite do discurso é restrito ou ampliado pelos enunciados que não se definem por estruturas. Proposição e frases diferem de enunciados porque o enunciado difere de um ato de formulação, embora seja acessível porque descreve uma operação utilizada pela formulação ao emergir uma possibilidade de interpretação.

Em um ato de formulação pode haver mais de um enunciado, que opera por e sob signos. Não os da língua porque Foucault (2012) não foca nas regras de estrutura da língua nem em sua totalidade, mas como formações discursivas que regem os enunciados. Língua e enunciado não têm relação de equivalência quantitativa mútua. O enunciado não é fundamental na existência de uma língua, mas esta existe para possibilidades de enunciados.

O enunciado é singular em campo, domínio, margem em relação ao que define uma verdade. Foucault (2012) argumenta sobre relação específica com repetição (pode ser repetido), domínio (limites impostos por conjunto de enunciados), posição (enunciado difere de sujeito de enunciado que pode assumir várias posições) e materialidade (não é feito de regras linguísticas, mas necessita de suporte). Mesmo sem referente definido, o enunciado marca possibilidades.

É este enunciado que Jacob (1985) identifica ao discutir o valor que os princípios vitais passam a ter no século XVIII e que no início do século XIX se intensifica a tentativa de conhecer a ordem e as funções das estruturas no interior dos organismos com o avanço da anatomia comparada e da paleontologia e suas buscas de organismos que desaparecem. Reside nisso, o uso de uma análise discursiva que não descreve apenas, mas decifra.

Jacob (1985, p. 156) avança, ao detalhar que no fim do século XVIII com Cuvier, por exemplo, decifram-se marcas do tempo geológico, de modo que “[...] Há uma só História, a história da natureza, narrada ora pelas pedras ora pelos fósseis, e é preciso recolher e saber articular todos esses indícios”.

Esta análise de vestígios de cataclismos, rupturas, camadas e fragmentos geológicos impuseram duras críticas a Cuvier, conforme explica Jacob (1985), mesmo que sua análise da dispersão da vida, pela interrupção e arbitrariedade sejam condições para o evolucionismo posterior. Fora acusado de teológico e conservador. No lugar desta visão, Lyell toma seu lugar ao propor uma geologia progressiva, sem cortes radicais, sem interrupções, recorrendo a fontes inacessíveis à observação por meio de uma análise

horizontal em categorias comparadas diretamente, em uma história linear da natureza (JACOB, 1985).

Faria (2010) explica que Cuvier defendia a classificação taxionômica baseada em organização corporal. O autor continua a explicar que esta classificação guiou estudos menos estáticos, posto que versavam mais sobre a história natural no paradigma darwiniano. Todavia, o modelo cuvieriano não impõe uma dicotomia com o modelo darwiniano. Este contorno do que parecia uma dicotomia demonstra que o enunciado estabelece “relação com possíveis objetos e domínios de objetos; não é visível nem tenta decifrar o oculto, não busca implícitos”, pois o “enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto” (FOUCAULT, 2012, p. 133).

É nesta linha que consideramos foucaultiana a argumentação de Jacob ao escancarar como a construção de objetos organizou-se aparentemente de forma específica na Biologia. Ao senso comum, sempre aparenta ser “tudo uma coisa só”, mas o que, como e por que houve separações? Como natureza e homem não se mostram de forma passiva como elementos de saber, as diversas positivities, as condições de possibilidade do que Jacob (1985) chama de valor racional e formas objetivas de um sistema de conhecimento se modificaram ao longo dos séculos; foram, por exemplo, conforme o autor, da subordinação à ordem no período clássico à lógica da função em período mais recentemente.

Outro aspecto desta monta mais destacado por Jacob (1985) é a individualização, que não aparece somente na Biologia, mas também nas Ciências Humanas e Sociais. É o embrião do que posteriormente se denominará psicologismo e sociologismo em um tom que já é de crítica e de tentativa de superação dos reducionismos. Jacob (1985) explica que a individualização dos objetos de estudo, ocorrida entre os séculos XIX e XX, ofereceu um compartimento mais específico para cada domínio da área da Biologia de modo que esta passa a se fragmentar não somente pelos objetivos, mas por suas técnicas, seus materiais de análise e, o que mais nos interessa daqui para adiante, sua linguagem.

Outra aproximação da leitura foucaultiana ao que é trazido por Jacob (1985) é a ênfase na linguagem que o século XX valoriza ao conferir à ciência um paradigma de combinatória de símbolos, a saber: sejam químicos, como no caso da fibra cromossômica, da molécula, do código e da mensagem genética no campo da hereditariedade; seja a

mensagem de um código genético veiculado na célula, por modelos unitários e estatísticos a serem definidos como uma cifra universal.

Em outros termos, a Biologia molecular, por exemplo, que resulta e se serve de um modelo universal e individualizante comporta em si mesma um campo de interpretações que tanto indicam uma linguagem própria quanto disfarça o que a faz se filiar às questões também caras aos outros campos do conhecimento científico.

Neste percurso a História Natural é recoberta pelo dispositivo da positividade da Biologia, no sentido foucaultiano de um corpo de verdades e um domínio de validade (FOUCAULT, 2012) e constrói um domínio de memória que estabelece, conforme vamos continuar a demonstrar a partir de Jacob (1985), filiações aos domínios da linguagem de áreas mais específicas; mas, claro, a ênfase do autor é na Biologia Molecular.

Algumas destas questões trazidas pelo autor lhe permitem indagar mais adiante de forma aqui parafraseada: qual seria a linguagem dos microorganismos (das bactérias, dos vírus)? A partir de qual linguagem as ciências os leriam? Haveria um código a partir do qual se leriam outros? Quais seriam os estatutos de individualização de seres vivos como bactérias, vírus, moléculas? Jacob (1985) nos convida a refletir sobre estas questões.

As formas de obtenção de energia das bactérias, e a forma textual assim referida dos genes, sua reprodução, por meio de polímeros que parecem contas de rosários se apresentam por mensagens que dispõem uma linguagem, a saber:

O código genético está hoje em dia quase inteiramente conhecido. Cada unidade protéica corresponde a uma combinação particular de três unidades nucleicas, a um tríptico. Como existem sessenta e quatro combinações de três unidades nucleicas escolhidas entre as quatro, a célula contém um “dicionário” de sessenta e quatro termos genéticos. [...] o código genético parece ser universal e a chave respectiva conhecida de todo mundo vivo. (JACOB, 1985, p. 262)

Ao analisar porque um vírus não é considerado organismo fora de uma célula, aparece novamente o retorno do enunciado sobre o princípio vital e da individualização, mas rompendo parcialmente com estes. Diz o autor:

Um vírus multiplica-se, portanto, não por crescimento e divisão, como uma célula, mas pela produção independente de seus constituintes, que são finalmente montados para reconstituir a partícula. Vê-se, por conseqüência, que o vírus possui certas propriedades do sistema vivo, mas não todas. (JACOB, 1985, p. 265)

A dimensão desta ruptura também se pode notar também quando Jacob (1985, p. 270) aborda a reprodução de caracteres de um organismo: “Não há possibilidade de reproduzir uma coisa senão na medida em que cada singularidade possa ser referenciada, ou que cada motivo, cada pormenor significativo, possa ser reconhecido”. Como se nota, a individualização anteriormente consolidada não divide questões sobre os organismos em contradições posto que indivisível. A noção jurídica de indivíduo impera; mas, no lugar de individualização, Jacob fala agora em singularidade.

Outra forma de discutir este embate entre indivisível e enfrentamento das contradições com vistas a uma singularidade que se aproxima e se afasta do campo do debate científico, poderia ser realizada por meio de autores como Haroche (1988), Henry (1992) e Ginzburg (1989). Os dois primeiros autores por tratarem da consolidação da forma-sujeito indivíduo e o último por debater o embate entre paradigma galileano e indiciário. Outro prêmio Nobel da ciência, Konrad Lorenz (1995, p. 43) destaca que conceber a relação entre parte e todo, entre um evento particular e a busca por correspondência na natureza sempre tem que se haver com “um resíduo muito grande que não pode ser racionalizado historicamente”. Ele trata disso ao defender que todo detalhe passível de estudo na natureza está marcado por “eventos evolutivos” (expressão do autor) sendo que é impossível recuperar todo este trajeto, sendo por isso que o cientista clássico se limita ao estudo da estrutura.

Ao questionar que esta relação não deve se limitar à estrutura, Lorenz (1995) também está elucidando que esta relação se atém, mas não se limita ao código de uma linguagem específica. Isto porque, como afirma o autor, ao indagar o porquê de uma estrutura ou de um ritual do comportamento animal, o biólogo atesta ser aquela uma linguagem criada embora a espécie estudada não informe isto. Ou seja, como já sabemos pela discussão do que se denominou estruturalismo em ciências humanas, o modo de considerar estes informes uma linguagem, denominá-lo de acasalamento, briga, etc., já está influenciado pela dimensão simbólica do homem. Estas considerações valem para estruturas mais complexas como o genoma já abordado por Jacob (1985) anteriormente.

Isto porque conforme Lorenz (1995) mesmo que se acredite haver uma linguagem genômica que anteciparia um projeto e um objetivo de um organismo, não há uma consciência criadora antecipatória. Há afirma um jogo de linguagem, com margem ao

acaso e com margem para se pensar que uma interferência humana; uma bioengenharia até poderia ter melhorado alguma estrutura, mas nada de forma teleológica, ou seja, antecipando o que está posto. A exemplo, ele menciona que na própria espécie humana não houve grupo étnico que tivesse superado, por meio de suas regras e tabus renegociados, todo tipo de comportamento anti-social.

Ou seja, a ciência pode tentar garantir o controle das contingências, mas algo escapa. Não há antecipação possível. E, após esta digressão, é possível destacar que Jacob (1985) concorda em oferecer outro patamar que destaque o valor no debate científico deste algo que escapa ao código de uma mensagem. Isto porque no campo da Biologia molecular, o autor demonstra este pressuposto ao explicar de que forma cópia e erro convivem na decodificação da linguagem cromossômica. Então, podemos cotejar que esta linguagem, conforme Henry (1992) é imperfeita.

Esta linguagem não é perfeita, a cada cópia há erro, e talvez por reconsiderar isso, os Físicos tenham se aproximado da Biologia, para descobrir alguma lógica interna dos símbolos da conservação e do desdobramento das estruturas celulares a cada nova mensagem hereditária. Muitas vezes, estas mensagens ocorrem em pacotes integrados, unidades que aglutinam subunidades denominadas por Jacob (1985, p. 287, aspas do autor) pela expressão “integrão”, pois “o código genético é como uma linguagem: mesmo devidas ao acaso, uma vez instauradas, as relações entre ‘significante’ e ‘significado’ não podem mudar”.

Apesar de conhecer esta linguagem em pacotes decodificados e ao mesmo tempo cifrados por um código genético que Jacob considera universal, nunca se chegará conforme este mesmo autor, a responder tudo sobre a passagem entre o orgânico e o vivente. Reside nisto o mistério da vida e o modo como as ciências abordam o desconhecido. Então o que Jacob ratifica é uma arqueologia (no sentido foucaultiano) que trabalha com espaços de dissensão e de contradição, pois analisa os diferentes tipos da contradição das chamadas ciências da vida, os diferentes níveis e funções destas promovendo, poderíamos afirmar, uma arqueologia da vida.

Considerações finais

Ao discutir o valor do princípio vital do século XVIII para XIX, Jacob (1985) delimita enunciados, no sentido da arqueologia foucaultiana. Detalha-os mostrando o interesse pelo paleontológico e o geológico e, em seguida, pelo molecular; cada qual, na linha do que Foucault (2000; 2012) aponta como adequação ao campo de domínio de um enunciado e também aberto a uma ruptura a ser pontuada. Um dos enunciados balizados por Jacob (1985) é definido pelo marco do estudo do valor das espécies, incluindo o estudo das funcionalidades destas.

Esta lógica da vida escava momentos de unidade e dispersão nas ciências naturais desde a denominação de história natural passando por positivities que criam verdades e disfarçam seus limites ao recorrer a enunciados que ratificam manobras diante do invisível por meio do uso de uma linguagem cada vez mais específica.

Esta especificidade se inicia com a passagem para o signo (FOUCAULT, 2000) e faz parecer que as áreas não dialogam, o que toca a especificidade tão exagerada e tão prejudicial à ciência, desconsiderando conforme a arqueologia de Foucault (2012) que os enunciados podem ser visíveis e não ocultos e continuar a manter relações entre os domínios de seus objetos.

Outro enunciado, no sentido de Foucault, trazido por Jacob é a individualização. A linguagem específica de cada tipo de individualização (de bactérias, vírus e estruturas moleculares) não ocorre de forma destituída de História uma vez que Jacob sempre integra linguagem e História ao “objeto” da ciência e, assim sai do trivial e provoca uma visão linear sobre escolas e tradições de pensamentos sendo que isto pode ser entendido pela análise arqueológica foucaultiana posto que consolidados com a pujança de uma arqueologia do saber. Em suma, dá para integrar mais os campos respeitando diferenças, sem manter o mesmo regime de positividade, que faz parecer que determinada área mantém verdade universal e a-temporal.

Referências

FARIA, F. F. de A. *Georges Cuvier e a instauração da Paleontologia como ciência*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

FARIA, F.F. de A. Joseph Leidy entre dois paradigmas da Paleontologia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. v. 7, 2012, p. 547-561.

FOUCAULT, M. La logique du vivant de François Jacob. *Le Monde*, 16 nov. 1970. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1970/11/16/la-logique-du-vivant-de-francois-jacob_2658669_1819218.html. Acesso em: 9 mar. 2021.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, 8. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2000. (originalmente publicado em 1966).

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária. 2012. (Publicado originalmente em 1969).

HAROCHE, C. Da anulação à emergência do sujeito: os paradoxos da literalidade no discurso (elementos para uma história do individualismo). In: LANE, S. (org.). *Sujeito e Texto*. São Paulo/SP: EDU, 1988. p. 61-86.

HENRY, P. *A Ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas/SP: Ed da UNICAMP. 1992.

JACOB, F. *A lógica da vida*. 2. ed. Lisboa: publicações Dom Quixote. 1985. (Publicado originalmente em 1970).

JACOB, F. François Jacob, savant et historien de la science. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. v.2, 1995, p. 149-154. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701995000200012>. Acesso em: 9 mar. 2021.

JAPIASSU, H. A epistemologia arqueológica de Michel Foucault. In.: JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro/RJ: Francisco Alves, 1988. p. 111-135.

LORENZ, K. Pensando em termos biológicos. In. Lorenz, K. *Os fundamentos da etologia*. São Paulo/SP: Ed da UNESP, 1995. p. 35-58.

MAIA, J. C. François Jacob: da indução erótica e do pijama. *Revista USP*. v.1, 1989. p. 191-194.

MOLLIER, J. *La lectura y sus públicos en la Edad Contemporánea: ensayos de historia cultural en Francia*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2013.

MORANGE, M. « François Jacob, lecteur de Buffon », *Bulletin d'histoire et d'épistémologie des sciences de la vie*. v. 15, n. 1, 2008, p. 7-14. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-bulletin-d-histoire-et-d-epistemologie-des-sciences-de-la-vie-2008-1-page-7.htm>. Acesso em: 14 jul. 2021.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. *Gestos de Leitura: da História no discurso*. Campinas/SP. Ed. da UNICAMP, 1997. p. 55-67.

PETIT, C; SANSONETTI, P. Hommage à François Jacob (1920-2013). *La lettre du Collège de France*. Paris, 38, juin. 2014. 54-59. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/lettre-cdf.1890>. Acesso em: 14 jul. 2021.

PORTOCARRERO, V. Vitalismo e constituição da Biologia segundo Jacob, Canguilhem e Foucault. In.: _____. *As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault* [online]. Rio de Janeiro/RJ: editora Fiocruz, 2009. p.105-125. ISBN: 978-85-7541-410-1. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575414101>. Acesso em: 9 mar. 2021.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia moderna*. São Paulo/SP: Cultrix, 1997.

ⁱ Doutor em Ciências (Psicologia) pela USP/*campus* Ribeirão Preto, com estágio na Universidade de Paris XIII. Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem/Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

E-mail: apereira.uesb@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3086934952503627>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1485-0095>



Linguagem e Discurso